



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO

NÍSIA MARIA TERESA SALLES

**VOCÊ JÁ PENSOU SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA? Pistas e  
Reflexões em um Movimento de Pesquisa**

**UBERLÂNDIA - MG**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S168v      Salles, Nísia Maria Teresa, 1971-  
2017      Você já pensou sobre o uso do celular em sala de aula? : pistas em  
um movimento de pesquisa / Nísia Maria Teresa Salles. - 2017.  
162 p. : il.

Orientadora: Lúcia de Fátima Estevinho Guido.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2017.39>

Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Educação - Efeito das inovações  
tecnológicas - Teses. 3. Telefone celular - Teses. 4. - Teses. I. Guido,  
Lúcia de Fátima Estevinho. II. Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

---

NÍSIA MARIA TERESA SALLES

**VOCÊ JÁ PENSOU SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA? Pistas e  
Reflexões em um Movimento de Pesquisa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Área de concentração:** Educação em Ciências e Matemática

**Orientadora:** Profa. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido

**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Profª. Dra. Elisa Antônia Ribeiro  
Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM



Profª. Dra. Camila Lima Coimbra  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

**UBERLÂNDIA – MG  
2017**

A todos que participaram ativamente da produção deste trabalho, seja através de uma indicação de leitura, por uma palavra de incentivo nos momentos de dificuldade, ou ainda pela companhia nas longas horas de escrita; com uma oração desejando sucesso ou ainda através de um simples sorriso, representando os votos de força, coragem e sucesso.... Que este trabalho se transforme em fonte de inspiração a tantos outros....

## AGRADECIMENTOS

Não há como deixar de demonstrar minha gratidão a Deus, Pai criador que me concedeu a vida, e que me acompanha em todos os momentos de desenvolvimento de minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Agradeço toda a orientação da Profa. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido, que com todo seu afeto e serenidade, oportunizou a realização deste trabalho compartilhado, com doçura e através de sua postura acadêmica, sabedoria e ética me possibilitou a construção de novos saberes. Realmente foi um momento de grandes afetividades!

A meu esposo Klemes César Pires, paciente e sempre presente. Companheiro de apoio e incentivo, com quem partilhei sonhos, ideias, sentimentos. Esta também é sua conquista! Obrigada por tudo!

À minha mãe, Maria Carolina da Fonseca, inspiração constante, amiga inseparável em todos os momentos, que me oportunizou a vida e a partilha deste momento. Fonte de inspiração como educadora, sei que cada passo conquistado são os passos que você também conquistou.

Ao meu irmão Fabiano de Cristo e minha Cunhada Ildamar Dias pelo apoio, torcida e por sempre acreditarem em mim.

A minha irmã Maria Amélia e meus sobrinhos Luciano e Leandro pelo carinho e apoio do qual sempre precisei.

Ao meu pai, Nuporê Salles, mesmo distante, de onde estiveres no infinito, sei que também fez parte deste momento, pois os laços afetivos nos unem para sempre. Também a todos os entes queridos que partiram, mas que fazem parte de minha vida, pois o sentimento é o maior que a ausência.

Aos meus tios, tias, primos que se fizeram sempre presentes, sei que também compartilham da felicidade por esta conquista. Obrigada pelo carinho de sempre!

A todos os amigos, presentes ou ausentes, distantes ou próximos, pelo apoio incondicional, minimizando as fraquezas e propiciando alegria nos momentos mais difíceis.

Aos amigos e colegas de trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Paracatu. Não citarei nomes, mas a cada um de vocês meu afeto que rompe distâncias.

Aos amigos e colegas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Uberlândia, em especial as companheiras de cotidiano, Déborah Santesso, Caroline Severino, Tatiana Boff, Marlei Souza, Márcia Lopes, Nara Moreira, Letícia Palhares, Raquel Almeida,

Hélia dos Reis, Rosiane Maria, Cícera Fernandes, em nome das quais agradeço a todos os demais, pela compreensão, apoio incondicional e auxílio neste ano de trabalho. Ao José Coelho pelas trocas e participação ativa. À professora Dra. Valéria Nemeh, que possibilitou também a escrita deste trabalho, por seu empenho e dedicação a este. A toda a equipe valorosa que se completa com o Professor Luis Augusto, Professor Dr. Thiago Taham, professor Dr. Arcênio Meneses e o professor Dr. Ednaldo Coutinho. Turma amiga, do “tudo junto e misturado” e em nome de quem agradeço a todos, enfato, a todos os servidores do IFTM. Não tenho palavras para agradecer. Também aos colegas Edinalva Ponciano, Lianza Rossela e aos coordenadores de curso, em nome dos quais agradeço os professores e técnicos administrativos que direta ou indiretamente participaram e torceram por meu sucesso. A vocês colegas, cada momento de torcida e vibração foram muito importantes para seguir até o fim. Também aos colegas do Campus Uberlândia Centro Eliane Bueno, Leila Márcia, Dickson Duarte, Juliana Vilela pela amizade ainda que distante em nome de quem agradeço a todos os colegas deste campus.

A colega de linha de pesquisa, também colega de trabalho, Liciane Mateus da Silva, pelos momentos de trocas de experiências e apoio mútuo. Você foi um “achado” dentro do IFTM!

A tantos outros colegas e amigos que direta ou indiretamente contribuíram de uma forma ou de outra para a realização de todo o trabalho. Não poderia deixar de mencionar Gianne Carrijo e Cláudia Soares que com sua arte muito abrilhantaram os encontros com os alunos.

À Raphaella Buso pela confiança e troca de saberes. Também ao C. E. S. A.R. e sua equipe, que abrilhantou com a música diversos momentos de construção.

Ao Grupo de pesquisa Estúdio MMuCCE – Mídias, Museus, Ciência, Cultura e Educação, coordenado pelas professoras Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido e Dra. Daniela Franco Carvalho, junto com os demais colegas do grupo. O apoio e aprendizado com vocês foi essencial para conseguir chegar ao final. Também ao Grupo de pesquisa GEPDEBS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Docência na Educação Básica e Superior, da Universidade Federal de Uberlândia, coordenado pela professora Dra. Geovana Ferreira Melo e demais componentes, pelo apoio e inspiração.

A todos os colegas e companheiros de Mestrado e Doutorado, batalhadores que compartilharam sempre as angústias, incertezas e alegrias. Ao colega de mestrado James Madson, também secretário do Programa, que junto com Leonardo e demais membros da secretaria apoiaram incondicionalmente nos momentos mais oportunos. A vocês, meus

agradecimentos pela paciência e atenção, sempre solícitos no atendimento de solicitações e dúvidas.

Aos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFTM – Campus Uberlândia, que voluntariamente aceitaram o convite para participar do grupo de estudos. Vocês são demais!!!! Tenho Orgulho de todos vocês! Agradeço também aos pais e responsáveis pela confiança depositada em mim. Vocês são o objetivo maior deste trabalho!

Aos colegas do GEIA, a todos vocês pelo carinho e apoio. Agradeço à Lanamácia e Ítalo Bianchi, Tatyana, Suzidarlei, Yasmin, em nome de quem agradeço a todos os demais pelo carinho e torcida. Não tenho condição de citar todos os nomes, mas creiam que me lembro de cada um.

Aos professores do programa, que tiveram papel tão importante, contribuindo com os debates calorosos e momentos de amplo aprendizado, participando ativamente deste momento de formação acadêmica. A vocês, Profa. Dra. Graça Aparecida Ciccilini, Prof. Dr. Guilherme Saramago de Oliveira, Profa. Dra. Geovana Ferreira Melo, Profa. Ma. Marisa Lomônaco de Paula Naves, Prof. Dr. Décio Gatti Júnior, Prof. Dr. Márcio Danelon, Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, o meu muito obrigada, pois o aprendizado que tive com vocês fez toda diferença em minha vida!

Às professoras Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido, Dra. Daniela Franco Carvalho, Dra. Camila Lima Coimbra, e Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha pelas contribuições que tanto auxiliaram e enriqueceram o texto através da qualificação desta dissertação.

Às professoras Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido, Dra. Elisa Antônia Ribeiro, Dra. Camila Lima Coimbra, Dra. Daniela Franco Carvalho e ao professor Dr. Paulo Irineu Barreto Fernandes pelas contribuições finais que complementam este trabalho na etapa final.

Enfim, a todos não mencionados, saibam que foram lembrados, pois que se encontram na mente e no coração. A vocês que direta ou indiretamente contribuíram para a conquista desta tão importante etapa os meus sinceros agradecimentos!

Muito Obrigada!

*O Segredo de Progredir é começar. O segredo de começar é dividir as tarefas árduas e complicadas em tarefas pequenas e fáceis de executar, e depois começar pela primeira.*

Mark Twain

## RESUMO

SALLES, Nísia Maria Teresa. **VOCÊ JÁ PENSOU SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA?** Pistas e Reflexões em um Movimento de Pesquisa. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

Este trabalho de pesquisa objetivou incitar a reflexão sobre o uso do celular em sala de aula, tema discutido e abordado pelas instâncias pedagógicas. A pesquisa foi realizada com discentes dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Agropecuária, Alimentos, Meio Ambiente e Manutenção e Suporte em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência Tecnologia, localizado em Uberlândia, Minas Gerais. Os questionamentos que orientaram a investigação foram: A tecnologia dos tempos atuais ainda aparece como um desafio para a educação? Na visão dos alunos, os professores entendem que esta nova tecnologia dos celulares já faz parte da realidade em sala de aula? Quais são as dificuldades e necessidades encontradas na educação para lidar com a inclusão do celular enquanto dispositivo dos processos de aprendizagem? Partindo de um ensaio e estudo sobre a cartografia, estas perguntas elaboradas a partir do referencial teórico e do convívio com jovens do ensino médio no espaço escolar delimitam os objetivos da pesquisa a fim de entender como acontece o uso do celular em sala de aula enquanto amplificador do universo dos estudantes do ensino médio. Reconhece-se a importância de assomar a questão tecnológica nos ambientes escolares devido à mudança social e de aprendizagem que esta tem causado. No entanto, as instâncias legais se manifestam, com decisões que desconsideram a importância tecnológica. Entretanto, as práticas pedagógicas na sala de aula ultrapassam os limites estritos da instituição escolar, gerando possibilidades amplas de abordagem, dos conceitos pedagógicos, que geram na sala de aula ressignificações importantes. Longe de indicar respostas, a pesquisa nos apresenta a cartografia que auxilia na abertura de possibilidades e discussões sobre as dúvidas que ainda surgem quanto à utilização deste recurso multimídia no espaço educativo, visto que este já faz parte da vida cotidiana dos alunos. Com o objetivo de incitar as discussões e propiciar novos conhecimentos acerca dos processos que envolvem os questionamentos e os debates no espaço da sala de aula, buscou-se desenvolver as discussões sobre a temática, em procedimentos metodológicos próprios nos quais se possibilitou a discussão de caminhos para se atingir os objetivos educacionais, visto que sua construção é feita passo a passo, com a finalidade de descrever, discutir e principalmente coletivizar toda a experiência vivenciada no âmbito da pesquisa em educação.

**PALAVRAS CHAVE:** Uso do celular, Sala de Aula, Educação.

## **ABSTRACT**

SALLES, Nísia Maria Teresa. **HAVE YOU ALREADY THOUGHT ABOUT THE USE OF CELL PHONE IN A CLASSROOM?** Clues and Reflections in a Research Movement. Dissertation (Graduate Program in Education) - Federal University of Uberlândia, 2017.

This research aimed to stimulate reflection on the use of the cell phone in the classroom, a topic discussed and approached by pedagogical instances. The research was carried out with students of the Technical Courses Integrated to High School in Agriculture, Food, Environment and Maintenance and Support in Informatics of the Federal Institute of Education, Science Technology, located in Uberlândia, Minas Gerais. The questions that guided the research were: Does the technology of the present times still appear as a challenge for education? In the view of students, do teachers understand that this new technology of cell phones is already part of the reality in the classroom? What are the difficulties and needs encountered in education to deal with the inclusion of the cellular as a device of the learning processes? Starting from an essay and study on cartography, these questions elaborated from the theoretical framework and the conviviality with high school students in the school space delimit the objectives of the research in order to understand how the use of the cell phone in the classroom as amplifier of the universe of high school students. It is recognized that it is important to address the technological issue in school settings because of the social and learning change it has caused. However, the legal instances manifest themselves, with decisions that disregard the technological importance. However, the pedagogical practices in the classroom exceed the strict limits of the school institution, generating broad possibilities of approach, of the pedagogical concepts, that generate in the classroom important re-significances. Far from indicating answers, the research presents cartography that helps open possibilities and discussions about the doubts that still arise regarding the use of this multimedia resource in the educational space, since this is already part of the daily life of the students. In order to stimulate the discussions and provide new knowledge about the processes that involve the questioning and debates in the classroom space, we tried to develop the discussions on the subject, in own methodological procedures in which it was possible to discuss ways to achieve the educational objectives, since its construction is done step by step, with the purpose of describing, discussing and mainly search the collective all the experience lived in the scope of research in education.

**KEYWORDS:** Classroom, Mobile use, Education.

## **LISTA DE FIGURAS**

|                 |                                                            |     |
|-----------------|------------------------------------------------------------|-----|
| <b>FIGURA 1</b> | Cartazes com convite para participação do Grupo de Estudos | 119 |
|-----------------|------------------------------------------------------------|-----|

## SUMÁRIO

|                                                                                                       |             |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                     | <b>12</b>   |
| <b>I - O CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO</b>                                     | <b>21</b>   |
| A Sociedade da Informação e Suas Conformações                                                         | 24          |
| O Celular: Breve Histórico e Implicações                                                              | 27          |
| O Celular e o Espaço Escolar                                                                          | 30          |
| O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM – Campus Uberlândia | 33          |
| <b>II. A CARTOGRAFIA COMO CAMINHOS DE FUGA: Pistas e Descobertas</b>                                  | <b>40</b>   |
| <b>III. VIVENCIANDO E PERCORRENDO NOVOS CAMINHOS</b>                                                  | <b>51</b>   |
| Primeiros Passos                                                                                      | 51          |
| Os Encontros                                                                                          | 55          |
| Primeiro Encontro – A Surpresa dos Acontecimentos                                                     | 58          |
| O Segundo Encontro                                                                                    | 64          |
| O Terceiro Encontro                                                                                   | 68          |
| Quarto Encontro                                                                                       | 75          |
| Quinto Encontro                                                                                       | 79          |
| Sexto Encontro                                                                                        | 81          |
| Sétimo Encontro                                                                                       | 84          |
| O Oitavo Encontro – Conduzindo por novos planos                                                       | 85          |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                           | <b>91</b>   |
| As Percepções Da Pesquisadora Sobre a Cartografia                                                     | 92          |
| As Percepções Da Pesquisadora Sobre O Uso do Celular em Sala de Aula – Os Movimentos da Pesquisa      | 93          |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                    | <b>100</b>  |
| <b>APÊNDICE I</b>                                                                                     | <b>107</b>  |
| <b>APÊNDICE II</b>                                                                                    | <b>109</b>  |
| <b>APÊNDICE III</b>                                                                                   | <b>110</b>  |
| <b>ANEXO I</b>                                                                                        | <b>1455</b> |
| <b>ANEXO II</b>                                                                                       | <b>1488</b> |

## INTRODUÇÃO

*Melhor do que a criatura, fez o criador a criação.  
A criatura é limitada.  
O tempo, o espaço, normas e costumes.  
Erros e acertos. A criação é ilimitada.  
Excede o tempo e o meio. Projeta-se no Cosmos  
Cora Coralina (1987, p. 52)*

A pesquisa quando toma a forma do objeto que a abraça, busca seus rumos próprios, tal qual a imagem e a vontade que resistem ao pensamento de quem a produziu e de quem a quer identificar. Neste processo, o olhar de quem a produz é diferente do olhar daquele que a observa de fora, pois, os olhares se abrem em outros espaços, e marcam, assim, uma ruptura no ato de ver e ouvir. A pesquisa se torna viva, pulsa ao passo em que estranha e provoca os sentidos, articulando em suas linhas de fuga o invisível, o indizível.

O interesse pela pesquisa sempre existiu nas vivências educacionais e se torna inviável pensar sequer um momento sem indagações, seja na vida pessoal, seja na vida profissional. No trajeto pessoal, a vontade de crescer, de conhecer, de descobrir pelo viés acadêmico novas sensações, novos afetos sempre levaram à pesquisa. Assim, desde os caminhos que levaram ao curso de Pedagogia no ano de 2002, deram continuidade aos estudos que culminaram com a especialização em Pedagogia Empresarial e Educação na Diversidade da Educação Básica, ambas cursadas em 2009 e 2010 respectivamente.

Ingressando enquanto profissional na área de formação ainda em 2011, atuando como Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, local aonde me encontro até o presente momento, instigou novos estudos que se tornaram fonte de inspiração para continuar buscando novas respostas, novos questionamentos, novos caminhos. No âmbito profissional, ao ingressar na vivência pedagógica de uma instituição de ensino técnico e tecnológico, vários desafios aparecem, alguns já fazem parte do cotidiano pedagógico, outros ainda pouco debatidos e explorados nos rumos da educação. Percorrendo estes caminhos, fica evidente a constante reflexão acerca de como se dá o processo de ensino aprendizagem em suas mais variadas facetas, voltadas diretamente para o mundo do trabalho, que faz parte da formação técnica e tecnológica desta instituição.

A descoberta constante destes novos saberes, a modificação de posturas e ideias fazem parte deste cotidiano e as reflexões aparecem neste contexto e trazem assuntos que persistem, incomodam, nos fazem pensar, investigar, discutir. Assim ocorre com o uso do celular em sala de aula, temática a ser desenvolvida na presente pesquisa.

Tendo por princípio o gosto pessoal e a facilidade de lidar com as novas tecnologias, estes também contribuíram para a discussão do assunto. O cotidiano da escola e da sala de aula bem como os sujeitos envolvidos fazem parte dos processos que pensamos em nossos fazeres pedagógicos. O uso do celular em sala de aula tem provocado um debate ainda polêmico, por isso, muito se discute sobre o assunto no tempo acadêmico, com poucas ações práticas a altura do ensejo questionador.

A produção que trazemos aqui tem como trajeto um percurso de conquistas, buscas e necessidades de pensar a educação. São várias inquietações e incômodos no curso de ser e vir a ser a pesquisadora, uma profissional do campo pedagógico. A partir das experiências rizomáticas que vivenciam, os sujeitos pesquisados tornam-se ativos, oferecendo sua própria tradução de sentimentos vividos para que a pesquisa ganhe forma.

O compromisso com a profissão e os anseios pessoais nos conduzem aos questionamentos sobre o campo pesquisado revelando as dificuldades que se apresentam frente ao desenvolvimento do processo de pesquisar. Este sofre influências individuais da pesquisadora e se desdobra nas relações pertinentes ao ensino, ao professor, ao aluno e à comunidade em geral. Elementos estes que fazem parte das atribuições do núcleo pedagógico do IFTM, local de atuação profissional da pesquisadora, e que referenciam suas experiências profissionais e individuais.

Enfim, todas estas experiências pessoais e profissionais, vinculadas aos meios aos quais se insere a pesquisadora, paralelamente a formação acadêmica, são fatores motivadores e condutores dos caminhos para a pesquisa sobre a inserção do celular na sala de aula.

Todas as experiências, as vivências e narrativas, as histórias, as pesquisas já realizadas, os caminhos percorridos, os encontros e desencontros, o plano dos sentidos a qual pertencemos, orientam com curiosidade nosso olhar de pesquisador. Os órgãos dos sentidos remetem para a compreensão do campo investigado, que partindo de diversas áreas do conhecimento, busca uma visão distinta para os saberes determinados pelo olhar questionador a que se propõe o investigador.

A compreensão dos motivos que levam à percepção de determinado tema requer um olhar mais amplo e complexo para a história de vida profissional e pessoal do investigador, pois as descobertas realizadas durante a pesquisa moldam e dão novo significado ao sujeito no processo.

O cotidiano da sala de aula bem como os sujeitos envolvidos faz parte dos processos que pensamos em nossos fazeres pedagógicos. E por se tratar de um debate ainda polêmico,

muito se discute sobre o uso do celular no tempo acadêmico. Tal discussão está vinculada ao desenvolvimento tecnológico deste novo século, que se depara com poucas ações práticas a altura do ensejo questionador de muitos, em especial dos alunos que lidam com esta situação cotidianamente na sala de aula.

Estes questionamentos resumem as inquietações que levaram a busca da pesquisa desenvolvida na linha de pesquisa Educação em Ciências e Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, focalizando a percepção dos discentes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio a respeito da temática que focalizamos, a saber: o uso do celular em sala de aula.

Dessa forma, ao se problematizar o uso do celular na sala de aula, alguns questionamentos foram sendo delimitados, dentre eles, destacam-se: o celular dos tempos atuais ainda aparece como um desafio para a educação? Na visão dos alunos, os professores entendem que esta nova tecnologia dos celulares já faz parte da realidade em sala de aula? Como os alunos entendem as dificuldades encontradas na sala de aula para lidar com a inclusão do celular enquanto dispositivo dos processos de aprendizagem? Estas imprecisões elaboradas a partir do convívio com jovens do ensino médio no espaço escolar delimitam o problema da pesquisa que busca refletir sobre o uso do celular em sala de aula enquanto objeto do cotidiano dos estudantes do ensino médio.

A disseminação e o uso do celular pela sociedade atual trazem à tona inúmeras polêmicas vivenciadas em nosso cotidiano e que também estão presentes no espaço escolar. Estes questionamentos envolvem desde debates mais simples, como as convenções do uso do celular (respeito e regras de etiqueta para o uso do celular), até problemas mais complexos resultantes de atos infracionais, como os casos de invasão de privacidade e desrespeito às regras de direitos autorais.

Os desafios impostos à escola nesta nova sociedade são imensos, pois esta deve ter a capacidade de desenvolver nos discentes capacidades de interação e participação em um mundo global, altamente competitivo, valorizando a flexibilidade e criatividade demonstradas nas soluções inovadoras de problemas diversos.

Garrett (2005) argumenta que os docentes, em seus debates efusivos sobre o uso do celular em sala de aula, preocupam-se com a necessidade de reconhecer aspectos positivos, mas também negativos sobre o uso desta tecnologia em sala de aula junto a suas características incríveis louvadas pela maioria. Estes debates e questionamentos gerados pelo assunto

promovem frequentes discussões nos mais diversos ambientes, seja no espaço escolar ou em outros espaços da sociedade em geral.

Nos debates realizados no campo de atuação da pesquisadora, percebe-se que, há por parte dos docentes, um incômodo em relação ao uso dos celulares em sala de aula, visto que objetivam comumente o debate frente à atuação profissional docente. Neste sentido, Gabriel (2013) argumenta que estes profissionais sentem o peso das responsabilidades pelos alunos, principalmente quanto à atenção às aulas, considerando-se o grande volume de informações presentes nas redes que, de certo modo podem não contribuir na construção do conhecimento e no processo de mediação pedagógica.

Vivian e Pauly (2012) alertam para o fato de que o desenvolvimento tecnológico no cotidiano de nossas vidas, fazem com que os aparelhos celulares, com a nova tecnologia que surge com a denominação de smartphones, tornem-se computadores portáteis, capazes de se manter conectados à internet, com mais recursos disponíveis do que os do próprio computador. Seu significado traduzido como telefone inteligente segundo os autores, traduzem em uma gama de recursos que podem ser bem ou mal utilizados, podendo assim propiciar danos ou benefícios a outros. Desta forma, destacam os autores (VIVIAN, PAULY, 2012), também na sala de aula, sua utilização poderá ser utilizada para auxiliar em práticas educativas atualizadas. Por já fazer parte não só do cotidiano de nossa sociedade, mas também do cotidiano escolar, Costa (2009, p. 206-207) ressalta:

Hoje, as novas tecnologias que possibilitam a comunicação instantânea centrada nas imagens em movimento estariam instaurando novas formas de vida e novos contornos do que chamamos de humanidade. Desenvolvendo a hipótese de que os mundos social e simbólico estão subordinados às tecnologias e de que delas emergem formas de viver e estar no mundo [...].

Assim, esta investigação intenciona refletir sobre o uso do celular em sala de aula, possibilitando novas discussões sobre as dúvidas que ainda surgem quanto à utilização deste recurso multimídia no meio escolar, visto que este já faz parte da vida cotidiana dos alunos. Salientamos que o estudo visa olhar o uso do celular pela ótica dos alunos. Pretendemos utilizar como objeto de investigação os eventos que levam à abordagem do uso do celular na sala de aula e como esta utilização repercute nas reflexões dos alunos.

Percebemos em nosso campo de pesquisa, iniciativas ainda tímidas que surgem neste contexto e que são compartilhadas demonstrando que o uso concreto e produtivo desses dispositivos contribui para engajar e incentivar os alunos no aprendizado, pois a partir dos celulares os estudantes podem gravar, fotografar e escutar o que se produz em sala, enviar conteúdo a colegas e também receber os conteúdos enviados pelos professores, recebendo

tarefas e compartilhando ideias, pois o objetivo é demonstrar que a mobilidade é o principal trunfo desses aparelhos, que podem ser acessados a todo o momento e em qualquer parte.

Pierre Lèvy (1996) nos lembra de que vivemos em um mundo com intenso fluxo de informações e que sofre mudanças permanentemente, onde o conhecimento se torna um recurso em constante mudança e expansão. A flexibilidade, fluidez e desterritorialização<sup>1</sup> do conhecimento e descentralização de saberes, a comunicação não se depara com barreiras de tempo e espaço, oferecendo também diversas possibilidades de aprendizagem, pois que desaparecem as barreiras de acesso aos bens de consumo, produtos e comunicação. O aspecto que mais importa nesta nova sociedade não se trata da tecnologia em si, mas das possibilidades de interação que estas proporcionam através de uma cultura digital.

Castells (2000) comenta que o paradigma tradicional que antes colocava o sujeito em posição de passividade enquanto espectador do mundo, agora o posiciona frente a um processo coletivo que busca a remoção de todas as fronteiras, sejam estas políticas, sociais, econômicas e também do conhecimento.

Os desafios da escola e que se impõe por esta nova conjuntura social denominada de sociedade da informação<sup>2</sup> é extenso, pois exige a capacidade do desenvolvimento nos estudantes de alçadas que lhes possibilitem ampla participação em interação num mundo globalizado, extremamente competitivo, onde se valoriza a flexibilidade individual, bem como a criatividade e a capacidade de gerar soluções inovadoras para os problemas futuros, utilizando-se de uma capacidade de compreensão abstraída do processo de aprendizagem que não pode ser estático e ocorre continuamente ao longo de toda a vida do indivíduo.

As discussões acerca da problemática desenvolvida surgem das transformações e permeiam os meios educativos, em especial na formação tecnológica dos educadores quanto ao uso do celular, que demandam processos de transformações contínuos do mundo do trabalho, e consequentemente do espaço globalizado em que vivemos e que geram novos paradigmas na

---

<sup>1</sup> Lévy (1996, p. 90) utiliza-se deste termo proposto pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), e enfatiza que os saberes nesta nova sociedade tende a se desvincular de um ponto central pré-determinado. Assim é que a hierarquia de saberes se torna móvel e se relativiza. Desta forma, a produção de conhecimento se relaciona diretamente às possibilidades e necessidades de certa visão social que se estrutura a partir da leitura da realidade que se faz pelas diferentes culturas.

<sup>2</sup> De acordo com Crawford (1983), O conceito de Sociedade da Informação foi definido por Peter Drucker, em 1996, em seu livro *The Age of Discontinuity*, onde se refere a uma sociedade pós industrial onde o poder da economia surgem em um novo bem precioso: a informação. A ideia subjacente ao conceito desta sociedade é o de uma sociedade inserida num processo de mudança constante, fruto dos avanços na ciência e na tecnologia. É neste contexto que autores como Castells (2000), Levy (1996), Postman (1992), entre outros, anunciam e fundamentam o aparecimento de uma nova sociedade - “A Sociedade da Informação”, também denominada de “terceira onda” por Toffler (2002).

sociedade moderna. Castells (2000) explica que a informação é parte integrante de toda atividade humana e está inserida em processos de uma existência individual e coletiva que são moldadas pelos novos aparatos tecnológicos. Portanto, apresenta-se em uma lógica de redes, um conjunto de relações que se adaptam à complexidade de interação e a imprevisibilidade do desenvolvimento que se deriva do poder criativo destas interações. Assim, sua flexibilidade de modificação, reconfiguração torna-se um elemento imprescindível na sociedade que se caracteriza pela constante mudança e fluidez organizacional. Segundo o mesmo autor a integração de sistemas através da convergência tecnológica não se distingue tão facilmente, pois a interdependência crescente às revoluções eletrônicas também atingem os métodos e velocidades do tratamento da informação oriunda de diversas fontes.

Segundo Castells (2003, p.7):

O que caracteriza a revolução tecnológica atual não é o caráter central do conhecimento e da informação, mas a aplicação deste conhecimento e informação a aparatos de geração de conhecimento e processamento da informação/comunicação, em um círculo de retroalimentação acumulativa entre a inovação e seus usos. A difusão da tecnologia amplifica infinitamente seu poder ao se apropriar de seus usuários e redefini-los. As novas tecnologias da informação não são apenas ferramentas para se aplicar, mas processos para se desenvolver. (...) Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força produtiva direta, não apenas um elemento decisivo do sistema de produção.

Takahashi (2000) reflete que, para que a sociedade possa se transformar e conseqüentemente, ajustar seus conhecimentos, torna-se necessário o estabelecimento de critérios de organização e seleção de informações que vão além das influências vivenciadas pelos constantes fluxos informativos de que se dispõe. Sua dinâmica requer um espaço de educação continuada que ao longo da vida do indivíduo permita que este vá além de acompanhar as modificações tecnológicas, mas que possa, acima de tudo, aprender a inovar.

Vale lembrar que as questões que envolvem novas tecnologias são sempre questionadas a todo instante no meio educacional pelos envolvidos no processo: professores, equipe pedagógica, pais e comunidade e alunos. Estes questionamentos surgem pela modificação da estrutura das aulas, que passam a contar com lousa digital, data show, notebook e outros equipamentos, principalmente pelos professores, no intuito de tornar a aula mais significativa para os alunos. Pelos caminhos percorridos neste processo, em amplos debates e discussões, pretendemos descortinar novos olhares para este suporte de comunicação, de forma a possibilitar a compreensão de como os aparatos educacionais podem incluir o acesso às atuais fontes de informação e comunicação, bem como aos novos saberes, utilizando o celular como ferramenta.

Tendo este cenário como ponto de partida, pontuamos as indagações apresentadas, que dão nuances e novas características à produção da pesquisa a ser apresentada: analisar como os discentes percebem a utilização do celular na sala de aula; verificar como utilizam esta mídia no processo de aprendizagem; pontuar as descobertas sobre alguns dos saberes necessários à inclusão de novas mídias na educação; compreender como os alunos gostariam que o professor abordasse o uso do celular em sala de aula.

A pesquisa ocorreu no ano de 2016, contando com a participação de discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia por um período aproximado de 6 (seis) meses. Os sujeitos da pesquisa são os alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, tendo em perspectiva a visão destes referente ao uso do celular em sala de aula e suas percepções de como o assunto é tratado no meio escolar, em particular na sala de aula. Os discentes compõem o quadro de alunos dos cursos Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Manutenção e Suporte em Informática Integrado ao Ensino Médio e Técnico em Agropecuária Integrado ao ensino médio, do primeiro, segundo e terceiro ano destes cursos. Optamos por não eleger um curso ou ano específico, visto que a proposta é ouvir as ideias dos alunos de modo geral, frente aos fatos percebidos na educação, sendo que a questão do uso do celular trata de uma reflexão ainda social, que perpassa os muros da escola.

Destacamos que a temática se insere em um campo de pesquisa com um olhar voltado às tecnologias e profissionalização, pois que os sujeitos inserem-se em uma escola tecnológica, que dentre várias modalidades contempla a área de informática.

A pesquisa foi organizada em duas fases propiciando a apresentação e argumentação do tema pretendido. Na primeira etapa foi realizada a pesquisa bibliográfica e a preparação do projeto para execução de encontros com os alunos. A segunda etapa contou com encontros em grupo, onde a cada encontro foi traçado os caminhos pretendidos pelo coletivo de forma a agregar motivação para as pretensões do tema inicial e sempre que necessário modificações foram realizadas a medida que o grupo se familiarizava com a temática.

Baseando-se no debate sobre como o grupo percebia o uso do celular em sala de aula e como se dá as relações que surgem no ambiente escolar com os mais diferentes sujeitos de sua vivência, sejam eles professores, colegas, família, equipe escolar<sup>3</sup> nos forneceu elementos para

---

<sup>3</sup> Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos – CEP/UFU, de acordo com o parecer nº 1.516.140, obedecendo-se aos trâmites legais necessários, com todos os formulários exigidos por este comitê.

compor com conhecimentos que ensejamos possam contribuir para se pensar nas relações existentes nas instituições escolares e na necessidade do debate contínuo no meio educacional, podendo ter utilidade como fonte científica para os demais profissionais da área, para que possam (re) pensar os processos de pesquisa e debates atuais.

Destacamos ainda como arcabouço teórico da pesquisa a importância da cartografia, que possibilitou momentos de estudo e despertou o interesse em aprofundar mais sobre suas características. Estas considerações estão em um tópico, mas salientamos que ela [a cartografia] é parte relevante em cada capítulo, uma vez que a pesquisadora sentiu necessidade de incluir na escrita da pesquisa as inquietações de se constituir como cartógrafa. A Cartografia, desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995), possibilitou à pesquisadora um exercício em cada passo desenvolvido, desde o projeto inicial até a escrita desta dissertação que aqui se apresenta. Entretanto, cabem ressalvas, visto que não é tarefa fácil despir-se dos conceitos prévios de uma vivência profissional e acadêmica. Não pretendemos apresentar conceitos e desenvolvimentos únicos, isentos de outras interpretações sobre os autores, mesmo porque temos a consciência da necessidade de opiniões divergentes.

Este processo de pesquisa vem agregar novos conhecimentos. Assim, sem o desdém às metodologias já existentes, buscaram-se através do entendimento cartográfico, novos caminhos que pudessem enriquecer o conteúdo e a forma trabalhada, tendo plena consciência das dificuldades enfrentadas em cada etapa, que muito marcaram a reflexão de ideias aqui apresentadas, transformando-se em alvo de desejo da pesquisadora.

Este trabalho trata do desejo e de suas dimensionalidades, acreditando-se que sem desejo não há vida. Entretanto, como entender aquilo que desejamos? Deleuze e Guattari (1996) comentam que o desejo é moralizado por dispositivos que se realizam a partir da excelência da reação. Assim sendo, a realidade é construída sem que possamos ouvir o que nosso próprio corpo deseja ou ensaja. Entretanto, os principais anseios se voltam para aquele que escreve: como compreender esse processo que se desenvolve no corpo de quem escreve? Assim, o trabalho trata de uma cartografia do desejo daquele que escreve. Ainda segundo estes autores, a visão rizomática da estrutura do conhecimento não estabelece começo ou fim para o saber, mas seus fragmentos apresentam um corpo que dá sentido inicial e provisório a sua prática, mesmo que esta seja insuficiente para dar microsensibilidade às porosidades apresentadas no caminho a ser cartografado. Estes caracteres nos levam à ânsia por um território comum onde muitas vezes perdemos de vista o horizonte das nuances, como se buscássemos novas escritas sobre conteúdos já existentes, que levam em conta apenas a visão de cada participante e se

esquecem de que entre estes sujeitos existem pensamentos intrincados entre os interstícios. São estes outros elementos que nos levam para longe do que parece previsível, sem que deixemos de desejar ou evitando abrir mão do nosso desejo, em que tudo é mais do mesmo.

Deste modo, esta dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos, sendo estes organizados respectivamente a partir dos estudos teóricos e do desenvolvimento em grupos de debate e questionamentos apresentados sobre o tema discutido. No primeiro capítulo, são colocados os embasamentos teóricos sobre o tema. Passamos então aos processos metodológicos compreendidos na pesquisa, em seu viés teórico que explicitam a necessidade de buscas diferenciadas e que atendem às perspectivas do local de pesquisa. O terceiro capítulo aponta o processo de desenvolvimento da pesquisa e um posicionamento das discussões presentes no seu desenvolvimento. O quarto momento discorre sobre os desdobramentos dos encontros em grupo e dos processos decorrentes destes processos, demonstrando os caminhos percorridos pelo grupo na busca de novos caminhos. E finalmente, apresentam-se as considerações finais, referenciais bibliográficos e anexos que complementam este trabalho.

O desenvolvimento desta, como de qualquer outra pesquisa não tem pretensões de respostas prontas ou verdades, pois a plena certeza só pode ser evidenciada por aquele que a percebe em uma perspectiva real. Tendo como fato as discussões e elementos observados, seu objetivo é possibilitar variadas interpretações que surgem a partir reflexão dos fatos, construindo as realidades vividas a partir do percurso que se traça neste desenvolvimento teórico metodológico. Esta é a contribuição que pretendemos valorizar, suscitando mais dúvidas do que repostas.

## I - O CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

*O sujeito transcendental é histórico, variável, indefinido, compósito. Ele abrange objetos e códigos de representação ligados ao organismo biológico pelos primeiros aprendizados. Deve, mesmo, ser estendido a todo o equipamento cognitivo fornecido ao indivíduo por sua cultura e pelas instituições das quais ele participa: língua, conceitos, metáforas, procedimentos de decisão... O ser cognoscente é uma rede complexa na qual os nós biológicos são redefinidos e interfaceados por nós técnicos, semióticos, institucionais, culturais.*

Pierre Lévy (1993, p. 98)

Somos seres históricos, e escrevemos o nosso futuro. Somos participantes do desenvolvimento que transforma o meio social em que vivemos, e que se refletem na educação em todos os seus delineamentos. O ser humano faz parte de um bioma, uma rede complexa que anseia pelo progresso, permeando as reflexões e tomadas de novas atitudes. Buscamos aprender com nossas convivências cotidianas, com nossos valores e conduta moral que regem outras formas de aprendizagem. Convivendo com a diferença, conscientizando atos que desempenhamos em nossa vida cotidiana, visto que a alteridade e a possibilidade de seguir novos caminhos dependem de um amplo processo de aceitação de si, desenvolvendo-se em uma busca mais humanizada, provocando através das redes que nos torna humanos a possibilidade de novas descobertas. Estas questões nos permitiram entender de outras formas o objeto de pesquisa, agora não visto mais sob uma ótica única, da pesquisadora em campo, mas com a intenção de percorrer caminhos que sendo construídos no processo permitem ver a pesquisa na perspectiva cartográfica.

Neste caminho escolhido, buscamos no rizoma o entendimento de que a vida humana clama por constante revisão, por debates e reflexões que modificam as atitudes, levando-nos a convivências com paradigmas que partem do respeito mútuo, supondo a necessidade de novas condutas e outras perspectivas diante do eu e do outro, de forma a valorizar o coletivo, utilizando-se do respeito às diversidades e interações demandadas no processo.

O rizoma, conceito abordado por Deleuze e Guattari (1995), surge dos conceitos de botânica sobre o que está enraizado (FERREIRA, 2010); e enquanto ramificações dos bulbos e tubérculos, transitam, entrelaçam, cruzam-se em novos caminhos, sem abandonar os caminhos já percorridos, apesar de conceber um sistema mais complexo, diferenciado, com formas diversas:

O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14).

Quando pensamos o tema orientado pela pesquisa, e refletimos sobre as questões envolvidas na utilização de um recurso tecnológico que norteou expressivas transformações em nosso meio social, passamos a perceber a importância da reflexão sobre aspectos teóricos envolvidos em seu desenvolvimento. A experiência teórica sobre o tema nos leva a revisitar um movimento tecnológico que data de aproximadamente uma década, mas que nos parece tão intrincado em nossas vidas, pois já se tornou íntimo de nossa vivência cotidiana,

Não se trata unicamente da visão da pesquisadora, mas parte de uma complexidade maior, que vê no outro a possibilidade de si mesmo, de seus próprios rizomas, transformando, alterando caminhos, cartografando diferentes espaços.

A imagem do rizoma serve para transmitir a ideia de que precisamos substituir, em nosso imaginário epistemológico, tudo o que remete a centros fixos, troncos dominantes, ramificações excessivamente delimitadas do saber, disciplinas autossuficientes, significados fechados, certezas conclusivas. (ASSMANN, 1998, p. 81).

O processo da pesquisa que passamos a relatar nos capítulos seguintes apresenta não apenas as ideias singulares da mesma, mas uma construção coletiva que decorreu de todo um transitar entre as linhas de fuga, em busca de um plano comum. De uma mera apresentação bibliográfica, a pesquisa se tornou um relato do próprio movimento que surge a partir da participação coletiva de uma construção única, singular, oportunizando ampla reflexão sobre o tema. As discussões e anseios trazidos pela pesquisadora se confirmaram através dos questionamentos e debates realizados no âmbito da pesquisa, representando o anseio coletivo por discussões, questionamentos e debates. A construção de ideias e discussões não se deu de forma aleatória ou imposta pela pesquisadora, mas se desenharam pelo sentimento comum e pelo anseio coletivo de estudo sobre as temáticas em torno do uso do celular em sala de aula.

Coube neste percurso a organização de ideias com finalidade de embasar os conhecimentos compartilhados. Conhecimentos teóricos que a partir da tomada de decisões foram se construindo e fluindo no processo de trocas de experiências, instrumento importante para a reflexão sobre a escolha dos temas teóricos apresentados neste capítulo.

Neste contexto, o movimento cartográfico se constituiu numa construção de mapas que exteriorizam os momentos vivenciados em coletivo, mas com uma visão individual necessária para o encontro de finalidades semelhantes e que propiciaram momentos de descobertas de se habitar novos territórios dentro da complexidade do plano comum, buscando o rizoma em si mesmo, envolvendo os rizomas que surgiram com o decorrer da pesquisa, e através de novas

linhas de fuga se desterritorializaram nos anseios de uma proposta diferenciadas, distinta, mas que se apresenta na realidade vivenciada. Foi necessário uma leitura bibliográfica inicial realizada pela pesquisadora, para a construção de conceitos e ideias a respeito do uso do celular em sala de aula. Entretanto, este estudo de forma alguma interferiu na escolha do embasamento teórico realizado pelo grupo de pesquisa que, em seus encontros, foi reconstruindo conceitos, buscando respostas para os anseios coletivos e não individuais.

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

Estes processos de desterritorialização não são isolados, ocorrem em ramificação, se ligam uns aos outros, fazem conexões, abrem linhas de fuga, se encontram em territórios paralelos de imitação e se revezam nas intensidades e heterogeneidades do rizoma.

Estas transformações pela qual passa a vida humana nas últimas décadas trazem mudanças nos mais variados contextos, transformando as relações humanas em um processo mais complexo e problemático que se modifica de forma imediata e rápida.

Bauman (2003) faz breves reflexões sobre estas relações humanas, acreditando que os laços sociais da atualidade se dão em redes, e não mais em comunidades, pois que os relacionamentos passam a ser chamados de conexões que podem ser feitas, desfeitas e refeitas. Os indivíduos estão aptos a novas conexões e desconexões de acordo com sua vontade, o que dificulta a manutenção de laços em longo prazo.

As atuais problemáticas da vida humana envolvem o espaço escolar, pois lá ecoam os processos culturais de nossa sociedade. A escola e a sala de aula, enquanto local de saberes, são espaços de transformações e trocas de ideias, formação de novos conhecimentos, frente à complexidade da natureza das relações que se estabelecem no seu cotidiano. Neste sentido, a abertura para debates e reflexões nestes espaços podem trazer novos significados. As transformações tecnológicas em curso, se presentes no processo pedagógico podem contribuir para a experimentação coletiva de troca e aquisição de novos conhecimentos, de outras visões dos saberes, sendo possível a tarefa de aproveitar as experiências dos sujeitos diante da contínua aventura de desconstrução e reconstrução de processos imanentes à realidade cotidiana, transformando o espaço educacional como local único que propicia a formação de novos valores, novos conhecimentos, rompendo barreiras individuais e coletivas que nos levam a vida em uma nova sociedade.

Neste limiar, pensamos sobre a utilização do celular em nosso dia-a-dia. O aumento da utilização dos aparelhos de telefonia móvel, mais especificamente o smartphone, em nosso cotidiano ocorreu rapidamente, de forma tal que a elevação do número de usuários nos leva a algumas alterações na forma de ser, de agir, de interagir nas diversas relações com o meio social em que vivemos. Para entendemos as perspectivas educacionais propostas pelo celular, cabe uma breve reflexão sobre os contornos desta nova sociedade, ainda sem uma definição clara mas que se movimenta no sentido de buscar suas conformações no mundo atual.

### **A Sociedade da Informação e Suas Conformações**

Ao pensarmos os acontecimentos históricos que transformam o cenário social da vida humana, percebemos uma remodelagem em sua base, que ocorre em ritmo constante e acelerado, sequenciado pela própria reestruturação de valores políticos, econômicos, educacionais e sociais, que passa por um processo de flexibilidade e um acentuado desenvolvimento em todos os seus segmentos. Tudo se traduz nas perspectivas da sociedade da informação. Entretanto, as dicotomias que representam a visão de aspectos econômicos que se sobrepõem aos aspectos sociais geram uma cisão que contribui para a transformação social acelerada pelas mudanças culturais, que modifica toda a estrutura social.

Na frente destas modificações, torna-se necessário a consideração de questões de cidadania, educação, socialização e humanização, de forma a se conceber uma sociedade igualitária e participativa, especialmente no que se refere aos avanços tecnológicos e informacionais.

Demo (2000) citando Castells, esclarece que a denominada “sociedade do conhecimento” é utilizada praticamente como sinônimo de “sociedade da informação”, mesmo que esta última traga mais forte a perspectiva da “rede”. Assim, um dos fatores que preponderam nesta nova sociedade é a tecnologia da informação. O desenvolvimento crescente dos elementos tecnológicos revoluciona o modo de viver, de pensar, de agir e de se comunicar, alterando a estrutura social até então baseada em outros moldes de vivência. Esta mutação acelerada demanda do indivíduo uma constante e contínua reciclagem de conhecimentos, na tentativa de correspondência ao ritmo da mudança.

Nesta perspectiva, Castells (2000) alerta para o surgimento de um novo modelo de comunicação, voltado para uma linguagem universal digital, que personaliza as identidades individuais. Estas novas tecnologias passam a integrar o mundo através de redes globais de

instrumentalidade, mediada pela informática, que revolucionam os modos de pensar e de sentir a vida social.

O autor citado acima (CASTELLS, 2000) enfatiza que este novo modo de pensar e sentir a vida a partir de aspectos tecnológicos não leva em conta os fatores ligados ao conhecimento e informação, mas na aplicação destes para geração de novos conhecimentos, bem como no processamento destas informações a partir de um ciclo realimentado pela inovação, que passa a expressar o pensamento humano em termos de bens, serviços, produção material e intelectual. Isso tudo interagindo com os contextos culturais e de ação social em um novo sistema que tem sua própria lógica e que se caracteriza pela transformação das informações individuais em um sistema comum.

Neste contexto, Saco (2002) prevê a caracterização desta nova sociedade em uma esfera informal, com individualização de processos que influenciam diretamente a esfera social. Assim é que esta nova sociedade passa a conviver com sistemas globais que regem a economia e a troca de informações, de uma forma global instantânea, mas ao mesmo tempo efêmera regida pelas velocidades das redes eletrônicas cada vez mais sofisticadas e onde quase todos os serviços oferecidos são automatizados no todo ou em parte, transformando também as definições de temporalidade.

Castells (2000) aponta que as novas tecnologias passam a dar nova perspectiva ao mundo integrado em redes globais de instrumentalidade, gerando uma construção primária da sociedade informacional que se caracteriza pela preeminência da identidade como um princípio organizacional. Nesta sociedade, o ator social se reconhece e se reconstrói com base em um conjunto de atributos que remodelam as estruturas sociais.

A partir do desenvolvimento da sociedade do século XXI, Moran (2008) destaca que a informação passa a se processar de forma multimidiática que se compõe em uma conexão instantânea, que se completa através da narrativa subjetiva a partir das formas de perceber, de sentir e de se relacionar.

Para o autor (MORAN, 2008), a construção do conhecimento perpassa por uma remodelagem mais livre, com conexões abertas que permeiam os meios sensoriais, emocionais e de organização que se modificam a medida que criam convergências e divergências instantâneas, através de um múltiplo processamento de informações e de imediatismo de respostas.

Ainda segundo Moran (2008), a convivência com as mais diversas formas de processamento da informação dependem dos objetivos específicos e determinados,

predominantes através do processamento das informações. A rapidez das informações sociais nos leva a enfrentar as mais diversas situações a partir do momento instantâneo, utilizando-se cada vez mais do processamento das multimídias que nos levam a compreender os temas mais abstratos e que exigem respostas rápidas, imediatas, combinadas com a compreensão do tema. O autor destaca ainda que estas conformações sociais são rápidas e instantâneas, respondendo de forma cíclica e em tempo real, com respostas instantâneas que passam a conceber as respostas de forma sintética e facilitada. São novas conformações de aprendizado que nos levam por vezes a buscar a informação como resposta instantânea, mas que não se processa em termos de conhecimento efetivo.

Bauman (2001), quando reflete sobre o espaço escolar destaca a visualização de um espaço dividido, com predestinações que não se confundem ou se misturam, ao passo que o tempo escolar também se indissocia quando se segmenta em momentos que se destinam a atividades específicas, definido a escola em um conjunto de espaço e tempo que se representam em um ajuntamento que gera uma orientação individual que define sua organização em um objetivo em si. O autor ressalta ainda que a escola precisa se atentar para a organização diferenciada de seu espaço que, quando não é bem organizado corre o risco de perder de vista os objetivos do processo educativo, passando enfim a atribuir valores para o que a princípio sugere um simples mecanismo de apoio e facilitação, com vistas à organização da aprendizagem transformando os indivíduos em células isoladas, desenvolvendo-se de forma controlada em fronteiras estabelecidas e que impedem o acesso a outros caminhos.

As mudanças sentidas e percebidas pela sociedade da informação serão traduzidas em ritmo mais lento na educação, porque nos encontramos em processos de desigualdade de aprendizagem e evolução pessoal e social, que se misturam e, em certo ponto, confundem o processo de organização destes segmentos.

Assim, o referido autor (BAUMAN, 2001) reflete o posicionamento da escola que se encontra no contratempo de novas definições que se impõem pela movimentação deste processo social, e que afetam a natureza da educação que a priori, passa a examinar seus moldes com objetivo de transmitir aos educandos habilidades necessárias para o compartilhamento da vida que se adapte a uma fluidez da informação e de sua transformação em conhecimento. Não se trata de uma mudança através de modismos, pois sua natureza incorpora especificidades que decorrem de seus encargos e responsabilidades, onde os sentidos e significados de tempo e espaço não se identificam de forma igualitária para todos os sujeitos que passam por suas mais diversas experiências.

Se, conforme Castells (2009), temos as tecnologias que enfatizam uma reestruturação radical das organizações e dimensões de conhecimento através desta flexibilidade e horizontalidade, por outro lado o autor enfatiza sobre a necessidade de atentarmos para o contraste das estruturas hierarquicamente organizadas. Aqui entra o papel da educação, cumprindo em certo momento tarefas específicas a fim de atingir determinadas metas que vão além das novas tecnologias, transformando por sua neutralidade, os processos de mobilidade e transformações, condicionados à sua atuação, propiciando uma educação que prepare a vida neste novo contexto. Assim, todos os educadores envolvidos no processo, em atuação conjunta à sociedade à qual se insere devem levar em consideração o significado de educar nos tempos atuais.

### **O Celular: Breve Histórico e Implicações**

O Telefone Móvel Celular, popularmente designado no Brasil como “celular”, tem seu nome derivado de uma rede de telefonia móvel, onde cada célula (daí provem a nomenclatura celular) se define pelo raio de ação de uma das estações base do sistema, sendo que sua representação da rede se assemelha a uma colmeia (LING, 2004).

Seus precursores são os rádios comunicadores utilizados em aviões e barcos, sendo que seu primeiro protótipo foi criado no Bell Labs<sup>4</sup> em 1947. A partir deste período vários aparelhos foram desenvolvidos e testados até que quase trinta anos depois, em 1973 o sonho se tornou verdade: Marty Cooper, um engenheiro da Motorola conseguiu ligar das ruas de Nova York através de um celular a um concorrente chamado Joel Engel, da empresa Bell Labs. Assim aparece o primeiro aparelho que só passou a ser comercializado em 1983, marcando a primeira geração dos mesmos. A partir deste marco, estes se atualizaram com uma velocidade constante, a fim de atender ao mercado mundial<sup>5</sup>. A alta demanda por serviços de internet contribuíram para a evolução das redes de telefonia móvel, ocasionando na primeira década do século XXI uma rápida popularização e crescimento da utilização dos celulares. Neste caminho, em 2007, a empresa Apple lança o iPhone, o primeiro smartphone, com um formato que transforma a aparência da maioria dos telefones celulares tendo como principal característica a ausência de

---

<sup>4</sup> Bell Telephone Laboratories (ou Bell Labs) era originalmente o braço de pesquisa e de desenvolvimento AT&T dos Estados Unidos, desenvolvendo uma série de tecnologias consideradas revolucionárias desde comutadores telefônicos, cabos de telefone, transístores, LEDs, lasers, a linguagem de programação C e o sistema operativo Unix. Dados disponíveis no site da empresa: <https://www.bell-labs.com/explore/history-bell-labs>. Acesso em 15 de Jul. 2016

<sup>5</sup> Dados disponíveis no site da Fundação Telefônica: <[www.fundacaotelefonica.org.br](http://www.fundacaotelefonica.org.br)>. Acesso em 15 de Jul. 2016.

teclados numéricos físicos, deixando-os por conta de softwares específicos através de sistemas operacionais próprios (MANEY; HAMM; O'BRIEN, 2011).

Esta nova tecnologia que surge com os aparelhos celulares, e que se expande cada vez mais a partir das novas tecnologias e expansão de recursos, vão permitindo ao telefone celular outras funções que vão além da realização de chamadas e de envio de mensagens, chegando à transmissão de imagens ao vivo, música e televisão, além de conectividade com redes sociais, internet e tantos outros recursos que são viabilizados como novidades a cada novo modelo. Com isso, os celulares passam a ser comumente tratados como “comunicadores móveis” (RHEINGOLDT, 2012, p. 13).

Almeida (2003) destaca que, a partir de uma visão histórica de seu surgimento enquanto artefato eletrônico é possível perceber que este aparelho que toma conta de nosso cotidiano nos propicia diversas novidades no campo das pretensões e sensorialidades do ser humano. De acordo com este autor, o desenvolvimento da telefonia, da era da comunicação se realizou através de fios e cabos, resumidos a residências particulares com uma função de se isolar o universo particular das conversas públicas. Posteriormente, com a popularização do telefone celular e o desenvolvimento dos modernos smartphones rompe-se estas barreiras comunicativas, anunciando a era da comunicação sem fio, permitindo a partir de sua modernização e expansão das redes de telefonia móvel, a realização de chamadas de qualquer lugar, propiciando uma flexibilidade nos atos comunicativos.

Rheingoldt (2003) ressalta que a modernização e seu aspecto cada vez mais portátil, trazem novas tendências do comportamento humano que se reflete ainda na cultura humana, podendo arriscar o advento de novos tempos inventados ou reinventados, pois o mundo se torna cada vez menor, e a noção que temos de distância se altera por completo. O celular, com funções que vão além do telefone convencional, monitora seus usuários e sua função principal do processo comunicativo é identificar a localização do usuário através de trocas de informações resumidas, interferindo assim, em hábitos sociais convencionais, não havendo necessidade de permanecer em uma localização fixa como em casa ou no trabalho, pois o acesso a este dispositivo pode ocorrer no ônibus, fazendo compras em um supermercado, na rua, no carro, em qualquer lugar.

O autor citado acima (REINGHOLD, 2012) ressalva ainda que as junções dos componentes tecnológicos, econômicos e sociais, criam uma infraestrutura geradora de ações humanas nunca antes possíveis de acontecerem, suscitando modificações de longo alcance, que passam a afetar os relacionamentos, as tarefas, as comunidades e até mesmo os mercados,

possibilitando uma cooperação através de uma comunicação que busca conectar objetos reais a ambientes virtuais, modificando os artefatos de controle remoto no mundo físico.

Percebemos que, frente a estas transformações tecnológicas, o celular passa a ditar algumas feições da cultura contemporânea tendo como ponto de partida a sua inserção nas novas configurações sociais. Entretanto, observa-se que o processo de massificação deste artefato em nossa cultura transformou nitidamente a antiga concepção dada ao telefone, enquanto mero aparelho de comunicação passa a proporcionar uma nova cultura social, que vai produzindo novos significados a partir das diferentes funções que o aparelho móvel disponibiliza. Através destas novas tecnologias, novas sociabilidades desencadeiam um processo coletivo de disseminação cultural (PEREIRA, 2003).

Este avanço no desenvolvimento e na disseminação das tecnologias da comunicação propiciou ao indivíduo novas formas de interação com o conhecimento e com os outros indivíduos, indo da experiência física e concreta, ao encontro virtual e, imaterial, ampliando e acentuando as capacidades sensitivas do ser humano, fazendo com que o homem utilize outros mecanismos para se comunicar cada vez mais, transformando os ambientes sociais em lugares de geração de sociabilidade, aproximando sociedades e reforçando os laços existentes no ambiente físico. A disseminação do telefone móvel abre novas oportunidades para esta comunicação, visto que possibilita a invenção de novas e diferentes formas de interação na contemporaneidade, eclodindo no mundo físico através das alterações sociais, contribuindo para a criação de novos sentidos e outras formas de organização da sociedade (ALMEIDA, 2003).

Castells (2009) chama atenção para o fato de que os telefones celulares adquirem cada vez mais certa centralidade na vida cotidiana, e pela possibilidade de transposição de barreiras, transformam-se em importante elo de uma inclusão simbólica entre os atores sociais, em uma lógica contemporânea fortemente marcada pelo momento instantâneo, por sua mobilidade e pelo processo de virtualidade. Podemos perceber objetos fundamentados nos questionamentos da pesquisa, onde a utilização do celular, assim como outras mídias de informação passam a ser percebidas em um modo de estar no mundo, sempre mediado pelas tecnologias de comunicação e informação, características importantes da cultura contemporânea.

Estas colocações nos levam a refletir sobre o consumo destes novos bens em uma cultura do presente, da informação instantânea que nos leva automaticamente a uma busca frenética pela atualização, mas que demanda contínuos processos de renovação, atualização, ressignificação e sentidos do ser sobre si mesmo.

Neste sentido, Esteve (1991) enfatiza que a escola contribui na formação e compreensão da realidade e da reflexão sobre ela, promovendo a conscientização e aceitação das diferenças individuais, valorizando em cada um a convivência dentro dos aspectos diversos da humanidade e da aprendizagem cooperativa. A evolução mundial ocorre a bytes e a inclusão social revela as potencialidades de aprendizagem de todos os indivíduos, por isso as inovações educacionais devem implicar em propostas de ensino que atendam à sociedade contemporânea, que preconiza a falta de espaço para preconceitos e discriminações de indivíduos, já que seu objetivo principal permeia a interação coletiva em um mundo que promova o bem estar social.

Partindo destes conceitos, nascem debates das questões que envolvem a inclusão digital, inclusão social e suas relações. Para Pranzetti (2002), o mundo digital ocupa espaço imprescindível nas atividades humanas e torna-se assim parte deste movimento fundamental para a inserção social, enquanto meio de contato com o mundo globalizado. O celular, enquanto parte integrante deste novo período social pode gerar problemas das mais variadas ordens. Por outro lado contribui para a melhoria dos relacionamentos sociais e meios de vida, onde, de forma gradativa a tecnologia móvel de comunicação acaba por se incorporar ao cotidiano e às situações e deixa de existir como mero objeto de desejo, tornando-se uma necessidade cotidiana que cria fortes vínculos de dependência com as tecnologias presentes no aparelho.

Costa (2009) aponta que a tecnologia assume papel central na reconfiguração da vida e dos sentimentos que circundam esta nova era. As inquietações, o questionamento de novos saberes está sendo submetido a critérios metódicos transformam um conjunto de atitudes que trazem uma característica única a esta nova era digital diante as infinitas possibilidades de conhecimento que produzem novos fenômenos educacionais, e transformam outros processos tradicionais. Dentre estes, destacamos a sala de aula.

### **O Celular e o Espaço Escolar**

Kenski (2008) alerta que na atualidade os avanços tecnológicos invadem as instituições de ensino, e geram um paradoxo, visto que temos professores com as mais diversas formações e vivências, lidando com alunos que possuem habilidades que vão além do uso comum das tecnologias. Assim, novas exigências de qualificação são requeridas, que implicam em novas competências para o trabalho docente.

Para a referida autora, o uso e o domínio das tecnologias enquanto ferramentas educacionais torna-se um desafio para educadores da contemporaneidade, e aqui se inclui o celular, que tem modificado o cotidiano das crianças, jovens e adolescentes, gerando a

necessidade de abarcar esta nova tecnologia no espaço escolar. O celular se constitui desta forma, como ferramenta tecnológica que pode agregar significados ao processo educacional, podendo agir como estímulo ao prazer da descoberta.

Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 30) apontam que as tecnologias digitais móveis são um desafio às instituições, uma vez que as obrigam a migrarem para uma aprendizagem centrada na participação e na integração com contextos significativos. Assim, ampliam as possibilidades de ressignificação do conhecimento, uma vez que os conteúdos devem ser elaborados pela conjugação de elementos teóricos e práticos através do recurso tecnológico que podem levar também à necessidade de uma reestruturação do processo de formação docente, a fim de prepara-los para o desenvolvimento de novas habilidades.

A utilização do celular enquanto recurso didático na sala de aula pode ser entendido como um campo em que há muito por se fazer em termos de pesquisas e práticas. Costa (2009) ressalta que, com o avanço da ciência e da tecnologia, o conhecimento tem papel de destaque na sociedade, e um dos desafios da educação trata da incorporação das mudanças que este tipo de sociedade exige. Posto isto, o autor (COSTA, 2009) ainda nos relembra que os desafios da educação em formar um cidadão autônomo, investigativo, crítico, reflexivo, criativo e que os conhecimentos específicos superem a dicotomia teoria e prática para melhor atender a nova configuração do mundo do trabalho e a sua inserção em uma sociedade reestruturada nas tendências do mundo globalizado carregam a necessidade de que ocorram mudanças na sala de aula e que acompanhem as necessidades de produção dos conhecimentos de uma sociedade que se encaixa sobre a inquietação tecnológica e informacional que desqualificam formas de vida desconectadas deste novo universo, levando ao fascínio e desejo de sua valorização nos mais diversos pontos do globo.

Apesar das tecnologias propiciarem um leque diferenciado de informações e possibilidades que nos conduzam a novos conhecimentos, este fator não é suficiente para resolver todos os problemas referentes ao uso de tecnologias em sala de aula. É necessário verificar as possibilidades que surgem, a partir da realidade cotidiana do meio escolar, fazendo deste um instrumento de motivação para propiciar aos alunos novas maneiras de adquirir conhecimento.

O celular apresenta multifuncionalidades que se caracterizam por sua mobilidade e facilidade de utilização, por isso é um instrumento tecnológico levado ao meio escolar pelos estudantes, gerando certa inquietação sobre sua utilização na sala de aula. Esta entrada do celular no meio escolar tem sido alvo de debates sobre o tema, pois se trata de um produto que

impulsiona a lógica de manter acesa a expectativa de estar sempre à frente das novas tecnologias. Assim, a tecnologia atinge a sociedade o que pode provocar mudanças sociais que ocasionam também uma expectativa de soluções. São mudanças rápidas e instantâneas que modificam toda a estrutura social e consequentemente, os meios educacionais.

Para Pretto (1999), vivemos em uma sociedade de comunicação generalizada ou comunicação em rede, que origina alunos sedentos pela inclusão de novas mídias na escola. Estes alunos, conhecidos como nativos digitais<sup>6</sup>, aprendizes do novo milênio exigem professores cada vez mais articulados e atualizados. A utilização das tecnologias possibilita a construção dos saberes através de experiências e da ampliação ao acesso às informações disponibilizadas, que propiciem a oportunidade de realização de um trabalho pedagógico atualizado. Entretanto, este tema tem gerado muitas discussões nos espaços educativos, pois são muitas as justificativas para não se aderir a utilização dos recursos digitais, que vão desde a falta de tempo para uma atualização do professor até a precariedade das instituições de ensino no que tange a ter acesso aos produtos tecnológicos, assim como a manutenção dos mesmos.

Em uma sociedade composta por diferentes tipos de pessoas, convivemos também com várias formas de se processar a informação. Importante lembrar, conforme aponta Moran (2008) que a aprendizagem digital não ocorre de forma fragmentada, mas interdependente, compreendendo as dimensões da realidade, de forma a expressar sua totalidade sempre de maneira ampla e integral. O autor afirma que o processo de interiorização da informação pode ocorrer de diversas maneiras, a partir dos objetivos e do universo cultural de cada indivíduo. Na atualidade, o processamento das informações através da multimídia pode ocorrer por meio das partes que integram as linguagens que se sobrepõem simultaneamente. Da mesma forma, devemos também conviver com diversas formas de processamento desta informação que varia individualmente e coletivamente. O ritmo alucinante das informações favorece também a compreensão com uma assimilação imediata, pois a busca por respostas instantâneas demandam resultados também imediatos. Da mesma forma a mídia comunicativa tem por hábito repassar a informação sintética e com fáceis respostas. Tudo isso gera novas situações no aprendizado que podem possibilitar respostas múltiplas para situações diversas. A sala de aula torna-se ambiente mediador dos diversos processos lógicos de aprendizagem, que a partir da realidade vivida, pode ser direcionada pelos objetivos propostos em determinada etapa.

---

<sup>6</sup> Segundo Palfrey (2011), o termo “Nativos Digitais” foi criado pelo norte-americano Marc Prensky (2001). Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência.

A este respeito, Kelpandis (2002) comenta que o meio escolar, em sua prática reflete de forma natural a cultura de uma sociedade. Assim sendo, modifica-se continuamente para atender as demandas que germinam frente a estas modificações sociais de forma contínua no intento de responder às mudanças desta sociedade. Trata de um processo natural, possível de observação cotidiana, mas que é permanente no meio escolar, enquanto reproduz os reflexos dos processos sociais.

Para Sousa (2008), este processo ao qual se engaja a educação de uma nova sociedade dinâmica e moderna faz uso de novos recursos didáticos a fim de alcançar a revolução dos problemas desta era. Entretanto seu enfoque dependerá da forma como se pensa a educação dos indivíduos, não apenas para aquisição da informação, mas que esta possa ser utilizada para a solução de problemas ligados a sua vida social, gerando um fortalecimento dos mais diversos contextos socioeconômicos e culturais que demanda dos educadores um amplo entendimento dos diversos recursos tecnológicos, além de saber estreitar laços entre tais recursos e a internet, a fim de elaborar estratégias que facilitem o processo de ensino e aprendizagem.

Para Born (2006), a nova cultura escolar que agrega o uso do celular no âmbito da sala de aula opera poderosos meios que repercutem profundamente na reconfiguração das dimensões da condição humana das sociedades contemporâneas, propiciando espaços e experiências que influenciarão seu modo de vida social, visto que as práticas pedagógicas na sala de aula ultrapassam os limites estritos da instituição escolar.

Assim, os conhecimentos ultrapassam os muros da escola, gerando uma desnaturalização de discursos teóricos e de disciplinas instaladas no âmbito escolar, abrindo espaços para visibilidade de dispositivos disciplinares na escola e fora dela, ampliando e implementando as identidades subjetivas que trazem à tona novos temas, questionamentos e problemas, que também passam a ser objeto de debates no currículo e no âmbito pedagógico da instituição escolar. Segundo Born (2006), estes fatos geram no ambiente escolar uma repercussão não apenas nas questões disciplinares e comunicativas, mas também aponta para a necessidade de ingerências na seleção de conteúdos curriculares, sugerindo a abordagem de novas práticas pedagógicas na sala de aula.

### **O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM – Campus Uberlândia**

A partir de Julho de 2008, a educação profissional e tecnológica passa a integrar a Lei nº 9.394/96, de diretrizes e bases da educação. As alterações na LDB tiveram o propósito de

transformar em lei as inovações trazidas pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), objetivando a melhor preparação dos profissionais de nível médio, elevando a escolaridade dos cidadãos brasileiros, sejam eles jovens ou adultos, mas que fazem parte da mão de obra profissional necessária para a emancipação de todos os setores de nossa sociedade (PACHECO, 2011). Os artigos 37, 39, 41 e 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propõe que a educação profissional integre-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Passam a ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando assim a construção de diversos itinerários formativos com aperfeiçoamento dos discentes na área escolhida. A lei também dispõe sobre os tipos de cursos que a educação profissional e tecnológica abrange de formação inicial e continuada ou qualificação profissional, técnica de nível médio e tecnológica de graduação e pós-graduação (BRASIL, 2010).

O ensino técnico ou ensino técnico-profissional constitui uma modalidade de ensino vocacional, orientada para a rápida integração do estudante de nível técnico em suas diversas modalidades, no mercado de trabalho, com características específicas que podem variar conforme o país e o seu sistema educativo (MACHADO, 1982, p. 33).

Neste sentido, o governo federal justifica implementar na área educacional, políticas que oportunizem milhões de jovens e adultos da classe trabalhadora. Enquanto agentes políticos comprometidos com a democratização e popularização destes projetos, cabe aqui uma ampliação de nossas ações educativas com o objetivo de vincular estratégias com um projeto que busque não somente uma inclusão destes agentes em uma sociedade desigual, mas que oportunize também a inserção na construção de uma nova sociedade pautada em uma oportunidade de igualdade política, econômica e social, de formação de um cidadão apto para o mundo de trabalho de uma organização globalizada. Observa-se que os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia se caracterizam por uma inovação ousada no que tange os conceitos de antecipação das bases escolares futuras, comprometidas com uma sociedade plenamente democrática e socialmente justa (BRASIL, 2008).

Esta revisão do contexto histórico nos remete à compreensão do desenvolvimento do Ensino Técnico que se vê marcada por uma tensão que surge por uma multiplicidade de definições do Ensino Médio, resultando assim na dualidade do ponto de vista conceitual e operacional, entre formação acadêmica e formação profissional. Desta maneira, a formação técnica fica inserida em um polo de estrutura do campo educacional que se define pelas políticas de educação, subdividindo a mesma em seu caminho de se saber pensar em contrapartida a uma

educação voltada em específico ao ensino técnico-profissional, ou para a operacionalização do saber-fazer (KUENZER, 1998, p. 89).

Pacheco (2011) enfatiza ainda que esta dualidade que se estabelece em função da necessidade exacerbada do Capitalismo que se fortalece no processo de globalização do século XXI, em concordância com o sistema vigente, criou a geração de mão de obra que atenda às necessidades prementes frente à produtividade em massa para se atender às regras de livre mercado, principais responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento social de um país. Isso tudo têm influência direta no profissional da educação, aqui entendido como todos aqueles que interagem com os educandos, inseridos em uma especificidade de sua tarefa, interagindo com o processo de educação, e atuando diretamente como formador de mão de obra especializada.

Esta breve reflexão sobre a concepção da educação profissional no Brasil tem fundamental papel sobre os fatores que permeiam o permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, na condição de formar mão de obra qualificada, face a demanda do processo produtivo em constante transformação. Embora, seja uma concepção bastante limitada, esta proposta apresenta em seu cerne a possibilidade do resgate da cidadania no processo de democratização da sociedade, uma vez que se destina a alunos oriundos do ensino fundamental, médio e superior, bem como ao trabalhador em geral, jovens e adultos, independente da escolaridade alcançada.

Refletir sobre o processo histórico de formação do Ensino Técnico no Brasil, bem como as perspectivas que surgem na formação dos Institutos Federais visa entender o permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, na condição de formar mão de obra qualificada, em face de uma demanda do processo produtivo em constante transformação, e com isso refletir sobre os docentes que atuam para a estruturação e a consolidação desta modalidade de ensino que visa o crescimento do país, de uma perspectiva de desenvolvimento geral, com formação plena de mão de obra capacitada para atender a esta demanda de desenvolvimento. Assim, faz-se presente a necessidade de investigação das vivências práticas do cotidiano destas instituições, para entendimento da formação pedagógica do profissional que atua nestas instituições, seja enquanto docente ou ainda os técnicos administrativos envolvidos no processo, inseridos nas mais diversas linhas científico-tecnológicas, de acordo com os objetivos de formação dos Institutos Federais.

Na ausência de parâmetros para realizar uma referência, os vários segmentos da Rede de Institutos Federais abriram mão de seus referentes culturais e dentre as diversas discussões demonstraram no formato institucional descrito na lei que fora sancionada pelo Presidente da

República, Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo o texto da Lei, no seu art. 2º,

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluri curriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimento técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei (BRASIL, 2008a).

Dessa forma, a lei pôs fim, pelo menos do ponto de vista legal, a algumas das tensões identitárias e semânticas suscitadas pela nova institucionalidade. Os Institutos nascem, pelo menos no seu formato jurídico institucional, procurando distinguir-se da universidade clássica (embora nela se inspirem), assumindo uma forma híbrida entre Universidade, Escolas técnicas, Escolas Agrícolas, Cefet, e escolas do Sistema S, representando, por isso mesmo, uma desafiadora novidade para a educação brasileira. Do ponto de vista pedagógico, o perfil dos professores em uma ampla abrangência, envolve uma necessidade, visto que se configura inserido a uma política de valorização do desenvolvimento pessoal e profissional e das instituições de ensino técnico e tecnológico vigentes na nova estrutura de uma nação, pois pressupõe condições específicas de trabalho que se insere na formação contínua do docente, em redes de auto formação e em parceria com outras instituições de formação, pois estes trabalham inseridos ao conhecimento vinculado à dinâmica de uma sociedade multimídia, voltada à globalização que transforma instantaneamente os mercados produtivos que englobam a formação de alunos jovens e adultos.

Longe de realizar uma crítica sobre o processo, percebe-se que a criação dos Institutos Federais apresenta ainda limites a serem observados, em face de suas amplas possibilidades de desenvolvimento da Educação Tecnológica no Brasil. Entretanto, a consolidação de suas bases ainda dependerá da conjugação de diversos fatores, dentre eles, a compreensão ampla do papel estratégico que estes assumem no desenvolvimento nacional e no fortalecimento da cidadania, frente a tradução de suas práticas que emergem do plano retórico, não restringindo a educação profissional apenas à formação de trabalhadores para atender às demandas exclusivas do mercado, marcando significativamente o mundo do trabalho do país.

A concepção de mercado de trabalho sugere a consolidação e construção dos diferenciais que irão proporcionar uma identidade própria a estes institutos, destacando-se pela capacidade de articulação dentre os diversos setores do ensino, ciência e tecnologia, em constante sintonia com as demandas do desenvolvimento local e regional. Este embate acerca significações e ressignificações dos modelos de educação profissional existentes na rede, enquanto modelo diferenciado dos moldes predominantes na universidade brasileira, da qual

seu corpo docente se origina faz com que reflitamos acerca da importância da formação profissional, visto que a educação da atualidade insere-se numa realidade complexa e a construir, cuja efetivação envolve a disputa de projetos para a sociedade como um todo e não apenas para área tecnológica e científica. Os Institutos Federais se tornam hoje, mais que um novo modelo institucional, enquanto expressão maior da atual política pública de educação profissional brasileira, gerando modificações altamente significativas na vida e na história das instituições que optaram por aderir à proposta governamental, já que estes se tornam um exemplo do “pacto nacional” no campo da educação profissional.

Observa-se que estas instituições podem constituir-se em importante ferramenta de ideias e práticas voltadas para a construção de uma nova “pedagogia da hegemonia”, de uma educação para o consenso sobre os sentidos de democracia, cidadania, ética e participação (NEVES, 2005).

Por outro lado, pode ser uma importante oportunidade de transformação e melhoria da educação profissional no Brasil. O caminho que será trilhado, somente poderá ser percebido com clareza no futuro, e dependerá muito da ação política de docentes, discentes e técnicos administrativos das instituições, assim como de pesquisadores que investiguem qualificadamente e criticamente o processo real de implantação dos Institutos Federais.

Acreditando no princípio de que educar é criar condições para que o indivíduo desenvolva e expresse ao máximo suas potencialidades, os cursos técnicos apoiam-se no objetivo maior da Educação enquanto premissa de inserção das pessoas no mercado de trabalho, por meio de organizações governamentais, como forma de alavancar o desenvolvimento de espírito de iniciativa e autonomia, permitindo o encontro de diversas alternativas na busca de trabalho e renda, além de um importante processo de inclusão e inserção do cidadão na sociedade à qual pertence.

Em termos futuros, essas instituições podem representar o desafio a um novo caminhar na produção e democratização do conhecimento. Acreditando no princípio de que educar é criar condições para que o indivíduo desenvolva e expresse ao máximo suas potencialidades, os cursos técnicos apoiam-se no objetivo maior da educação com a premissa de inserção das pessoas no mercado de trabalho, por meio de organizações governamentais, como forma de alavancar o desenvolvimento de espírito de iniciativa e autonomia, permitindo o encontro de diversas alternativas na busca de trabalho e renda. Buscou-se com a análise destes fatos históricos, que permeiam a Educação Técnica no Brasil, instigar a formação pedagógica por aptidões tecnológicas sugeridas pelos caminhos de inovações educacionais.

Cabe refletirmos sobre estes aspectos referentes ao campo de pesquisa, com potenciais próprios a serem abordados, com pertencimento de um campo de pesquisa que possibilite a construção de parâmetros como forma de organização dos elementos teóricos que se constituem na sistematização desta dissertação e que podem colaborar com a reflexão sobre um espaço escolar que se insere, apesar de seus aspectos peculiares, em um processo maior que nos leva ao debate de pertinência da educação no aspecto processual de formação do indivíduo. O Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM – Campus Uberlândia apreende da missão dos Institutos Federais alguns aspectos diferenciados das demais instituições de ensino de nível médio. O fato do aluno permanecer na instituição em tempo integral, tendo em sua formação curricular além das disciplinas de núcleo comum básico do ensino médio, uma formação técnica direcionada ao mercado de trabalho ao qual se insere. Esta visão do aluno a respeito de novas perspectivas técnicas denota ao mesmo tempo uma formação diferenciada, através de um corpo docente concursado, com formação mais ampla, que proporciona aos mesmos também diferenciado posicionamento frente à carreira docente e suas perspectivas profissionais, que intrinsecamente também se relacionam aos aspectos educacionais envolvidos.

Desde sua fundação, o IFTM - Campus Uberlândia desenvolve suas atividades em conformidade com sua missão, visando a excelência na formação geral e na preparação profissional do estudante (IFTM, 2014).

Para alcançar a formação de cidadãos capacitados e competentes que atuem em sua área de formação, pesquisa, difusão de conhecimentos e processos que contribuem no desenvolvimento tecnológico, econômico e social do país, o Projeto Pedagógico do IFTM, estabelece currículo e organização didática coerente e flexível, pautados no desenvolvimento das competências básicas e profissionais para atender a orientação específica do MEC, contida tanto nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, como nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (IFTM, 2014).

Em 2016, O IFTM Campus Uberlândia conta com um total de 1491 alunos, sendo que destes, 556 integram<sup>7</sup> as grades dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Desta forma, suas concepções metodológicas abrangem uma gama de procedimentos com finalidades aos seus objetivos educacionais, com vistas à integração da Educação Básica e Profissional, assegurando uma formação integral do conhecimento considerando-se as

---

<sup>7</sup> Dados disponíveis no SETEC/MEC, referentes ao ano de 2016.

características específicas de seus estudantes, seus interesses, condições de vida e trabalho, observando-se os seus conhecimentos às especificidades do curso pretendido.

## II. A CARTOGRAFIA COMO CAMINHOS DE FUGA: Pistas e Descobertas

*Pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê [...] explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho.*

*Michael Foucault (1994, p. 15)*

O ser humano, enquanto ser arborescente, ainda tem dificuldades em aceitar o incomum, o que foge do tradicional e do convencional para se arriscar em outras vias. Buscar outros rizomas. Entretanto, as conformações rizomáticas nos possibilitam pensar e perceber o mundo que nos rodeia de forma diferenciada. Através destas novas percepções passamos através das linhas de fuga e nos arriscamos na exploração de novos caminhos, entremeados por trechos que podem ou não significar novos rizomas. O pensamento já não é mais o mesmo, vê através de um saber que antes lhe era estranho, mas que passa a permear novos agenciamentos. Destes novos processos, passamos a ver e pensar a realidade por meio de outros dispositivos que não foram apresentados tradicionalmente pelo viés científico, valorizando o que se passa nos interstícios da pesquisa. Vemos no silêncio pensado, a voz que nos conduz a novos questionamentos. Percebemos a fala dos sujeitos envolvidos e refletimos nossos conceitos de formadores e criadores de novas realidades.

Mas, ainda, assim, encontramos vasta resistência. Nós mesmos resistimos. Resistimos, pois nos foge ao convencional. Entretanto nos dá novo sentido, e nestes caminhos traçados, encontramos novas potencialidades, novas realidades ainda não pensadas. E passamos a refletir sobre elas.

Através destas breves reflexões, passamos a contextualizar a cartografia, que nesta dissertação tem por objetivo conduzir os movimentos gerados pela pesquisa. A cartografia fez emergir as relações subjetivas que aparecem no descortinar de ideias, as mensagens transmitidas pelo sentir, pelo afeto, pela percepção das palavras que viabilizam a expressão da pesquisadora.

O “método cartográfico”, conforme afirma Kastrup (2014), parte da experimentação do pensamento aportado na realidade do que se vive. É a experiência que se entende como um saber-fazer, um saber emergente do fazer, tendo por base a construção do conhecimento e a atenção, configurando o campo perceptivo do processo vivenciado. Seu sentido volta-se a acompanhar percursos, rizomas, processos produzidos ou não. Por isso se diz que o método cartográfico não tem regras a seguir, pois segue um movimento atencional, concentrado na experiência, na localização de pistas e de signos do processo em curso.

Fácil seria afirmar que os métodos, os procedimentos e os caminhos possíveis rumo aos dados e aos resultados produzidos pelas investigações estão, de certa forma, ligados à natureza investigativa, levando em conta que, enquanto as pesquisas quantitativas se dispõem mais com scripts preexistentes e com a produção de dados mais padronizados pertencentes aos universos matemático e estatístico, as investigações, do ponto de vista qualitativo, se afirmariam em detrimento de procedimentos mais abertos, dispostos ao acaso e à invenção processual (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014).

A proposta rizomática, cartográfica, foi realizada inicialmente por Deleuze e Guattari (1995), oferecendo-se como trilha para acessar aquilo que força a pensar, permitindo que o pesquisador tenha possibilidade de acompanhar os objetos que não se curvam à representação.

De sua definição como método e a despeito de qualquer pretensão de tornar a ser, Kastrup (2014) enfatiza que a cartografia é uma proposta de pesquisa que exige do pesquisador pesquisas específicas, pois o convoca para um exercício cognitivo particular, visto que se volta ao traçado de um campo problemático e, portanto, requer uma cognição capaz de inventar-se e inventar o mundo. Mas esta invenção só passa a ser possível quando se fecunda o desejo entre o pesquisador e o campo de pesquisa, sendo que o objeto a pesquisar passa por uma produção e não mais por uma coleta, emergindo de pontos de contato que engendram um deslocamento do lugar de pesquisador para aquele que visualiza seu campo de pesquisa através de determinado modo e lugar, sentindo-se compelido a pensar e ver diferentemente, ao mesmo tempo em que o que é visto e pensado se oferece a sua perspectiva.

Kastrup (2014, p 32) aponta que a cartografia tem por princípios o acompanhamento do processo investigativo, não representando um objeto único, e sim todo o processo analisado a partir da produção dos dados. O caminho para se atingir os objetivos não é pré-estabelecido, visto que sua construção é feita passo a passo no caminho, com a finalidade de descrever, discutir e principalmente coletivizar toda a experiência vivenciada pelo cartógrafo. O material da pesquisa, em um primeiro momento se apresenta desconexo e fragmentado e requer uma concentração sem um foco contínuo, atendendo às várias combinações que surgem no processo.

A cartografia, conceito, inicialmente retirado dos termos geográficos se transpõe para os campos da filosofia, política e subjetividade com o objetivo de se pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, dando ênfase e analisando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formadores e criadores de realidade.

Cabem aqui considerações apontadas por Santos (2002, p. 48), que nos adverte: “cada método é uma linguagem, e a realidade responde na língua em que foi perguntada”. Esta colocação é pertinente ao estudo, visto que para sua utilização, devemos ter claros os objetivos a que se propõe a pesquisa, pois caso entendamos a cartografia enquanto metodologia, necessário se torna pensar nas perguntas que ela pode nos ajudar a oferecer, pois o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com os acontecimentos durante sua pesquisa e não pelas essências dos acontecimentos pesquisados. Ao se questionar: o que é isto que vejo? (Pois esta remete ao mundo das essências), temos o: como eu estou arranjando com isto que vejo? Este tipo de questionamento observa e nos direciona ao processo, e por isso mesmo visualiza o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que compõe na medida em que cartografa.

A partir destas colocações, podemos supor a existência de tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados, necessitando de uma proposição metodológica a partir de cada situação ou contexto analisado, e dessa perspectiva, podemos indicar que método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas em um único movimento. Segundo Kastrup (2014), podemos indicar que método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas em um único movimento, não se tratando de uma metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas aceita pela flexibilidade de uma análise crítica.

Kastrup e Barros (2014) enfatizam que o processo de constituição da cartografia se desdobra por diálogos. Cabe compreender como se pode acompanhar a experiência pela perspectiva da linguagem, levando e buscando em suas pistas esclarecer como a perspectiva pragmática possibilita que se torne um procedimento privilegiado de acesso à experiência, levando em consideração toda sua extensão.

Kastrup (2008) afirma que o método cartográfico é um método geográfico e transversal, visto que a ideia da pesquisa-intervenção associada a uma cartografia traz consigo a noção de território como algo em movimento em um permanente tornar-se e desfazer-se. O método cartográfico realiza uma busca que se faz em torno de movimentos, de processos complexos e situações cotidianas. Em um esforço contínuo de desestabilizar as fronteiras entre pesquisador e campo, possibilitando a imersão de focos de intervenção e de alteridade, estando o pesquisador atento às circunstâncias que compõem determinada formação, além de rastrear quais forças se enredam e quais efeitos se dão neste ou naquele arranjo, colocando em análise o funcionamento dos diferentes processos que se apresentam na situação de intervenção,

perseguindo seus efeitos tanto nos participantes, quanto no campo de pesquisa e em seus destinos.

Neste sentido Kastrup e Barros (2014, p. 74) ressaltam que todo o processo decorre em cada momento da pesquisa:

A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma maneira, o texto que traz e faz circular os resultados da pesquisa é igualmente processual e coletivo, resultado dos muitos encontros.

O que se observa na cartografia é que o pesquisador vai constituindo seus passos ao se adentrar no próprio campo, pois não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar, pois ao se conduzir se torna disponível aos acasos oferecidos pelo campo de pesquisa, está aberto às incidências imprevisíveis que surgirão no decorrer do caminho.

Ainda assim, a cartografia requer rigorosos cuidados do pesquisador, pois ao invés de se constituir em tarefas que não dependem de princípios, requer um atento respeito a certos elementos que servem para solidificar espaços no caminho, pois existe uma forte tendência a se apressar em fixar e ordenar as dimensões não fixas do campo de pesquisa.

Estas são as principais preocupações vivenciadas no campo da pesquisa, pois que percebemos que o processo em si demonstra ao mesmo tempo, uma falta de neutralidade e distanciamento, ele se mistura com a pesquisa e passa a fazer parte de sua cartografia, que ocupa caminhos e surge com total suscetibilidade às variações produzidas durante o processo de pesquisa, gerando medos e instabilidades na pesquisadora em processo de formação.

Passos, Kastrup e Escossia (2014) enfatizam que a Cartografia exige do pesquisador uma postura singular, enquanto produtor de dados, sem julgamentos, põe em prática as forças que solicitam tal julgamento, ocupando-se de planos que se movimentam, campos em contínua alteração na medida em que o pesquisador também se movimenta. Assim, o ato de cartografar tem como condição primária a implicação no próprio movimento da pesquisa, necessária para que esta ocorra.

Deste fator decorre o fato de que a cartografia, segundo Kastrup (2008) se torna um processo de pesquisa implicada e multiplicante, de forma menos subjetiva e mais de acordo com seus encontros, voltando-se a produção de uma dobra, que se dissemina e se desdobra contrariamente a uma explicação somente dos fenômenos decorrentes, partindo de uma visão mais complexa que implica o mundo a qual decorre.

Ainda segundo Kastrup (2014), a cartografia, do ponto de vista de uma estratégia metodológica coloca à prova a necessidade não somente de apresentação de resultados finais que desconsideram os processos pelas quais se passou até chegar a uma instância final, mas o acompanhamento do processo construtivo que se encontra em movimento, entendido como algo incompleto, por vezes transitório e multiplicador de possibilidades que não são restritas. Assim a pesquisa decorre como um mapa viabilizador de múltiplas entradas às quais se pode transitar livremente, como em um terreno em modificações constantes.

A autora (KASTRUP,2014) destaca ainda que, ao se pensar a relação do conjunto de saberes impostos pelo método, entende-se que o pesquisador assume múltiplos papéis, tendo em vista os múltiplos olhares que deverá desenvolver. Ele traz para sua pesquisa os diversos campos que se sobrepõem e que perpassam pelo seu trabalho, passa a entender que o desenvolvimento decorre dentro de uma realidade ocupada. Assim, não há como coletar verdades, mas surge de sua pesquisa a possibilidade de abertura de caminhos para o fluxo de ideias e de movimentos e, por isso deve se sentir liberto da transparência e da neutralidade.

O ato de cartografar, de acordo com Kastrup (2008), pressupõe o acompanhamento de processos, dando ênfase à riqueza das pistas e à intensidade dos rastros investigados durante o processo de produção de saberes. Sua prática implica a necessidade de estar sempre pronto e atento para observar o movimento dos acontecimentos.

Ao realizarmos uma análise do conhecimento no ensejo e necessidade de transformação, ação e intervenção, observamos que estes aspectos se dão pela criatividade de mundos e sujeitos. Kastrup (2014) enfatiza que ao confrontar o espaço da pesquisa, o pesquisador adentra em processos já em andamento e confere uma personalidade construtivista a esta atividade cartográfica. Entretanto, por ser uma atividade humana, a pesquisa passa a expressar uma reformulação e análise constante do campo que levam a indagações e questionamentos constantes.

Neste sentido é importante que se realize a análise constante do processo de investigação, pois, segundo Kastrup e Barros (2014), esta análise determina uma tentativa de compreensão dos dados da realidade que circula no meio, bem como de sua interlocução com os planos sociais que compõem os sujeitos, evidenciando que a pesquisa em educação pode sim optar por esta metodologia de investigação que, enquanto atividade humana expressa constantemente a reformulação pela análise das aproximações do campo e dos problemas que se apresentam antes e após a realização desta atividade de pesquisa.

Passos e Benevides de Barros (2014) apontam que a cartografia traz como objetivo

principal o acompanhamento dos processos, cunhando matérias de expressão e criando sentidos, mas sem a necessidade de regras abstratas sobre os procedimentos empregados ou estabelecendo ainda um caminho linear para atingir um fim, pois trata sempre do habitar o campo da pesquisa para dar forma àquilo que se apresenta nos traços de um território intensivo, onde o que está em jogo são as práticas que permitam a invenção de modos que contornam as situações vividas em uma experiência única do processo.

Apesar das diretrizes que traçam o percurso do processo, a cartografia parte de processos e devires, componente do campo social, ou a realidade em contínuo arranjo e desarranjo, pois que a cartografia reconhece o processo contínuo a qual estamos sujeitos (KASTRUP; BARROS, 2014).

Segundo Kastrup (2014) é importante ainda lembrar que não é o ponto de vista do pesquisador que estabelece as composições do campo, pois este atua apenas como instrumento de uma construção processual, verificando os elementos do território e que entram no movimento da pesquisa. A autora ainda ressalta que a produção dos dados surge por toda a pesquisa e se estende, além, nas etapas sucessivas, indo desde a análise dos dados até a escrita do texto, publicação de resultados, incluindo neste processo a leitura deste material escrito e uma contribuição constante e coletiva na produção do conhecimento. Isso não implica a falta de critérios, princípios ou regras, ao contrário deve-se adotar um roteiro inicial que se permita expandir para os fatos da vida, encontrando canais que possibilitam sua efetivação, mas deixando espaço para mudanças de princípios sempre que se mostrarem necessárias e para tal assume um papel diferente da seletividade que geralmente domina o funcionamento cognitivo de qualquer pesquisador em campo e que, ao contrário se encontre sempre aberto a captar novas e inesperadas modificações.

O pesquisador tem por papel neste processo estar atento, buscando vivenciar cada experiência, não com intuito de direcionar a pesquisa, mas com a intencionalidade de fazer parte do direcionamento que se delineia em coletivo, atento às percepções que decorrem deste movimento próprio que a cartografia possibilita, pela condução dos rizomas que levam a processos de desterritorialização que se delineiam ao passo que o levam a uma investigação intrínseca de si e de seus conceitos, desconstruindo e reconstruindo seu papel no processo.

Decorre que os fatos surgem das realidades vivenciadas por cada um. Deste ponto de partida, através das descrições detalhadas da observação e verificação da realidade dos fatos investigados e relatados nos encontros cartográficos é que surgem as experiências que traçam os meios da pesquisa, que se consolida através da análise do que se vivencia nestes momentos,

mas que levam em conta as percepções individuais, que se abrem em caminhos para novos conhecimentos do que se procura estabelecer como objeto de pesquisa.

Ao pensarmos a análise de qualquer modalidade de pesquisa que esteja atrelada a processos de subjetivação e desterritorialização, verifica-se em algum momento do movimento de territórios, a presença do novo. Kastrup e Barros (2014) enfatizam que para sua compreensão, torna-se necessário deixar de lado as amarras das concepções reducionistas que se associam a simplificação do que nos rodeia. Segundo as autoras citadas acima, a cientificidade desta proposta percorre uma concepção de ciência distanciada de fórmulas para afirmar a ciência por sua excelência, numa busca de uma interpretação justificada de mundo, onde nada se encontra pronto e acabado, mas que busca novos caminhos a serem percorridos.

Os diálogos e experiências que se constroem ao longo do processo, das situações cotidianas busca a análise das construções de ideias, e mais uma vez, recorrendo ao recorte especificado no projeto de pesquisa, possibilitam novas contextualizações da realidade investigada. A este respeito Kastrup; Barros (2014, p. 74) advertem:

A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma maneira, o texto que traz e faz circular os resultados da pesquisa é igualmente processual e coletivo, resultado dos muitos encontros.

Com base nas referências teóricas da cartografia, percebemos que os autores enfatizam que o processo de inserção empírica da realidade investigada, permite a compreensão das inter-relações constituídas entre os eixos principais da observação do trabalho proposto, visto que a realidade investigada centra-se na escolha de aspectos das relações entre os sujeitos, lidando com processos de elaboração do conhecimento.

A partir destas reflexões, nos reportamos mais uma vez em Passos e Kastrup (2014) que apontam que, sendo este um procedimento que decorre de um acompanhamento de processos que desfaz o ponto de vista do observador, é importante deixar claro o sentido da compreensão do dado cartográfico. Ao realizar a pesquisa, o processo traz à tona realidades até então não apreendidas, mas que se encontram a espera de uma observação, através de uma temporalidade que pode não coincidir com a conclusão do cronograma de pesquisa, pois esta decorre das percepções dos sujeitos investigados, questionados a partir de seus sentimentos e sensações.

Assim, o processo de pesquisa deste “método” decorre de um rearranjo das fronteiras que se estabelecem a princípio e que vão se (re) construindo a partir das relações estabelecidas

entre o sujeito e o objeto. Sua direção visa diluir o ponto de vista de uma realidade pronta e acabada em si mesma, e que se percebe dotada de essencialidade.

Neste sentido, a análise move-se continuamente, desde a proposição do projeto até a escrita da dissertação e se movimenta através dos problemas elencados a seu processo no intuito de que o conhecimento produzido e compartilhado possa abranger as zonas de conflito, acolhendo aqui a experiência sem desprezo de nenhuma de suas etapas, sejam elas objetivas ou subjetivas.

Essa análise de postura, segundo Passos e Kastrup (2014) questiona a naturalidade de objetos, sujeitos, saberes e do próprio processo de pesquisa, bem como as relações que constituem o território e sua homogeneidade. As forças constituintes das relações entre pesquisador e campo de pesquisa privilegiam-se, pois os dois polos vão emergindo e pondo em evidência as práticas de poder como produtoras de verdades universais e eternas. Estes são aspectos importantes de serem evidenciados e observados constantemente durante o processo de pesquisa.

Ao final de todas as considerações sobre a cartografia, os estudos nos remetem à expectativa do movimento da pesquisa, pois pretendemos através do estudo explorar o caráter inovador enquanto uma via que considera as experiências presentes na produção de ideias, junto aos afetos produzidos, que são construídos através de pontos de conectividade entre sujeitos, quer sejam profissionais, pesquisador ou discentes.

Pensar estas questões já se torna um desafio, pois nos remete a um movimento que não é uniforme, pois este ocorre no durante, tal qual a multiplicidade rizomática, levando-nos a perceber a necessidade de se desvencilhar dos dogmatismos científicos, para adentrar na filosofia da diferença. Neste sentido Deleuze e Guattari (1995) <sup>8</sup>são inspiradores de todo o processo de pesquisa.

A partir do conceito de Rizoma, Deleuze e Guattari (1995) se apropriam de conceitos da botânica com aplicação à filosofia, apresentando-se enquanto modelo de resistência ético-estético-político. Assume linhas e não formas, e portanto pode fugir, sabotar, confundir, cortar

---

<sup>8</sup> O rizoma assume formas que se modificam a cada instante, assim como cada indivíduo, conectando um ponto a qualquer outro ponto e de qualquer natureza, se conduzindo e reconduzindo, pois que a cartografia não nos apresenta um caminho linear, não possibilita traçar técnicas predeterminadas no início da investigação. Quando o cartógrafo inicia seu caminho no campo, os processos já estão em curso. Não há como parar, retornar ao início. O processo vai se formando, na medida em que o pesquisador se confronta com o objeto estudado, o que permite o desenvolvimento de novas paisagens, de novas cartografias que processa novos territórios e que amplificam os conhecimentos do sujeito.

caminhos, apesar de não existirem caminhos corretos, ele tende a seguir em outras direções, criando assim as linhas de intensidade.

Passamos a perceber a presença dos sujeitos a partir das observações próprias, conduzidas por um movimento que não é distante e neutro, pois faz parte da própria construção de conhecimentos da pesquisa. Os dados se produzem sem a necessária coleta empírica, colocando a prova as forças que pedem julgamento, sem julga-las; movendo-se entre os planos na medida em que se movimenta nas linhas que o conduzem. Estamos disponíveis ao inesperado e ao esperado, levando-nos pelos nossos próprios dilemas e dissabores, procurando nos intervalos que o afetam, transformam o rizoma, seguido de um retorno aos conceitos que nos conduzem.

Longe de pretender imobilizar os movimentos da pesquisa, pensamos nos efeitos que o movimento da pesquisa ele produz quando acontece, assim como os rastros de pensamentos que se repercutem em toda a pesquisa. O método encontra-se em processo de criação. Requer da pesquisadora a criatividade para explorar as suas possibilidades e potencialidades e de forma alguma pretende se mostrar como verdade absoluta, pois seu objetivo é apenas fazer sentir e ser sentido. Suas especificidades compõem um olhar único, que se modifica com as vivências do observador e dos que estão a sua volta, percebendo as dinâmicas, fluxos e intensidades que se apresentam nos objetos, sem isolá-lo de suas interlocuções históricas e de suas conexões com o mundo, desenhando uma rede intrincada de forças, dando vida a sua processualidade.

Nossos alicerces partem da indagação, buscando enxergar os conceitos investigados por múltiplos horizontes, de multiplicidades, seguindo por caminhos que, tal como o rizoma não são retos ou cronológicos, transgredindo os métodos de pesquisa atuais, na aventura de percorrer os caminhos sonoros da pesquisa cartográfica.

Todo o processo exposto acima tem a finalidade de esclarecer a cartografia, visto que sua aceitação depende da posição que se toma a partir de sua própria definição, oportunizando também repensar a noção metodológica, já que essas abordagens desestabilizam o conceito positivista de método.

Segundo Barros e Silva (2014), quando analisamos o conhecimento no sentido da necessidade de transformação, a ação e a intervenção se dão pela criatividade de mundos e sujeitos, onde o pesquisador adentra em processos já em curso, conferindo uma personalidade construtivista à atividade cartográfica. Assim, o processo de investigação que trata da tentativa de compreensão dos dados da realidade que circula no ambiente escolar, sua interlocução com os planos

do social na composição dos sujeitos torna evidente que a pesquisa em educação pode sim optar por esta metodologia de investigação.

Os referidos autores (BARROS; SILVA, 2014) destacam ainda que a pesquisa cartográfica enquanto atividade humana se expressa constantemente como reformulação e análise de aproximações do campo e dos problemas que se apresentam antes e após a realização da atividade de pesquisa. Como as linhas são traçadas ao longo do processo, o pesquisador passa a aprender as regras que regem certas situações singulares, ao mesmo tempo em que tem de lidar com a criação de normas para situações irregulares, exigindo no decurso da atividade debates entre os saberes e as experiências. Isso tudo transforma o trabalho em um exercício vivo no sentido de imprimir marcas singulares na pesquisa decidindo a priori em um mundo de valores que demandam a invenção de intercessões que possibilitem avançar na construção de estratégias que viabilizem o processo de investigação. Não se trata de desvelar o objeto investigado, mas ao contrário, trata de uma experimentação que se baseia na realidade em constante movimento.

A escolha do método cartográfico e as direções da pesquisa realizadas não implicam na adoção de todo um processo constituído antecipadamente, fato este que refletiu nas dificuldades durante o processo de intervenção. A partir de cada etapa, foram surgindo dispositivos que permitiram efetuar novos deslocamentos em seus diferentes níveis que buscaram emergir novas subjetividades, de forma que cartografar se torna um novo traçado de linhas que se transformam em um processo de acumulação e modificação dos caminhos vivenciados. O equilíbrio do ritmo das relações estabelecidas e adquiridas durante o processo configuram em um novo plano de experimentações das referências e modos de se pensar os diversos conhecimentos abordados, indo além da justaposição ou resultados das práticas aplicadas.

A cartografia enquanto método de pesquisa não conforma um campo homogêneo, ao contrário propõem diferentes abordagens relacionadas à utilização de seus termos, consistindo na criação de formas de pensar e agir, levando a uma dimensão constante de transformação social e cultural, através de caminhos singulares em seus procedimentos.

Sobre esta análise, pontuando o trabalho desenvolvido que será descrito a seguir, percebe-se que a cartografia criou um campo de afetos da pesquisadora junto aos alunos, que contribuiu significativamente para os debates, onde os mesmos sentiram-se seguros com uma postura aberta ao diálogo como forma de aprendizagem. A pesquisa se amplia a partir do momento em que a pesquisadora se sente inserida ao processo, possibilitando traçar caminhos próprios durante o percurso, gerando mapas tecidos pelas linhas de fuga, enviesados às

percepções do campo comum, permitindo o desenvolvimento da pesquisa a partir de múltiplos olhares.

A dificuldade de refletir sobre o processo nos remete ao movimento pela problemática da pesquisa, mas que se desenvolve durante o percurso que, revelado pelas pistas cartográficas nos leva a descobrir os caminhos percorridos pela pesquisa: o estudo bibliográfico, o estranhamento cartográfico, os sentimentos de descoberta, os encontros em grupo, os debates e estratégias traçadas em grupo. Tudo isso nos remetem a um sentido mais amplo, onde a pesquisadora se mistura ao processo, que deixa o seu viés individual para abarcar o processo coletivo, traduzindo-se materialmente nos anseios do grupo em coletivizar suas descobertas e convidar outros ao debate.

Longe de atender a um determinismo, subordinado os sujeitos a uma estabilidade de conceitos, buscou-se libertar os encontros para perceber a produção de outras práticas e invenções movidas pelo desejo, deixando-se envolver pela emoção da pesquisa, enfatizando-se a vontade de reinventar ou ainda resignificar as práticas pedagógicas ao qual os sujeitos se inserem, numa dimensão articulada e problematizada, onde as imposições comuns do processo de formação passam a nos remeter a outras formas possíveis de interpretações de mundo.

Os desafios da pesquisa são demonstrados na singularização existente na expansão e convivência do grupo, que, vivenciando o caos pode descobrir outras possibilidades inventivas das situações cotidianas que envolvem o uso do celular na sala de aula. O debate nos leva a outras potências e complexas relações tensionadas pela multiplicidade dos processos.

### III. VIVENCIANDO E PERCORRENDO NOVOS CAMINHOS

*A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção.*

*(Passos; Kastrup; Escóssia, 2014, P. 11)*

Durante o trajeto da pesquisa, podemos perceber que o principal desafio do pesquisador é traçar percursos na medida em que caminha, orientando o percurso da pesquisa a partir dos efeitos deste processo sobre seu objeto de pesquisa, em conjunto às ações do pesquisador e dos resultados atingidos.

Nem sempre esta é uma tarefa tão fácil quanto assim lhe parece. Pelas próprias vivências e culturas, não se torna fácil soltar as amarras de tudo o que se construiu anteriormente, abandonando conceitos e vivências, para viver algo novo, singular, como nos propõe a cartografia.

Pelo escasso tempo de pesquisa, frente à demanda do processo de experimentação proposto, novos caminhos foram traçados, e por vezes solicitam questionamentos sobre a utilização da cartografia. Esta perspectiva sempre esteve clara no processo, entendendo que pela sua flexibilidade, a cartografia não se fecha em um casulo. Ela está livre para novas interpretações e desterritorializações. Os resultados se proponham a indagar, a questionar mais do que apontar caminhos, uma vez que os dados da pesquisa emergem naturalmente.

A reflexão sobre o objeto de estudo de determinada investigação com seus preceitos teóricos permitem o desenvolvimento de novas perspectivas em campo, como uma paisagem que sempre se renova. Tomando por base as pistas da cartografia o encaminhamento da atenção aconteceu não como um molde a ser seguido, mas enquanto uma perspectiva epistêmica multifacetada que auxilie na criação da processualidade metodológica. O que se tem de bem claro é que a cartografia ainda está em um movimento incidente e, portanto, sua utilização precisa ser experimentada, adequada ao campo e, portanto, requer novas explorações.

#### **Primeiros Passos**

Tomando por pressupostos o tema da pesquisa, buscou-se na vivência cotidiana da pesquisadora em uma instituição de ensino de formação tecnológica, sua relação com a temática, o uso do celular em sala de aula. A partir de breves conversas informais no campo de trabalho foram observadas visões distintas entre professores e estudantes a respeito da temática em estudo. *“É importante sabermos por que o celular é considerado um inimigo das aulas, o*

*professor se sente ameaçado*” relatou um aluno. Já a fala do docente diz: *“o celular se torna uma ameaça na mão dos alunos que questionam também a postura do professor”*. Estas falas impressionavam a pesquisadora e refletem as posturas encontrados na instituição escolar. A vontade de diálogo por parte dos alunos moveu a pesquisadora a estudar sob a ótica dos mesmos a temática o uso do celular em sala de aula.

Assim, mesmo correndo o risco de não conseguir cartografar por já ter uma demanda anterior à entrada na construção dos dados, a pesquisadora passou a pensar meios de trazer o assunto à tona para discussão. Convidar jovens estudantes para participar de um processo inusitado e que foge de seu cotidiano é um desafio, pois requer inusitadamente despertar o gosto pela temática escolhida, incitando-os a traçar trajetórias sem preconceitos, abandonando culturas preexistentes e que, por vezes, nos afastam do novo, levando-nos a buscar novos caminhos,

A pesquisadora passou a pensar meios de trazer o assunto à tona para discussão. A princípio, foram divulgados cartazes (APÊNDICE I) em diversos espaços do IFTM – Campus Uberlândia, com a intenção de instigar momentos de reflexão na comunidade escolar.

Estes propiciaram novas experimentações, os cartazes continham dizeres que incitava os estudantes a participarem de momentos de discussão, mas apareceu a contribuição de diversos indivíduos, pois não gerou inquietações apenas nos alunos, mas, também, em professores e técnicos administrativos que procuraram a pesquisadora para entender o que se pretendia. Apesar de não haver o convite direto ao debate, o tema despertou a necessidade de se falar sobre o assunto. Os cartazes foram expostos em diversos locais e foram retirados após algum tempo de sua exposição. Este fato instigou a pesquisadora, que passou a pensar nos conflitos gerados e nas respostas encontradas quando passa a delinear o processo de pesquisa. Entretanto, um incômodo aconteceu na comunidade, pois houve profanação das ideias, manifestadas através de um convite: cartazes que provocaram.

Em seguida, a partir das conversas informais, naturalmente, alguns alunos se apresentaram para participar de encontros que discutissem a temática. Apesar da preocupação com o número de interessados, não se fixou, em um primeiro momento, quantidade de vagas ou datas para os encontros de discussão.

Findo este período, 19 (dezenove) alunos procuraram naturalmente a pesquisadora e se dispuseram a participar de outros momentos de debate. Foram estes alunos dos cursos Técnicos de Nível Médio em Alimentos, Agropecuária, Meio Ambiente, Manutenção e Suporte em

Informática, dos primeiro, segundo e terceiro anos de curso<sup>9</sup>, com faixa etária entre 14 e 17 anos. Neste momento, começa a consolidação do grupo de discussão, sendo a pesquisadora inserida desde o início no mesmo.

A pesquisadora e os objetivos do projeto de pesquisa foram apresentados aos alunos e aos seus responsáveis e, informou-se, também, que seria criado um grupo de WhatsApp<sup>10</sup>, com o objetivo de enriquecer os encontros, com contato permanente neste espaço para discussões que envolveram também outros aparatos midiáticos (músicas, vídeos, textos, frases e troca de informações).

A ideia de utilização deste aplicativo surgiu da experiência da própria pesquisadora, pensado como oportunidade nas trocas de informações a respeito dos objetivos tratados em cada encontro, podendo através deste dispositivo móvel manter uma comunicação além dos encontros presenciais. Por se tratar de um momento virtual, buscou-se interagir neste novo espaço a fim de se verificar como este foi utilizado pelos participantes, refletindo coletivamente sobre sua contribuição nas discussões em grupo.

Neste momento, ficou também acordado entre todos a data, o horário e o local do primeiro encontro. As definições das temáticas a serem trabalhados nos encontros aconteceram sempre ao final do primeiro e foram sendo definidas ao final de cada um. Para reflexão coletiva, a pesquisadora propôs um trabalho contemplando seis (6) encontros, a partir do calendário acadêmico dos alunos envolvidos. Os encontros tiveram início em março de 2016, tendo como proposta a finalização dos mesmos em junho de 2016. Explicitou-se a necessidade inicial deste processo, que, apesar de definido inicialmente, demonstrou-se aberto a mudanças, a partir da conversa e definição coletiva.

Tendo em vista a carga horária significativa dos alunos dos cursos, cada um de acordo com a grade horária específica de seu curso, discutiu-se também uma proposta inicial de duração dos encontros, primeiramente como forma de evitar imprevistos, mas levando em conta a necessidade destes estudantes de se organizarem para não se sentirem desmotivados a

---

<sup>9</sup> Por serem todos menores de idade, foram informados, em princípio, da necessidade da realização de um momento com seus pais e/ou responsáveis para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conformidade com os requisitos apresentados pelo Comitê de Ética e Pesquisa - CEP da Universidade Federal de Uberlândia. Assim, em momento propício, esclareceram-se aos responsáveis os objetivos da pesquisa. Também foram informados da gravação digital (filmagens e gravações de voz) de cada encontro, a partir da necessidade de coleta de dados, mas também em consonância às propostas enviadas a este comitê.

<sup>10</sup> O WhatsApp trata de uma multiplataforma, que permite a troca de mensagens pelo celular gratuitamente, por meio de rede de dados. Com ele, torna-se viável a criação de grupos com até 50 participantes, onde pode enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeo, áudio, compartilhar localização, realizar backup do conteúdo postado nos grupos, dentre outras viabilidades. Acessando o link: <<http://www.whatsapp.com>>, pode-se verificar os detalhes técnicos deste aplicativo.

participar. Ficou evidente que a participação dos mesmos seria voluntária, e que a desistência, por motivos quaisquer, poderia ocorrer a qualquer tempo. O mais importante seria pensar durante o processo vivenciado, os objetivos da presença dos envolvidos (“por que estou aqui, o que pretendo participando destes momentos de discussão!”), os sentimentos dos envolvidos (“como me sinto em relação aos encontros?”) aliados à vontade e a necessidade de discussão (“eu quero estar aqui!”).

A temática e realização de cada encontro, baseados na problematização proposta na pesquisa, também, foi definida a priori pelos membros do grupo que se formou. Entretanto, evidenciou-se que, na intenção de analisar a importância da pesquisa para a Educação no contexto escolar, objetivou-se conhecer como os estudantes utilizam o celular em sala de aula e com eles, gerar debates sobre a percepção dos mesmos em relação ao uso do celular.

Entendemos que pesquisas como essa permitem uma ampla discussão acerca da problemática, levando em consideração os desafios para a educação. A fala e sentimento dos alunos neste estudo são extremamente importantes, uma vez que trata-se de uma pesquisa que busca cartografar. Abrir territórios, desterritorializar e re-territorializar. Neste sentido, Orlandi (2014, p.3) ressalta:

Todo encontro ordinário, portanto, está exposto à possibilidade de uma reviravolta instantânea que pode projetar tudo para fora dos eixos. É como se a própria vida se sentisse abalada por esse vinco em que uma experiência ordinária é dobrada junto à outra, a extraordinária. Pressentimos que a efetiva complexidade da experiência dos encontros depende do que se passa nessa dobra, razão pela qual é preciso buscar uma explicitação.

Utilizando como critério ético a não identificação dos sujeitos, adotamos siglas fictícias para ressaltar a fala dos sujeitos que foram identificados por letras e números (A1, A2, A3, e assim, respectivamente), pois que estes elementos são essenciais na leitura das percepções vivenciadas.

Este caminho de descortinamento que o processo cartográfico promove um exercício constante de traçar aproximações possíveis na pesquisa e não de simplesmente se enquadrar as práticas cartográficas no campo, dando a este um caráter exclusivamente qualitativo da produção do conhecimento, perspectiva esta que foi utilizada para se pensar o primeiro encontro. Partindo-se de um roteiro geral (APÊNDICE II) ainda necessário para a apresentação do projeto de pesquisa junto ao comitê de ética, foram-se delineando os demais encontros a partir das expectativas geradas em cada momento, possibilitando assim projetar uma continuidade dos trabalhos desenvolvidos com o grupo. Estes foram os primeiros passos para a percepção dos esboços do movimento movido pelo desejo e expectativa, tornando o processo

de construção da pesquisa incerto e flutuante, configurando-se pelo desejo e expectativa incerta que mediarão os encontros a partir do acolhimento do que estava por vir, e que se concretizou a partir dos acontecimentos que se desdobram em outros encontros, permeados pelos acontecimentos que nos rodeiam e que acabam por acolher a pesquisadora.

Partindo da delimitação geral dos encontros descritos no Diário da Cartógrafa (APÊNDICE III) e nos primeiros contatos com o grupo investigado, pensaram-se então os demais momentos, lembrando que a formatação de cada encontro esteve diretamente relacionada aos fatos que sucederam o encontro anterior, pensado e acordado por todos os membros. Entretanto, aqui cabe lembrar que o trabalho foi realizado com jovens adolescentes, sem nenhum conhecimento prévio do método abordado e que por sua vivência cultural, esperam da pesquisadora, uma postura de condutora, quase que comparada a de um professor que se coloca no papel de traçar objetivos e caminhos a serem percorridos.

A territorialização, desterritorialização, re-territorialização deve partir do senso comum, em especial quando o momento precede a busca do plano comum, que na Cartografia, segundo Passos e Benvides de Barros (2003) é visto como fonte de detectar e incitar as forças instituintes que questionam e desfazem os traçados já instituídos, gerando condições de manter ininterrupto o processo instituído. Assim se intensificam as formas de subjetivação que desestabilizam a forma do sujeito que se estabelece temporariamente, pondo em questão o conjunto de modos de existência em jogo no determinado momento, visando às possibilidades de construção de outras formas de subjetividade que serão acompanhadas e administradas naturalmente pela pesquisa.

Ao final do primeiro encontro com os 19 (dezenove) participantes, 2 (dois) alunos informaram à pesquisadora que não iriam continuar participando, por motivos individuais. Assim, seguiram até o final 17 (dezessete) participantes, que com a pesquisadora, formaram um grupo de 18 (dezoito) integrantes.

Foram realizados no total, oito (8) encontros acordados entre todos os participantes a partir das necessidades advindas dos diálogos e construções coletivas.

## **Os Encontros**

A primeira vista, a cartografia nos sugere uma ideia de uma metodologia guiada pelo acaso, sem nenhuma preparação evidente. Ledo engano, pois apesar da ideia de traçar caminhos, buscar pistas, todo o processo é acompanhado de reflexão tal que nos leva a revisão constante de conceitos e movimentos. Assim, como forma de estruturação do trabalho, foi

proposto um roteiro geral dos encontros com alguns dados fixos cuja finalidade seria de auxiliar o processo de pesquisa em campo. Este roteiro, à primeira vista demonstra uma contradição quanto à utilização da cartografia e da sugestão da não roteirização dos encontros, deixando-os fluir de acordo com o coletivo, com a construção do plano comum traçado pelo grupo.

Entretanto, houve a necessidade de utilização de um recurso que inicialmente despertasse a vontade da construção das situações em campo, buscando movimentar-se a partir da realidade vivenciada, em se tratando de um grupo de jovens acostumados a na instituição escolar a qual pertencem, o IFTM, a serem conduzidos a partir de roteiros prévios e seguidos. Aliados a este fator, como apontado anteriormente, atendeu-se à solicitação do Comitê de Ética na Pesquisa – CEP em virtude da documentação necessária para viabilização da pesquisa.

Para tal, a pesquisadora incumbe-se de novos processos de normatização conduzidos a partir dos desafios desvelados pelo campo empírico, pois pela falta de previsão e precisão em todo o processo, constroem-se normas interpostas entre os desafios das variáveis da realidade que se apresenta. Entretanto, não há como fugir da previsão de direcionamentos iniciais com o intuito de auxiliar na construção das vias de investigação. Ciente deste processo, a pesquisadora sentiu a necessidade de descrever o processo delineado, a partir da decisão do grupo e não mais de parâmetros necessários para o cumprimento das metas da pesquisa frente aos dispositivos legais.

A ideia se define através do conjunto heterogêneo das abordagens que enfocam a subjetividade e que toma a pesquisa enquanto trabalho que enfrenta desafios reais pelo viés que é próprio das atividades de pesquisa, onde o método em si é tomado enquanto resultado de uma construção conjunta entre os participantes da pesquisa que se incluem em sua totalidade e que se destacam nos processos em curso priorizando as dimensões temporais.

Kastrup e Passos (2014) relembram a necessidade de se requerer uma reformulação e análise constante com objetivo de viabilizar o desenvolvimento de estratégias em curso, permitindo que o método transcorra tomando como objeto a própria atividade de pesquisa. A metodologia impõe-se enquanto atividade de problematização e se desdobra tanto como objeto quanto método, e o campo pesquisado resultam do pensamento e dos modos de ação em determinada situação. Através dos encontros, fomos forçados a pensar, convocando um novo plano de experimentação onde pensar, pesquisar e viver se indissociam e constituem o plano coletivo.

Em um primeiro momento, alguns aspectos técnicos foram abordados com todos os participantes. Para os encontros, alguns pontos comuns e debatidos a partir de um roteiro

apresentado. Primeiramente, houve a necessidade de se pensar em um local adequado para a realização dos encontros, considerando-se os horários de utilização de espaços, visto que, por sua especificidade técnica, os cursos integrados do IFTM – Campus Uberlândia ocorrem em locais diversos que vão além das salas de aula, contando com laboratórios e aulas de campo.

Buscando acomodar os integrantes, trazendo-lhes os sentimentos e motivações necessários para que os encontros fluíssem de acordo com os objetivos apresentados, trabalhamos para que cada encontro fosse idealizado em um local específico, pensado também, em conjunto e de acordo com a disponibilidade do espaço institucional, considerando a privacidade dos encontros, pois um espaço com trânsito intenso de servidores, alunos e outros poderia trazer mais do que a mera curiosidade e especulação de alguns. A instituição conta com espaços diferenciados e que viabilizam estas possibilidades. Também houve a necessidade de se pensar em um horário específico visto que o grupo comporta diversos alunos de cursos diferentes e por isso pensamos nos horários em comum para que os encontros ocorressem com uma programação acordada por todos.

Antes do primeiro encontro, foram estabelecidos pelo aplicativo WhatsApp, contatos iniciais com o intuito de sondar expectativas, questionamentos e apresentação dos participantes do grupo. Dos dezenove participantes, 6 (seis) alunos procuraram a pesquisadora informando que não possuíam dispositivos móveis com capacidade de utilização do aplicativo. Entretanto os mesmos concordaram que, sendo colegas de turma dos demais, poderiam utilizar em conjunto, onde os colegas repassariam as informações postadas ou ainda poderiam procurar pessoalmente a pesquisadora. Este procedimento foi realizado sem constrangimentos e os próprios colegas se disponibilizaram a tal procedimento, de forma afetuosa e espontânea.

Para a criação do grupo no WhatsApp foi necessário, a priori a definição para um nome do grupo pela pesquisadora. No primeiro encontro este fato foi exposto ao grupo com a consciência de que o nome deveria ser de comum acordo de todos. Assim foi que a pesquisadora criou o grupo “C.A.”. O nome incitou diversos apontamentos e cada um falou o que entendia da sigla “*Celular Aceito*” (A1), “*Celular Abortado*” (A2), “*Conformados e Alienados*” (A5) foram alguns nomes de destaque.

Ao serem informados pela pesquisadora que o nome “C.A.” surgiu de “*Celulares Anônimos*”, mas deixando claro o motivo de num primeiro momento ter nomeado o grupo frente às delimitações do aplicativo, ao questionar os participantes a necessidade de alterar o nome do grupo, o nome foi logo aceito por todos. A partir daí, as reuniões ficaram conhecidas como “encontros do grupo C.A.”.

Findo esta primeira etapa, antes do primeiro encontro, foram postados vídeos, textos e frases no intuito de ouvir os participantes e de realizar um primeiro contato, para entender a relação dos alunos com o dispositivo celular e, também, como perceber e mensurar a participação deles. Feito isto, foi marcado o primeiro encontro para uma semana após o início destas atividades.

### **Primeiro Encontro – A Surpresa dos Acontecimentos**

Na tentativa de compreender como os membros do grupo verificam a utilização do celular em sala de aula, o primeiro encontro ocorreu em uma sala de aula do prédio principal. Este primeiro momento foi realizado com um roteiro prévio, mesmo tendo ciência de prováveis alterações no momento inicial.

Foram então esclarecidos alguns questionamentos e preocupações naturais no início de qualquer trabalho diferenciado. Mais uma vez, a pesquisadora esclareceu que seu papel não era de docente, mas, sim, de participante. Assim como todos os demais, ela tinha dúvidas e queria conversar sobre o assunto em pauta.

Os participantes do grupo questionaram a pesquisadora sobre os objetivos do seu trabalho, pois entenderam que os encontros, a princípio, deveriam ser pautados nestes objetivos, até para que eles mesmos pudessem se orientar a respeito.

Em seguida, com todo o ambiente preparado com antecedência, os alunos foram convidados a andar e perceber o ambiente da sala de aula. A sala foi organizada de modo que as carteiras ficassem afastadas nos cantos. Ao centro, os cartazes, que foram utilizados como convite para os encontros em grupo foram dispostos estrategicamente. Foi colocada música ambiente e, assim que a música teve início, eles naturalmente se moveram pela sala, explorando os espaços. Em seguida, buscaram os cartazes, com uma leitura atenta em cada um. Dependendo da vontade, eles poderiam pegar os cartazes dispostos no chão, enfatizando aquele que mais lhes chamaram atenção. Os cartazes foram pensados no momento do convite para participação dos encontros em grupo com perguntas provocativas: “Você já pensou sobre o uso do celular em sala de aula?”, “Algum professor permite que você use o celular em sala de aula?”, “Algum professor já proibiu você de usar o celular em sala de aula?”, “Você já tentou ficar uma aula inteira sem usar o celular?”, “Você já discutiu com os colegas sobre o uso do celular em sala de aula?”, “O celular em sala de aula ajuda ou atrapalha?”, “Como você vê o uso do celular em sala de aula?”.

Neste momento, algumas questões importantes foram lançadas pelo dispositivo WhatsApp, para acompanhar a ação de cada um: o que te atraiu para participar deste grupo? Como é sua vida com o celular? O que você espera aprender ou discutir neste grupo? Também foram enviadas outras mensagens provocativas com o intuito de perceber como os alunos pensavam no assunto, incitando a discussão inicial: Como é minha vida com o celular? O que seria da minha vida sem o celular? Porque é ruim utilizar o celular? E na sala de aula, porque o celular atrapalha?

Ao avaliarmos estes momentos iniciais, tornou-se importante refletirmos que a cartografia afetou a pesquisadora, que passou a vivenciar todos os sentimentos gerados neste encontro: expectativa, dúvidas, indecisões, medo, angústias, afeição pelos alunos, felicidades, alegrias intensas. Estes sentimentos trouxeram uma expectativa quanto ao caminho a ser percorrido, que viabilizaram pensar no desejo de se realizar esta pesquisa de acordo com possibilidades cartográficas, indagando-se constantemente sobre quais efeitos teriam um sobre o outro. Como este desejo intensificaria a escolha da cartografia? Poderia naquele processo gerar potências de ação? É importante lembrar que Pereira (2015), nos leva a refletir sobre os afetos gerados em um corpo, pois devemos pensar sobre as coordenadas que levam à intensidade do processo.

Neste encontro, o primeiro, estabelecemos território, pois novamente enfatizamos a presença de jovens estudantes, que acostumados com o pertencimento no espaço escolar, tinham a expectativa de condução, tal qual ocorre corriqueiramente em sala de aula. Portanto, desde a roteirização até a inserção de ideias em alguns momentos foram preparados pela pesquisadora no intuito de, a partir deste primeiro encontro, o grupo compreendesse a proposta da pesquisa, e então se sentisse confortável para trabalhar os próximos encontros com definições coletivas e não individuais.

Em um segundo momento, os alunos são convidados a sentar em roda; cada um vai buscando se expressar livremente, por meio de uma palavra, ou de uma ideia. Desse momento puderam fazer observações, elaborar perguntas entre eles, complementar a ideia do outro, enfim, contar experiências, deixar que as ideias tomem contorno próprio.

Findo o tempo previsto para o encontro, utilizou-se o tempo final para realizar uma avaliação deste primeiro encontro, os anseios e outras sugestões para os encontros seguintes. O momento foi precedido de uma mesa com guloseimas e bebidas, pensado pela pesquisadora com o intuito de tornar o encontro em grupo como momento sério, mas com prazer e alegria gerados pela afetividade. Em um grupo composto por adolescentes, com atividades em tempo

integral, o envolvimento gerado pelos afetos transforma o tempo compartilhado em momentos de confraternização e neste sentido, o afeto da pesquisadora a levou a pensar nestes instantes com prazer e alegria, sentimentos importantes na composição dos sentimentos dos envolvidos.

Na cartografia, Barros e Silva (2014) apontam que o processo de escuta acompanha o processo de relato, e por isso passam a existir linhas, fragmentos, intensidades, sensações que se constituem em novas formações subjetivas e, assim, as perguntas devem agir mais como um convite para o entrevistado falar com suas palavras, dando tempo para que ele reflita.

Assim a entrevista se aproxima de uma conversa que não especifica suas condições, os encontros acontecem de forma natural para que, embarcado no assunto, permitam ser afetados e afetarem todo o fluxo dos acontecimentos, percorrendo diversas linhas que são traçadas, no sentido de gerar novas perspectivas, que também acionam parcerias, intercessões naturais e guiam todo o movimento do encontro. Pensar e estar livre no encontro age na enunciação coletiva, onde a composição dos discursos expõe o lado mais intenso dos planos e das experiências indicadas em seus contornos, acessando assim o momento entre as falas, garantindo um sentido até então inexistente e novo para todos que participam do grupo, interferindo constantemente num sentido único, que como Deleuze e Guattari (1995) discutem, se transformam em linhas de devir a serem acompanhadas.

Desta forma, acompanhar a experiência requer levar em conta os planos do conteúdo e da expressão, que desafiam o manejo da experiência compartilhada do dizer e que gera um novo plano, um novo mundo. Assumir o caráter performático das falas é fundamental para pensar nos direcionamentos com o objetivo de potencializar a pesquisa, e como fazer, intervindo na abertura da experiência da fala em curso, resistindo aos discursos que, por vezes, brotam unificadores e totalizantes, através de indeterminações, e então chegar à experiência compartilhada do dizer, demonstrando os desdobramentos do trabalho experimental, fazendo com que nos tornemos atentos, experimentando e criando novas possibilidades de acesso e acompanhamento do que se objetiva no coletivo de forças como plano da experiência em si.

Traçar caminhos que envolvam os afetos de cada participante foi um processo árduo de estudo e de pensamentos que se moveram frente às incertezas, visto que as discussões e encontros em grupo também decorreram das experiências do primeiro momento.

Mais que simples mapeamento físico, a cartografia trata de movimentos, jogos, relações, enfrentamento entre forças, enunciações, objetivação e subjetivação, estética de si mesmo, praticando resistências e liberdades, não se referindo apenas ao método com proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas como estratégia de análise crítica e ação

política, de um olhar crítico que acompanha e descreve trajetórias e suas relações, compondo dispositivos que apontam para linhas de ruptura e resistência. A cartografia desenha uma topologia dinâmica com lugares e movimentos, traçando diagramas e expondo linhas de força a partir dos enfrentamentos e de suas intensidades. Tratamos de pistas, enfatizado que os dados também se constroem no processo. Portanto não há como esperar resultados ou conduzir todos os procedimentos, que devem m a uma condução fluida, tal qual o rizoma, transpondo caminhos, assim como as linhas de fuga, para alcançar o tempo e um lugar comum – o plano comum.

Quando pensamos os encontros em grupo, a preparação para os rumos e imprevistos surge como fator importante para que pudéssemos ter segurança do objetivo pretendido, pois que a falta da experiência nos impõe certo grau de ansiedade no processo.

A partir do desenvolvimento das dinâmicas propostas, o encontro fluiu espontaneamente em um fluxo imanente e próprio ao processo da cartografia, que delineia espaços, geram novas linhas, novos contornos. Foi possível compreender que, só através da percepção da linguagem possibilitou-se trabalhar os sentimentos, e não foi difícil manter o tema e objetivo do trabalho, preocupação constante quando da preparação.

Os alunos foram espontâneos ao relatar também as suas preocupações ao assumir a vontade de participar dos encontros, e este foi um aspecto questionado e evidenciado nas respostas de A1: *Até então ninguém quis saber nossa opinião verdadeira sobre o assunto. A escola não pergunta os professores não perguntam, e fica por isso mesmo, a gente finge que está tudo ok.*

Outra fala questionadora de A2: *O celular não é um problema só da escola, é um problema social. Porque todo mundo usa o celular. E ninguém ou quase ninguém sabe usar o celular, então, como usar?*

Este foi um posicionamento interessante, pois a discussão permeou os sentimentos de incômodo com o uso do celular em outros espaços, como, por exemplo, no cinema, na igreja, em casa, quando estão com os amigos, enfim, em todos os lugares.

Um posicionamento importante observado partiu do relato sobre as ferramentas digitais. O grupo comentou neste momento que o celular não é a única ferramenta, assim como ele, o notebook, o tablet também são importantes e também são utilizados o tempo todo, mas ninguém reclama, por que será? (A3).

Neste ponto das discussões, uma inquietação importante tomou conta das discussões em grupo: *Como podemos fazer para sermos ouvidos pelos professores? Que estratégias devemos*

usar? sugeriu A2<sup>11</sup>. Foram várias as sugestões, dentre elas, fazer uma roda de conversa com os professores, preparar alguma estratégia a ser apresentada aos professores em uma das reuniões pedagógicas propostas em calendário acadêmico. Entretanto, não foram tomadas decisões imediatas a este respeito. O grupo sentiu necessidade de amadurecer estas ideias com o tempo de novos encontros.

Foi discutida a importância do celular, como forma de comunicação. Em consenso refletiu-se para o fato em que muitas pessoas, principalmente aqueles que não possuem uma formação mais consistente ou ainda nenhuma formação acadêmica têm dificuldades em aprender a utilizar os recursos midiáticos, em especial o computador. A inclusão digital ainda é vista com reservas por parte dos indivíduos que não utilizam as tecnologias em seu cotidiano. Entretanto, conseguem utilizar estes mesmos recursos através do celular. Com isso, pessoas com mais dificuldade, e aqui se destacam os indivíduos de diferentes gerações, também conseguem acompanhar as notícias, fazer busca de informações utilizando a internet do celular, relataram os alunos.

Um dos alunos colocou experiências vivenciadas com a avó materna, que hoje em dia se envolve mais com a internet através do celular por meio de seu incentivo. Sua satisfação e felicidade são evidentes e relatadas na sua fala: *como se estivesse [a avó] mais inteirada do mundo, conectada com tudo e com todos, e isso estreitou nossa relação* (A4). A observação foi bem acolhida pelo grupo, incentivando os demais a dar exemplos, falando sobre trabalhadores da zona rural que até pouco tempo não tinham contato com as tecnologias e tinham dificuldade até mesmo de se comunicar fora do campo, para os mais diversos fins.

Lévy (1993, p. 22) aponta que a aprendizagem dos processos de comunicação decorrem da interação de uma rede de significados aberta, que se interliga em uma conjuntura de analogias, relações, e remissões:

Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior? Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria.

---

<sup>11</sup> Percebe-se nesta inferência a delimitação do plano comum, que surge a partir de questionamentos coletivos, mas que se encontram presentes no processo de pesquisa. Neste sentido, Deleuze (1992), indica que as pistas que nos levam ao plano comum surgem de indagações, pois que as relações de interferência, de intervenção surgem do atravessamento de um desestabilizador de um domínio (seja disciplinar, conceitual, ou outro qualquer) sobre o outro. Trata-se de um processo de perturbação que se aproveita da potência de diferir do outro para expressar sua própria diferença.

Castells (2000) ressalta que a sociedade remodela-se em ritmo acelerado, a partir do domínio e utilização dos potenciais tecnológicos, traçando a história e seu destino social. Importante enfatizar que estas modificações não ocorrem de forma igual em todos os espaços, ao mesmo tempo e instantaneamente a toda realidade, visto que é um processo temporal e para alguns, também um passo lento a ser tomado. A sociedade assume novo posicionamento, pois suas transformações alteram o cenário social na busca pela melhoria e facilitação da vida e das práticas dos indivíduos.

Observou-se durante o percurso da pesquisa a pouca utilização do meio virtual por parte dos integrantes do grupo, que buscavam o aplicativo apenas para fins de confirmação dos encontros presenciais. Em algumas falas, observamos que os mesmos ainda não se sentiram confortáveis na utilização desta ferramenta e que, quando utilizada era feita de maneira descompromissada, conforme podemos observar na fala de um dos alunos que quando questionado a este respeito, responde: *nunca pensamos neste aplicativo para fins de aprendizado, não sabemos como agir (A5).*

Esta fala mostra que a dificuldade e insegurança do aluno frente a algo novo, o que nos remete aos escritos de Kenski (2008) a respeito da ação educativa. A aprendizagem é um processo complexo, pois compreende a essência da comunicação e por este motivo, exige participação plena com intercomunicação frequente entre os diversos parceiros do processo. Cabe a todos o envolvimento com a pesquisa para avançar neste conhecimento, de forma a ser diferente, transmutar-se com o auxílio de uma formação ampla em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade e autonomia para pensar e agir.

Questionados ainda a este respeito, os estudantes apontaram que a comunicação oral presencial se torna um processo mais real. Com efeito, observamos a procura da pesquisadora em promover mais momentos presenciais, para troca de informações, impressões do que por meio do aplicativo. Fato este interessante, que é demonstrado na fala dos próprios participantes da pesquisa, conforme aponta A6: *Uma falta de prática deste aplicativo como recurso educacional. Ele até então não foi apresentado desta forma e apesar de entendermos as possibilidades que os dispositivos móveis apresentam, ainda assim, nos sentimos sem rumo, e inseguros para utiliza-lo coerentemente.*

Longe de gerar discussões, pois o aplicativo não é o cerne principal da pesquisa, deixamos os integrantes à vontade para a utilização deste recurso durante o processo investigativo, e com o intuito de não interferir e inferir situações sobre esta ótica optamos por deixá-los bem à vontade quanto a sua utilização.

## O Segundo Encontro

Partindo das experiências do primeiro momento, o segundo encontro já ocorreu com mais segurança, onde os medos e incertezas da pesquisadora, apesar de sempre presentes, foram dando espaço às preocupações corriqueiras do campo de pesquisa

Conforme o proposto pelos estudantes ao fim do primeiro encontro, este momento foi realizado em outro local, em um espaço aberto, na praça de convivência dos alunos, em frente ao prédio principal do IFTM. As datas e horários foram acordados previamente com o grupo e foram reforçadas pelo WhatsApp. A pesquisadora enviou reportagens simples retiradas de jornais e revistas sobre o celular e seu uso. Suas postagens foram seguidas por várias outras postagens de arquivos inseridos pelos integrantes do grupo “C.A.”<sup>12</sup>.

Os alunos também se apresentaram mais seguros. A Chegada foi repleta de emoções, pois que todos participaram da arrumação do espaço. Uma grande toalha foi estendida ao chão, para dar um ar de piquenique ao momento. Alguns alunos se posicionaram sentados nos bancos da pracinha.

Apesar de se apresentarem mais a vontade, a pesquisadora ainda sentiu por parte dos participantes a espera de definições para o encontro. Como não houve por parte da mesma nenhuma orientação inicial, os mesmos questionaram: *E agora, o que fazemos?* indagou A1. *Você não vai dar nenhuma orientação?* Complementou A5.

A pesquisadora então apresentou novamente a proposta acordada pelo grupo no primeiro encontro, onde o grupo tomaria as decisões, já que ela se posicionou como uma integrante do grupo, e não mais como condutora dos procedimentos ou muito menos como professora, visto que este não estaria inserido nos objetivos propostos e acordados por todos no primeiro encontro.

A partir da colocação da pesquisadora, os estudantes puderam perceber a importância de pesquisar sobre o assunto. A3 complementa: *Entendo que é por isso que temos de nos inteirar dos assuntos, não é.* Houve concordância de todos. Em seguida, perguntaram à pesquisadora, que sugestões ela daria, para a continuidade dos trabalhos. A pesquisadora diz: *Podemos então pensar em atividades ou dinâmicas que nos levem a pensar sobre o assunto.* A10 complementa: *Precisamos então definir o objetivo deste encontro.* Em acordo, todos definiram como tema pensar sobre como os discentes utilizam o celular na sala de aula.

---

<sup>12</sup> Os textos mais utilizados se encontram presentes no APÊNDICE III – Diário da cartógrafa.

A pesquisadora esclareceu novamente que o objetivo dos encontros seria realizar reflexões diferenciadas para incitar o debate, levando ao gosto pela pesquisa, em um momento que se destacasse à sala de aula.

Após estes momentos iniciais, o grupo se sentiu mais a vontade, e passaram a conversar e definir as atividades com liberdade, porém sempre no intuito de tornar os momentos atrativos, onde todos sentiram a necessidade de discussão sobre o assunto proposto. Entretanto, o que se observou é que a própria dinâmica dos encontros fluiu, sem a necessidade de intervenções prementes. As intervenções realizadas pela pesquisadora demonstraram sua inserção enquanto participante dos encontros e não como condutora das atividades.

Intercalando com esta fala da pesquisadora sobre o que se pretendia discutir neste momento, os participantes se sentiram mais seguros para pensar sobre o assunto, trazendo à tona questões no intuito de levar à reflexão: Em minha vida acadêmica, como o celular influencia a aprendizagem? Será que exerce influência? Foi o questionamento de A4.

As possibilidades de debate e os sentimentos traduzidos em palavras neste encontro funcionaram como interruptores acionadores da percepção, das sensações e do entendimento, mostrando outros caminhos possíveis, promovendo um jogo com o que nos acontece e nos transforma. Esta percepção aparece na fala de A7: *Quando decidi participar deste trabalho, já entrei pensando em sair. Mas agora, começo já a pensar no próximo encontro e quais surpresas este nos reserva.* A7, A4, A11 concordaram com esta fala.

O lanche oferecido pela pesquisadora fora disposto também na toalha de piquenique desde o início, ficando a vontade para que cada um se servisse, sem uma regra para se servir. Cada um se serviu de acordo com sua vontade, o que deu ao encontro o ar de um momento descontraído de reunião de amigos. Surgiu por parte de A8 a ideia de uma brincadeira para tornar este momento descontraído. A pesquisadora sugeriu uma dinâmica, onde um voluntário foi convidado a se imaginar na posição de professor, e entender como ele, enquanto docente poderia lidar com as situações que surgissem a partir do objetivo proposto. Neste sentido, foram lançadas algumas questões provocativas por cada um: *Além deste grupo, você já conversou com alguém sobre o uso do celular?* (A7); *Como foi esta conversa?* (A4); *Como eu uso o celular?* (A5); *Como seria minha vida acadêmica sem o celular?* (A2).

A partir destas provocações aconteceram discussões. Com o grupo já interagindo e à vontade, foi possível observar a seriedade com quem encaravam os encontros, com uma maturidade que ia além das expectativas e as discussões trouxeram aspectos relevantes para o processo de pesquisa. As falas que seguem elucidam esta discussão:

*Estas informações que compartilhamos foram muito importantes, pois parece que o celular já existe há tanto tempo em nossas vidas, entretanto, surgiu praticamente agora (A3).*

*Interessante mesmo, a história nos ajuda a compreender os fatos passados para entendermos nosso presente (A4).*

*Interessante pensar neste conceito de sociedade moderna. Estamos vivendo isso e muitas vezes não paramos para pensar ou discutir o assunto (A6)*

Sobre a questão: *Na minha vida acadêmica, como o celular influencia minha aprendizagem? Será que influencia?* Os alunos entendem que as intervenções do celular na aprendizagem são poucas e muito tímidas. Alguns professores solicitam que se faça uma pesquisa online, confirmando datas, nomes e outros aspectos. Outros professores permitem a consulta de arquivos no formato de texto ou Power Point nas avaliações com consulta, como podemos perceber nas seguintes falas: *Não sei se é falta de interesse dos professores, ou falta de conhecimento mesmo. Acontece que o celular é utilizado somente para consulta, expõe o aluno A11. Da mesma forma, A10 comenta: Verdade, com o tempo fica chato ficar consultando google para pesquisar palavras, nomes ou datas. Porque não sugerir que os alunos montem um jogo com auxílio dos professores de informática para trabalhar determinado assunto? Questiona A1.*

Foram citados alguns aplicativos que auxiliam especificamente em alguns conteúdos e que são de conhecimento comum. São eles: Mathboard, Stack the countries, dentre outros.

Quando questionados sobre a utilização do celular para acesso às redes sociais, os alunos afirmaram que este fato ocorre em aulas desinteressantes, repetitivas, como podemos perceber nas seguintes falas: *Quando a aula é boa, a gente não pega no celular (A1); Verdade, aqui por exemplo, não temos vontade de pegar no celular (A7). Tem horas que a gente mexe nas redes sociais para não dormir na aula (A6).* Quando a aula desperta interesse, os próprios colegas de turma chamam a atenção daqueles alunos que porventura atrapalhem a aula. Por mais que o conteúdo da aula seja importante, são desinteressantes e enfadonhos para os sujeitos, que busca outras atividades e dentre estas, o celular é utilizado para acesso a jogos, redes sociais, dentre outros: *Porque quando o professor consegue fazer o conteúdo ficar interessante, todos queremos aprender, não há tempo a perder (A9); Isso mesmo, então chamamos a atenção daqueles que exageram no celular (A10).*

Ainda neta discussão os alunos afirmaram que há falta de diálogo com a instituição: *A escola não nos ouve, não demonstra oportunidades de um diálogo aberto e propício a mudanças (A1). A escola fala que escuta os alunos, muitas vezes ouvimos dizer que a sala de*

*aula é um espaço democrático, mas não sentimos assim, muitas vezes obedecemos a autoridade do professor, destaca A8. E na maioria das vezes a autoridade é imposta, não somos questionados a respeito,* complementa o colega A9.

As falas dos alunos nos fornecem pistas do que se passa na sala de aula, das dificuldades dos alunos serem ouvidos.

As interações que se estabelecem em sala de aula entre professor-aluno, aluno-aluno são imprescindíveis para o processo de aprendizagem. O professor assume papel fundamental neste processo, pois faz o papel de mediador, dando suporte às construções, que segundo Tassoni (2000, p. 6):

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos.

Ao enfocarmos o processo de aprendizagem, torna-se imprescindível focar as interações e procedimentos de ensino. Assim, o que é dito, que forma se diz, qual momento e porque, o que se faz, em que momento e por que são fatores que afetam os laços destas relações e que influenciam em todas as etapas do processo. A forma como o professor expressa suas intenções e valores, desta forma, pode e irá afetar cada aluno.

Quando pensamos nas perspectivas do uso dos celulares em sala de aula, as falas dos alunos nos movimenta a pensar que na era da informação as escolas não podem ficar à margem desta tecnologia. Mantoan (2003) afirma que a escola precisa se adequar a esta nova era da informação, não só com os recursos, mas também com atividades que aproximem alunos e professores do ato de aprender, realizando associações:

[...] a existência dos computadores na escola à ideia de co-criação do conhecimento, interdisciplinaridade, aprendizagem colaborativa, ampliação de comunicação e expressão entre aprendizes e professores, vivências intra e interescolares, que implicam a multiplicidade de pontos de vista e o intercâmbio de ideias diante de um mesmo tema ou a resolução de problemas pela troca de soluções possíveis e escolhas compartilhadas. (MANTOAN, 2003, p. 53)

A escola e o professor convivem com alunos nascidos na era digital, que acessam com facilidade informações através de variadas fontes: televisão, internet, telefone, livros, além das vivências do cotidiano. Destes apontamentos, os alunos retornaram à questão anterior a esta, que foi levantada no primeiro encontro: o que fazer para trazer à tona estas questões, para envolver os professores e a equipe institucional nos debates? Esta foi uma questão já discutida por eles, e neste momento, eles retomaram o questionamento. Entretanto, surgiu outra questão pertinente a esta nas falas dos alunos: *Mas será que este é um pensamento só nosso? Como*

*será que ocorre em outras escolas? Será que todos pensam como nós? Será que os problemas são os mesmos?* Questiona A6.

Partindo desta reflexão, o grupo se mostrou instigado a descobrir a opinião de outros alunos, de outros professores, de outras instituições. Surgiu da discussão uma ideia de visitarmos outra instituição escolar para realizarmos uma “pesquisa” que envolvesse os alunos, professores e a direção destas outras instituições. Esta discussão partiu do que foi apresentado no primeiro encontro, e que foi questionado novamente pelo grupo: *Como vamos fazer para que os professores nos ouçam? O que podemos fazer para incitar o diálogo?* Questiona A9. Desta questão, o grupo sugeriu buscar respostas, com o foco em ampliar a percepção sobre os aspectos discutidos, buscando pontos em comum no assunto debatido. Aparece a ideia de visitar uma instituição: *Podemos visitar uma outra escola, para saber se o uso do celular na sala de aula é um tema comum ou se é um problema só nosso*, sugere A9. *Mas como fazer, aonde iremos buscar estas respostas?* (A2). Com o silêncio do grupo, e com a necessidade de terminar o encontro em virtude do avanço dos horários, ficou determinado que todos iriam pensar a respeito e trariam opiniões no próximo encontro.

Antes da finalização, o grupo propôs que trocássemos mais informações durante a semana para definir a data do próximo encontro, seus objetivos e sugerir um ou mais textos para estudo antes do terceiro momento. Todos concordaram com a ideia, ficando assim de conversar, utilizar o WhatsApp e também trocar ideias com a pesquisadora.

### **O Terceiro Encontro**

Durante a semana, os debates pelo WhatsApp levaram à escolha de um local. Os alunos perceberam que o segundo encontro, apesar do clima favorável, contou com um fator de desconforto, conforme relata A1: *O fato de estarmos em um espaço aberto, de ampla circulação de pessoas, também nos deixou desconfortável, pois alguns colegas vieram perguntar o motivo da festa e do convite apenas para alguns.* A2 e A3 também concordaram: *Alguns colegas ficaram Zoando, acharam que estávamos sendo favorecidos, não entenderam que foi feito o convite para todos.*

A partir deste fato, o grupo entendeu a necessidade de encontrar um local de menor circulação e que não chamasse tanta atenção dos demais alunos da instituição. Decidiram então que o terceiro encontro ocorreria no anfiteatro da instituição, por ser um espaço amplo, com

boa ventilação, e mais isolado. A utilização deste espaço ocorre apenas com agendamento prévio, que foi solicitado pela pesquisadora.

Da mesma forma, o grupo começou a demonstrar interesse pelo debate, e durante a semana, trocaram informações sobre textos encontrados na internet. A maioria dos textos disponibilizados não eram acadêmicos, e quando questionados pela pesquisadora, os mesmos comentaram: *como não temos aqui a rigidez científica encontrada na sala de aula, pensamos que pudéssemos buscar em qualquer site, inclusive a Wikipédia, que muitas vezes utilizamos como referência*, comentaram A5 e A7. A10 complementou: *não percebo nenhum problema, apesar de que temos que tomar cuidado, pois nas aulas de metodologia, a professora comenta sobre a utilização do Wikipédia como única fonte de pesquisa*. A12 e A13 concordaram com este posicionamento. Assim, ficou definido por todos os integrantes que além de sites de revistas, teríamos um olhar de curiosidade para artigos acadêmicos.

A partir dos textos indicados pelos integrantes do grupo (incluindo-se a pesquisadora) no decorrer entre o segundo e o terceiro encontro, seja por e-mail, ou utilizando o WhatsApp ou ainda textos impressos que poderiam ser distribuídos por qualquer um dos componentes do grupo, os alunos definiram durante este período o debate sobre quais os saberes necessários aos professores para a inclusão de novas mídias na educação.

A pesquisadora mais uma vez lembrou a importância da postagem de textos, artigos, imagens, mídias entre um encontro e outro, pois estes seriam utilizados pelo grupo para as definições durante os encontros.

Abrindo as discussões, com o intuito de ampliar os momentos de conversa, o grupo sentiu necessidade de mais tempo para lembrar os textos. A9 sugeriu que iniciássemos com o primeiro texto sugerido por A11<sup>13</sup> e que fora postado no WhatsApp, e a partir daí, passássemos rapidamente a pensar nos que todos concordassem que fossem interessantes para o debate. Houve anuência de todos.

Entretanto, antes de iniciarmos as discussões, A12 levantou a questão do tempo dos encontros, que para ele, estavam sendo curtos: *uma hora de conversa parece muito, mas para mim está pouco, pois me sinto bem conversando a este respeito*. A12 questionou a seguir: *Então, como podemos definir?* Houve um silêncio geral.

---

<sup>13</sup> **Celular em Sala de Aula:** Proibir ou usar como Ferramenta? Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/celular-em-sala-de-aula-proibir-ou-usar-como-ferramenta,605bd3f1c2323556dae7c08d601e13dfr8yfrCRD.html>>. Acesso em Abr. 2016.

De A11 surge a proposta de que os encontros pudessem ocorrer mais cedo, a partir do horário de almoço, passando de uma hora de conversa para aproximadamente duas horas de discussões: *Não me importo de ficar aqui, podemos trazer um lanche, ou ainda marmita de casa. Mas assim poderíamos passar mais tempo juntos.* Houve anuência geral. Entretanto, a pesquisadora entrevistou, sugerindo que preparássemos então, lanches mais reforçados, para suprir o almoço mas que nos auxiliassem na necessidade apontada pelo grupo com uma maior integração e mais tempo para conversarmos sobre o assunto. Preocupados com o lanche, A4 sugere: *podemos todos ajudar no lanche para não ficar pesado para ninguém.* A pesquisadora mais uma vez entrevistou, informando que ficaria com a parte maior, não porque gostaria de sobressair perante os integrantes do grupo, mas que para ela seria importante pensar nestes lanches, como forma de afeto, que já possuía pelo grupo. Os demais concordaram, mas pediram para dividir a responsabilidade das bebidas e dos materiais para servir o lanche ou almoço. Todos ficaram de acordo

Assim, a partir do quarto encontro, os horários seriam ampliados, tendo em vista a necessidade apontada por todo o grupo. Em virtude da necessidade de privacidade, o grupo decidiu também que os próximos encontros seriam agendados no mesmo local, o anfiteatro, por ser um espaço mais reservado dos demais espaços. Caso houvesse necessidade poderia o grupo decidir pelo uso de mais de um espaço, mas o segundo espaço seria definido no encontro, deixando fluir naturalmente esta necessidade.

Ainda neste terceiro encontro, o lanche foi preparado e servido pela pesquisadora, por entender que estes alunos passam o período integral na instituição e necessitam das refeições. Além desse fato, o afeto proporcionado pelo preparo com zelo também foi fator de importância para a mesma.

Foi então decidido que a discussão precisava ocorrer com maior espaço de tempo, sem a rigurosidade dos horários disponíveis na grade horária dos cursos. Como o período de almoço é um horário comum a todos, a partir do quarto encontro, o grupo buscava definir datas e dia da semana que pudessem agregar não só um horário disponível a todos, mas também o horário do almoço, para que pudessem então ter um período maior de tempo para o encontro do grupo.

Ainda neste encontro, a partir de uma conversa informal do grupo, surgiram alguns assuntos interessantes como a programação de cinema daquela semana. Foi com grata surpresa que ouviram as preferências da pesquisadora por filmes de ação e ficção científica, principalmente os baseados em quadrinhos: *Nossa, incrível, a gente não poderia imaginar que gostasse de filmes de ação* comentou A11. *Sem ofender, você, por ser mais velha do que a*

*gente, gosta de assistir Batman X Superman, e isso é muito legal!* Relata A8. A possibilidade de perceber o gosto e interesse da pesquisadora por filmes e também por games, neste instante de agradável conversa, fez com que houvesse uma aproximação maior entre os membros do grupo com a pesquisadora, já mais próxima de todos. A fala de A6 (*Gente, estes encontros estão se tornando cada vez melhores!*) e a reação (todos riram e concordaram) do grupo evidenciam esta descontração.

Findo este início, o grupo sugeriu uma dinâmica que ajudasse a nortear as reflexões, pois cada aluno participava aleatoriamente. Mas queriam algo diferente, então propuseram à pesquisadora: *Você não teria algum jogo ou brincadeira de sua época que pudesse nos ensinar*, indagou A13. Revisitando suas experiências, a pesquisadora sugeriu o jogo Escravos de Jó. Perguntou se alguém do grupo já conhecia esta brincadeira. Como a resposta foi negativa, passou a descrever como se jogava, o que levantou interesse de todos. Sugeriu então que todos sentassem em roda. Com uma tampinha de garrafa de refrigerante, passou a ensinar a brincadeira, mostrando que o erro deveria levar a pagar uma prenda. A9 sugeriu: *Podemos escolher um texto, e quem errar vai ter de rapidamente, sem pensar, pegar um trecho do texto, ou ainda criar de imediato um questionamento, ou realizar um comentário, podendo passar inclusive a rodada para outro jogador, o que acham? Podemos abrir pelo aplicativo do celular*. Todos foram unânimes em aceitar, comentando ainda, que a seguir, a partir das observações, o grupo poderia intervir, passando por uma discussão mais ampla do assunto. Todos concordaram. Assim, iniciou o jogo, que fluiu durante o tempo restante do encontro.

Apesar da cartografia nos colocar a necessidade de fluidez de acordo com o momento, em alguns instantes, a pesquisadora sentiu o ímpeto de intervir, e apesar da consciência do seu papel como membro do grupo, trilhou ainda outros caminhos na busca de informações e pensamentos sobre o tema discutido, não podendo ignorar algumas observações pertinentes, no intuito de provocar o grupo, levando ao coletivo de forças, pensar em alguns aspectos importantes para, então, deixar fluir o surgimento de novas ideias, de novos caminhos. A aceitação destas intervenções nos espaços de discussão deu-se quando os próprios integrantes do grupo passaram a pesquisar e trazer novos conteúdos para debate, através dos mais diversos sites sobre o tema e que foram compartilhados.

Durante o jogo, discutiu-se a questão dos saberes dos docentes para a inclusão do celular na educação. Assim, questionamentos como: *O que são os chamados Nativos Digitais?* (A3); *Quais são suas dúvidas sobre os professores e a inclusão de novas mídias na educação?* (A10); *E o professor, qual é seu papel na sala de aula para lidar com esta nova mídia, o celular?*

*Como o professor deve e pode planejar o uso do celular em sala de aula?* (A11), complementaram os pensamentos inquietantes e incitaram o debate e a pesquisa. As discussões trouxeram algumas conexões importantes com o assunto:

A6 comenta: *Pelo que sei, Nativos Digitais é a denominação de nossa geração, uma geração da internet, ainda conhecida como geração Z. Verdade, uma geração que navega na internet sem medo, percebendo o mundo através do mundo digital, coloca A4. Sobre a inclusão de novas mídias na educação, A3 comenta: Para nós é algo natural, mas deve ser difícil para o professor incluir o celular em sua aula, pois de vez em quando é difícil descobrir tudo o que o celular nos proporciona. E o planejamento de como fazer também não é fácil, aparecem alguns problemas, como falta de internet, alunos com celulares diferentes, alguns com poucos recursos, outros com mais. Isso tudo dificulta o professor pensar no seu trabalho, colocou A13.*

Em um momento, A12 questionou a percepção dos próprios integrantes sobre a importância dos momentos em grupo. Este questionamento incitou os demais a pensar sobre o assunto em questão, conduzindo cada um a uma postura diferente, uma postura de observador do espaço escolar, do espaço que o grupo estabeleceu em torno das questões do uso do celular. O Silêncio se fez presente neste momento. Mas logo de imediato, começaram a comentar seus pensamentos.

A2 comenta: *Passei a observar mais o que ocorre a meu redor sobre o assunto, sabe... Vi a postura dos colegas, a minha postura, a do professor, tudo isso faz a gente pensar. A3 concorda: Então, a gente se acostuma de imediato a jogar a culpa na escola, no professor. Olhamos muito o nosso lado... E A7 complementa: Sim, mas será que às vezes a culpa também pode ser nossa também? A9 retruca: Que isso cara, a gente sempre tem razão oras! O riso foi geral.*

Outro integrante, A4 coloca seu posicionamento: *Pensava sempre sem agir, sem refletir sobre meus atos, usando o celular, agora é diferente, antes de usar, eu olho ao redor, as pessoas, enfim o momento. A5 complementa: Eu acho que ao contrário, eu pensava demais. Mas não prestava atenção a pequenos detalhes. Agora vejo o quanto os detalhes importam! A pesquisadora fez questão de colocar seu posicionamento, informando a relevância destas percepções: Perceber os detalhes, perceber o outro, olhar para si, olhar para os lugares, tudo isso é que nos faz crescer como seres humanos.*

Enviesando-se pela narrativa dos alunos neste encontro, percebe-se que não se perderam de vista os desafios impostos, pois o desejo de conhecer mais sobre o uso do celular se impôs,

e pôde vir a ser uma imposição que se transforma em pensamentos emergenciais, podendo temporariamente bloquear os fluxos conceituais, para tornar-se a seguir numa potência de agir, de possibilidades potentes que efetivam os diversos modos de vida. O diálogo permanente com os alunos favoreceu o pensamento reflexivo, confrontando os diversos conhecimentos, trazendo conflitos nos argumentos científicos que geraram na pesquisadora uma crença de que o estudo da cartografia torna-se uma necessidade.

Os alunos puderam também retomar o desejo de realizar uma pesquisa, não no sentido metodológico, mas que norteasse o que acontece nas instituições de ensino a respeito da utilização do celular em sala de aula.

Conforme debate anterior, todos sentiram a importância deste momento como forma de consolidar os pensamentos do grupo a respeito dos conceitos que foram colocados em debate: *Fico pensando, será que estes sentimentos e percepções são nossos apenas, por estudarmos em uma instituição diferenciada, com o ensino voltado para a formação profissional e tecnológica, ou o que refletimos aqui também é discutido em outras escolas! Vale a pena pensar sobre isso,* argumenta A9.

Mais uma vez, A9 retoma seus questionamentos do encontro anterior: *Mas como podemos fazer para sermos ouvidos? Mais que isso, porque não podemos ver em outras escolas como tratam o assunto?* Um burburinho tomou conta do ambiente. Couberam aqui, questionamentos a respeito do tempo necessário para a condução deste processo, de conhecer sobre o uso do celular em outros espaços escolares, visto que o calendário acadêmico do IFTM previa em breve período de férias escolares. Após uma discussão geral, houve consenso de que a condução deste processo, em virtude do pouco tempo disponível deveria ocorrer, mesmo que para tal, utilizássemos um trabalho mais rápido, mas que pudesse de certa forma, nortear nossos questionamentos. O grupo, em consenso, definiu a realização de entrevista através de um questionário comum a todos os espaços e entrevistados: *Precisamos ser práticos. Pela falta de tempo, entendemos que devemos ter um questionário pronto, igual para todos.* Complementando este pensamento de A11, A13 relata: *Sim, e desta forma, podemos ter uma percepção geral, percebendo de pronto as igualdades e diferenças. Podemos pensar um questionário simples, mas que traga a tona o assunto principal.* A10 comenta: *E que facilite nosso trabalho, pois o tempo é curto... Temos pouco tempo.... Muito pouco tempo.* A9 toma a palavra com papel e caneta à mão: *Então vamos decidir agora.* Sentados no chão, em roda, o

grupo passou a definir o questionário que colaborasse com a necessidade de um instrumento de pesquisa e que levasse a informações mais diretas.

Esta atividade sugerida pelo grupo não se caracterizou como uma pesquisa metodológica, com procedimentos e processualidades a serem rigorosamente seguidas, nem mesmo a tabulação de dados. Cabe ressaltar a pouca vivência destes alunos com as metodologias de pesquisa e seus fundamentos. O processo tratou de responder as inquietações particulares do grupo, no intuito de perceber, através deste contato com outros campos, a uniformidade de ideias discutidas, bem como as angústias, sentimentos e sensações experimentadas e socializadas nos encontros, deixando fluir o sentimento de solidão gerado pela experiência dos alunos junto ao IFTM, para perceberem os sentimentos e movimentos comuns em outros meios escolares. Portanto, o mecanismo criado pelos alunos, denominado questionário foi definido em unanimidade pelo grupo no sentido de facilitar o entendimento e socialização dos sentimentos e percepções frente às inquietações do grupo.

Foi acordado que as informações coletadas pelo grupo seriam uma espécie de exercício para ter algumas linhas do panorama externo sobre o tema abordado nos encontros, partindo de uma necessidade do grupo. Esta maturidade do grupo gerou grata surpresa à pesquisadora, que percebeu a necessidade coletiva de busca de respostas. Entretanto, A9 mais uma vez argumenta: *Gente, precisamos também pensar que esta pesquisa não pode ficar só entre nós viu. Temos de pensar como passar para os outros o que descobrimos!* Novo burburinho tomou conta do encontro: *A9 sempre criando novos problemas!* gritaram a uma só voz. Ouviram-se risos de todos.

Assim, as pesquisas realizadas, pela própria configuração dos objetos propostos, surgem com um potencial questionador dos caminhos teóricos percorrido, onde outras passagens fazem desterritorializar outras direções. Ciência, método e metodologia se conectam com a criação, invenção, partilhamentos e tensionamentos que a cartografia apresenta.

Todo o processo, apesar do acompanhamento da pesquisadora, foi definido pelo grupo “C.A.”. Importante ressaltar que, apesar do curso técnico contar em sua grade com a disciplina metodologia científica, nenhum dos alunos possuía conhecimentos específicos sobre metodologias de pesquisa, em especial, sobre a entrevista. Ainda assim, sentiram a necessidade deste momento de reflexão. Ressaltou-se aos participantes que as informações coletadas pelo grupo, constituiriam um exercício que proporcionaria um singular panorama externo sobre o tema abordado nos encontros, partindo de uma ideia de todos os integrantes do grupo.

Como cada participante trouxe a sugestão de um local de pesquisa, com a intenção de atender a todos, A5 sugeriu que cada integrante ou grupo de integrantes pudessem realizar o contato com a instituição escolhida, agendando data e horário para a realização das entrevistas. A8 sugeriu ainda que a partir do quarto encontro cada um passaria a agenda destas entrevistas para combinar as visitas. Foram agendadas no total 9 (nove) visitas a instituições diversas de ensino, públicas e privadas, a partir das escolhas acordadas. Para anotar os dados do questionário, cada um iria definir se anotaria os dados, se gravaria no celular, ou se utilizaria outra forma. A pesquisadora atentou apenas ao fato de que seria necessário solicitar ao entrevistado a permissão para as mesmas e que as anotações do entrevistador sempre contribuem para analisar a entrevista. A partir da visita, cada grupo ou indivíduo iria realizar nos encontros um breve relato dos dados coletados. Este relato pode ser oral ou digitalizado, para facilitar sua apresentação.

Com o fim do tempo de discussões, os integrantes perceberam que pouco se discutiu sobre o uso do celular em sala de aula. Pela falta de tempo, todos concordaram em retomar o assunto no início do próximo encontro.

Mais uma vez reiterou-se que o local do próximo encontro seria o anfiteatro e que agregaríamos ao horário, o período de almoço. O grupo propôs um encontro no prédio principal, inclusive para participar do momento de arrumação do local de encontro.

### **Quarto Encontro**

Na data e horário acordado, os alunos procuraram a pesquisadora e foram se mobilizando para preparar o anfiteatro para o almoço e para os momentos de discussão. Durante o almoço, que além de gostosuras, trouxe agradável música sugerida pelos integrantes (MPB). Os alunos utilizaram o notebook da escola para baixar músicas pela página do Youtube<sup>14</sup> na internet. A partir deste momento, enquanto almoçavam os alunos começaram a trocar ideias sobre o uso do celular em sala de aula, lembrando dos textos lidos entre os encontros e que foram compartilhados a partir do comentário de A3: *Gente, vocês tiveram a oportunidade de ler alguns dos textos que enviei? Achei muito importante a leitura dos textos. Me fez pensar sobre o professor, me colocar no seu lugar.* Neste momento, A5 colocou: *Engraçado, pois tenho tido interesse de ler os textos, não tenho este mesmo interesse nos textos das aulas.* Risos gerais tomaram conta do ambiente. Enquanto todos almoçavam, A5 retomou o contexto da

---

<sup>14</sup> [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br). Acesso em Mai. 2016.

utilização do celular, onde surgiu uma questão pertinente: *Como a instituição pode cobrar saberes dos professores, se a escolha dos professores é feita por um processo seletivo de profissionais das mais diversas áreas, mas de profissionais que se tornam professores sem saber o que é ser professor?* A7 retrucou: *Mas não é possível, o cara fez concurso para professor, como é que pode?* ; A8 fez nova colocação: *Muitas vezes a gente vai aprendendo, não é porque fez faculdade que vai sair sabendo ser professor.* Para os jovens, existe um grande abismo entre a relação professor e aluno: problemas culturais, educacionais e outros que afetam as diferenças de geração. Entretanto, pelas discussões evidenciou-se que a instituição não sabe como lidar com esta questão e com a resolução destes conflitos: *Parece que a gente fala mas o professor não nos ouve. E o contrário também acontece,* é a fala de A3. A9 complementa: *Dizem que isso se chama 'conflito de gerações', apesar de eu não entender muito isso.*

Quando se pensa na carreira docente, muitas são as dúvidas do grupo sobre este assunto: *Como se dá a escolha pela carreira docente? Como os professores entendem a questão de ensinar o outro?* São alguns dos questionamentos importantes levantados pelo integrante A8. O grupo passou a pensar sobre este questionamento de A8.

A3 também faz a colocação: *tem algumas pessoas que nascem com o dom, ou a facilidade de ensinar os outros. Isso acontece até mesmo conosco.* A6 também comenta: *Tá mas no caso dos professores daqui esta escolha é feita por meio de concurso. Sabemos que em qualquer profissão, tem gente que pensa só no salário. Não é o nosso caso, mas o IFTM pede alguma formação neste sentido?* A pedagoga informou que para prestar concurso, são exigidos as formações mínimas do professor. Em geral, solicita-se a licenciatura na área ou quando é exigido a graduação, pede-se a pós graduação com ênfase em alguma área, conforme regulamento de concursos estabelecido através de legislação interna do IFTM.

A partir do debate, o integrante A7 complementa: *Algumas aulas são enfadonhas, iguais. O professor não procurar melhorar, sei lá, modificar a sua aula. Mas nós queremos aulas cada vez mais criativas.* E a pesquisadora fala: *Mas será que a culpa é só do professor?* E A4 diz: *Se formos discutir este assunto, vamos ficar aqui uma eternidade, pois são vários os fatores que interferem: as políticas, o professor, o modo como ingressa na instituição, enfim.... São muitos aspectos.*

Outros concordaram com o posicionamento e complementaram: *As mídias devem ser vistas como aliadas e não como rival do professor na sala de aula. A tecnologia já faz parte de nossas vidas e não há como fugir disso* (A5).

Após este debate, todos se sentaram no chão, no palco do anfiteatro e iniciaram outro questionamento pertinente: A5, pergunta: *Então, mudando de assunto, quais podem ser os benefícios oferecidos pelos celulares para o processo de aprendizagem.* A6 retruca: *Não entendi sua pergunta.* A11 então propõe um exercício teatral onde os integrantes atuassem, e se colocassem no papel do professor. Assim, a partir deste exercício, poderiam demonstrar como atuariam e utilizariam o celular em sala de aula. Poderiam realizar por meio de uma performance ou ainda por meio de relato. Os colegas poderiam ao final, interferir com perguntas e debates sobre o assunto. A participação foi voluntária. Os que não quisessem interpretar, poderiam contribuir com suas falas. Foi um momento divertido, pois surgiram várias caricaturas e imitações dos docentes da instituição. Esta dinâmica gerou momento de grande descontração no grupo que passaram um tempo tentando adivinhar qual docente estava sendo caracterizado.

A imitarem os professores e professoras, os estudantes começaram a se questionar, como podemos perceber na fala de A1: *Será que estamos mesmo utilizando o celular para aprender? Será que outros países utilizam? Quais? Alguém já pesquisou ou ouviu falar a respeito? Neste sentido, o que estamos aprendendo na escola? Será que estamos aprendendo?* Posicionaram os participantes A1, A2, A4.

A6 participa da discussão: *Eu acho que como em tudo o que se fala sobre tecnologia, com certeza algum país já deve estar bem avançado nestes recursos, muito mais do que a gente imagina.* A7 também coloca: *Se a gente está atrasado em uma série de coisas, com certeza a educação também não fica atrás.* A11 faz sua colocação: *Temos um professor que esteve por um tempo na Finlândia, e disse que lá estão até querendo tirar a disciplina de alfabetização, deixando apenas para aprender a escrita no Tablet.*

A partir destas colocações houve um amplo debate, onde diversos integrantes relataram que entendem que um dos objetivos dos processos de aprender, em que se utilizam das tecnologias, em especial o celular, traduz na formação de alunos mais ativos, de modo que o educador e a tecnologia se tornem mediadores desse processo, devendo estar unificados para que a aprendizagem se torne eficaz.

No decorrer das discussões um estudante realiza um comentário que levou a reflexão sobre o uso da tecnologia do celular no Brasil, assim como questões de mercado vinculadas a esta temática, diz a fala: *O Brasil ainda está muito defasado com relação ao uso do celular. E aqui é um dos países em que mais se produzem celulares, pois em outros lugares do mundo, o consumidor ganha o aparelho celular, na medida em que assina planos mais sofisticados. E ainda, os celulares são trocados anualmente. Aqui no Brasil, como os aparelhos são vendidos*

*e por preços muito altos, o nosso país se tornou o maior fabricante de celulares de grandes marcas. Só perde em produção para a China (A1).*

Questionados pela pesquisadora sobre a fonte destas informações, os estudantes informaram que estes dados estatísticos que podem ser obtidos no site do IBGE<sup>15</sup>, ou em outros sites que analisam esta questão, pois estes se discutem cotidianamente o mercado de consumo das novas tecnologias do celular, e os alunos do curso integrado em manutenção e suporte à informática sempre debatem sobre o tema.

Neste sentido, um debate sobre as incertezas que decorrem quando nova tecnologia foi lançado no grupo pela pesquisadora? Um dos exemplos citados foi sobre a utilização de calculadoras em sala de aula. A pesquisadora comenta: *Quando se iniciou o processo de liberação das calculadoras em sala, este fato gerou polêmicas no meio social e escolar, pois muito se falava da falta de aprendizagem dos alunos nos cálculos matemáticos. A grande questão é que cabe ao professor ensinar os cálculos e mostrar aos alunos a importância da utilização da calculadora como recurso de apoio, pois se ele souber fazer os cálculos vai perceber quando realizar alguma operação de forma errada.* A9 complementa: *Entendi, o mesmo aconteceu com os livros, quando lançaram o e-book. Também disseram que o cinema ia acabar quando lançaram o Netflix.*

A seguir, retomou-se a proposição e discussão em relação à pesquisa em outras instituições, para se pensar os passos após a apresentação da proposta de questionários (ANEXO I) desenvolvida pelo grupo. A3 questiona: *Que questões colocaremos neste questionário? Porque tem de ser um questionário mais curto.* Sim, mas podemos pensar em questões que sirvam para as três entrevistas. Primeiro podemos definir algumas perguntas para quebrar o gelo, e depois perguntar diretamente o que queremos saber, foi a colocação de A9. A7 comentou: *então das questões de 1 a 4 podemos fazer diferente e da 5 a 12 podem ser iguais para todos.* A12, A1 e A14 concordaram. A pesquisadora então interveio, sugerindo que já anotassem as questões. A pesquisadora se dispôs a digitar os questionários e distribuir cópias para o grupo. Todos concordaram. Definiram também a criação de um questionário para cada grupo: alunos, professor, diretor, apenas para facilitar a coleta das informações: *Assim, não nos confundimos na hora de fazer as perguntas,* complementou A5. A seguir, foram definidas algumas datas de visita a 4 instituições, preparando-se local de encontro do grupo ou de dois integrantes em separado. Decidimos que, após cada visita, os grupos ou indivíduos iriam se

---

<sup>15</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em jun 2016

reunir com a pesquisadora para debaterem como procederiam a coleta de dados, para no encontro seguinte, socializar as percepções com todo o grupo. Para tal já pensaram na necessidade de ampliar os seis encontros propostos inicialmente tentando adequar algumas datas com o calendário de férias da instituição, de forma que o grupo pudesse definir alguns prazos, apesar da necessidade de decisões rápidas. O grupo consentiu então em verificar as possibilidades de mais dois encontros para a socialização das visitas, contabilizando ao final, oito encontros do grupo “C.A.”.

Apesar da vontade de permanecer no ambiente, todos perceberam a necessidade de retomada das atividades de aula. Houve uma calorosa despedida, com a fala de A12: *gente, perceberam que nunca interagimos tanto com pessoas de outros cursos, que não da nossa sala, do curso técnico que cursamos? Estamos nos transformando mesmo!*

### Quinto Encontro

O quinto encontro aconteceu conforme o costume, no anfiteatro. Mais uma vez o grupo procurou a pesquisadora momentos antes, demonstrando vontade e interesse de auxiliar na preparação da mesa de almoço. A12 trouxe o violão, e propiciou ao ambiente músicas agradáveis ao gosto de todos, boa conversação e diversão neste momento. Após o almoço, enquanto todos auxiliavam na limpeza da mesa e do ambiente, A3 colocou algumas preocupações sobre como os alunos gostariam que o professor abordasse o uso do celular em sala de aula. A partir desta questão apontada por um integrante, foi aberto um debate livre, onde cada um expôs a sua opinião.

A3 colocou ainda que ficou preocupado com esta questão após o envio de A5 de artigos sobre o assunto no WhatsApp. Cabe lembrar que no intervalo de cada encontro, o grupo enviava artigos e outras páginas da internet com artigos ou leituras interessantes sobre o uso do celular na sala de aula. Neste instante A5 compartilhou suas dúvidas que surgiram a partir da leitura dos textos: *Se você fosse o professor, como você gostaria de abordar o uso do celular em sala de aula? E a questão de autoridade em sala de aula, como é vista pelos alunos? Como acontece a relação professor e aluno em sua sala de aula? O que você entende que poderia ser modificado?* Estas questões abordadas por A5 foram pertinente para um debate. Cada um foi relatando algum trecho das leituras.<sup>16</sup> Dentre os pontos discutidos, ressaltamos a questão da

---

<sup>16</sup> Dentre os textos, segundo os integrantes do grupo, os que mais se destacaram foram: JORGE, Arllen. **Como transformar o uso do celular em sala de aula em um aliado da tecnologia na educação?** Disponível em: <<http://appprova.com.br/2016/08/27/uso-do-celular-em-sala-de-aula>>

autoridade em sala de aula, bem como os processos democráticos que devem existir, através do diálogo constante entre professor e aluno: *Estamos no caminho do diálogo, mas ainda falta muito para chegarmos lá*, comenta A6. A7 se posiciona: *Eu concordo, mas acho que a autoridade se constrói, não é imposta*. A8 fala: *Ainda acho que a escola não nos ouve!* Quando a pesquisadora questiona sobre a abordagem do docente sobre o uso do celular em sala de aula, os alunos comentam:

*Não há respostas prontas e acabadas, pois tudo depende de vários fatores que irão interferir nesta questão (A10). Acho que o primeiro passo para este fato surge com o debate, de conscientização, de ouvir e ser ouvido sobre o assunto. Depois disso é que a escola pode pensar em se posicionar sobre o assunto*, ressalta A3.

A pesquisadora questionou ainda sobre questões técnicas que envolvem a acessibilidade, tanto das redes móveis quanto também a disponibilidade de aparelhos mais modernos que possam ser utilizados por todos. Apesar das facilidades que os dispositivos móveis viabilizam, entende-se por questões diversas que elas não são para todos. Nos encontros cartografados os estudantes questionam-se: *Como a escola e o professor podem lidar com isso?* (A9). *Acredito que esta é uma questão a ser discutida constantemente na educação* (A5).

Findo este debate, surgiu a necessidade de se conversar sobre as conduções das visitas a outras instituições, repassando ao grupo os outros horários agendados nas mesmas, para que pudessem definir em conjunto os detalhes das visitas (horário agendado, local de encontro, dentre outros detalhes) para que as necessidades de acompanhamento da pesquisadora aos grupos que foram para as escolas acontecessem.

Desta forma, fizeram um cronograma pensando como seria a visita. Cada um passou a relatar como entenderia que seria a visita. *Não sei não, acho que não vamos ser bem recebidos, apesar da instituição nos conhecer*. Colocou A13. A 15 retrucou: *Eu penso diferente, acho que vai ser muito legal, vão ter orgulho de nosso trabalho. Acho que podemos pensar sobre isso depois, nos encontros. Podemos falar sobre o sentimento de cada um*, posicionou A1. Ficou acordado no grupo que cada um faria o levantamento dos resultados com os principais aspectos apontados nas falas dos sujeitos pesquisados. Com estes resultados, até o final dos encontros, o grupo passaria então a definir os próximos passos dos trabalhos.

---

EMEDIATO, Carlos. Educação e Transformação Social. Revista Análise Social, vol. XIV (54), 1978. Disponível em: < <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223988831F4kNP5ba1Hw59NP3.pdf> > Acesso em Jun. 2016

Neste momento, o grupo se mobilizou para limpar o local do almoço e do encontro, e solicitaram um encontro mais curto, em virtude de provas e trabalhos agendados. Entretanto, já definiram neste momento de despedidas a data do próximo encontro. Como foram definidas as visitas, o intervalo entre este e o próximo encontro seria maior, para que possibilitasse a socialização dos questionários.

Todos lamentaram a distância de datas, apesar de entenderem a necessidade deste tempo maior. A13 colocou o sentimento do grupo: *Sentiremos muita falta dos encontros, mais falta ainda dos almoços! Mal posso esperar para encontrar vocês novamente!* A12 concordou: *Verdade, se pensarmos que temos poucos encontros pela frente, já começa a bater a saudade, dos encontros e dos almoços!*

### **Sexto Encontro**

O encontro seis começou com um almoço e os elogios pelo cardápio regaram os risos de todos: *“desse jeito, como é que vou voltar a almoçar no refeitório? Me recuso, fiquei mal acostumado!”*, falou A1 sorrindo. A2 também complementou: *“E a culpa é toda sua!”*, virando-se para a pesquisadora. A pesquisadora aproveitou o momento para explicar o quanto foi gratificante preparar os lanches e os almoços pensando em cada integrante, em cada momento, *“e ainda testar meus dotes culinários com uma plateia tão seletiva!”*. Todos sorriram com seu posicionamento, delegando nota 10 a todos os preparados dos encontros.

A partir deste momento, enquanto era servido o almoço, surgiu agradável conversa sobre games e aplicativos. Muitos reagiram quando viram que a pesquisadora, “apesar da idade está com tudo e sabe jogar”, foi a fala de A5. A pesquisadora relatou aos presentes seu gosto pelos jogos, desde criança, lembrando em sua infância, o surgimento de importantes vídeo games, hoje substituídos em grande parte pelas plataformas de games interativos e em tempo real. Foram momentos de lembranças de todos, que passaram a relatar os fatos mais marcantes em sua vivência. Segue trechos do diálogo que elucidam esta vivência: A pesquisadora comenta: *Nasci na época do Atari, do Odissey – primeiro vídeo game brasileiro, portanto sou uma gamer nata.* A5 completa: *Meu pai também é dessa época.* E questiona a pesquisadora: *E hoje quais jogos você costuma jogar?* A pesquisadora responde que seu sonho seria ter um vídeo game moderno, Xbox ou outro desta série: *Ainda não tive oportunidade, mas irei comprar um, é meu sonho de consumo.* A4 fala: *Você não precisa comprar um vídeo game, pois tem um notebook muito potente. Basta colocar alguns acessórios e nos convidar para jogar.*

Estes relatos proporcionaram um ambiente descontraído, o almoço foi fundamental para a construção desse ambiente. Após este, recolheu-se o lixo restante, e o ambiente foi preparado. Como de costume, todos se sentaram no chão, no palco do anfiteatro, em roda, para conversar.

Neste início, A3, A5 e A11 pediram a palavra para relatar como ocorreu a visita no local programado: *Nossa, primeiro foi muito legal ser recebido pela diretora como celebridade, pois eu estou estudando no IFTM!* foi a colocação de A5, que complementa: *Foi muito fácil, tranquilo e não tivemos dificuldade.* A3 complementou: *Todos queriam falar, o difícil foi escolher um ou outro para ser entrevistado.* E A11 coloca sua percepção: *E o mais importante é que podemos perceber que nossas dúvidas, nossos problemas também são iguais.* Neste momento A4 interrompe A11: *Podem ser iguais, mas o tratamento é diferente. Na escola em que visitei, lá, é tudo mais difícil. Os alunos deveriam deixar os celulares na secretaria.* A9 pergunta: *E eles deixam?* A11 responde: *Deixam nada, escondem na mochila. Como assim?* questiona A8 perplexo, ao qual A11 complementa: *Parece um jogo, o aluno esconde o celular, a escola toda sabe que ele está com o celular, caso o professor pegue ele com o celular ele é levado à direção, que chama os pais para entregar o celular e levar bronca dos pais.* Perplexidade e silêncio geral que foi interrompido por A4: *Quer dizer que aqui ainda tiramos vantagem? Quero dizer, pelo menos podemos levar o celular, e ainda temos agora este espaço onde podemos colocar o que pensamos?*

Em um impulso, A9 coloca seus questionamentos de novo à tona: *Gente, tá vendo, é por isso que temos que pensar como falar isso para os outros! Temos de ser ouvidos, isso não está certo.* A8 pergunta: *Mas como podemos fazer?* A7 responde: *Não sei, talvez possamos arranjar um horário fixo de debate.* Pela recusa de todos, A7 complementa: *Ou talvez possamos criar um espaço de discussão virtual, um blog, vamos pensar, vamos pensar!* A6 complementa: *Sim podemos pensar com mais calma e preparar tudo durante as férias.* A pesquisadora sugeriu: *Para isso, podemos nos comunicar por e-mail e ainda pelo WhatsApp, como teremos um período de recesso mais curto, ficará fácil de nos comunicarmos se for de interesse de todos.* Sim, acho que todos nós concordamos com a necessidade de agirmos, colocaram A6 e A4.

Neste momento, A4 pede para colocar ao grupo como foi sua visita: *“Gente, foi muito interessante, e já recebi da diretora o convite de fazer uma palestra na escola sobre minhas descobertas nesta pesquisa. Mas acho que precisarei da ajuda do grupo.* Aplausos gerais receberam a notícia com alegria. A12 também comentou suas experiências: *Foi legal sim, também na escola em que visitei é tudo proibido, tudo está de acordo com a lei, mas achei*

*interessante que a diretora relatou que sabe que esse não é o caminho, que é tudo na base de 'é lei mas ninguém cumpre e todo mundo finge que está legal. Daí fico pensando no que discutimos. O problema é o mesmo, mas nós estamos tendo a oportunidade de discutir, de falar sobre. Era evidente que todos refletiam sobre estas falas, que foi complementada pelo posicionamento de A10: Sim, por isso esta discussão não pode parar por aqui! Porque nós sabemos disso, mas os outros não sabem. A pesquisadora complementa: Quando realizamos uma pesquisa tão rica como esta, surge mesmo a vontade de passarmos aos nossos pares, àqueles que convivemos o que descobrimos. Mas o mais importante é a vontade de crescer, de melhorar, de mudar. Esse passo é muito importante, e faz parte do que vocês tanto ouvem falar: Aprendizagem. A10 comenta: Nossa, que fácil, eu entendi!*

A10 ainda continua: *Sabe, quando penso no que ouvi na escola, passo a ter uma outra visão, passo a pensar na escola, no professor e a quem tentamos enganar quando burlamos as leis. E daí, passo a me perguntar, o quanto estamos desrespeitando os professores quando usamos o celular para coisas banais na sala de aula. A pesquisadora mais uma vez questionou: O que você define como banal? A8 retrucou: Eu sei, quando usamos o celular na aula para acessar redes sociais, conversas pelo WhatsApp e até mesmo jogos. O professor fala na frente da sala e não damos a mínima atenção. E é muito ruim quando estamos falando com alguém algo que pensamos ser importante e a pessoa está lá, olhando para o celular, nas redes sociais ou em jogos.*

Como nem todos se dispuseram ou quiseram fazer um relato sobre as experiências, a pesquisadora informou que os grupos e alunos que já visitaram alguma instituição que a procurem em outros horários para solicitar apoio nos dados colhidos, e ficou então acordado por todos, que cada um detalharia no papel, partes das conversas, frases interessantes ou até mesmo os sentimentos no momento da entrevista. Estes registros facilitariam a reflexão sobre o que foi tratado na “pesquisa” e que seria repassado no encontro seguinte. Todos concordaram com o posicionamento e pediram, então, para que o encontro fosse encerrado. Com a finalização do semestre, muitos alunos estavam com trabalhos e atividades agendadas. Entendendo a premência das atividades acadêmicas, todos concordaram em finalizar o encontro, já deixando agendado o próximo momento, onde os demais integrantes teriam tempo para se posicionarem a respeito das entrevistas. Também neste momento, entendeu-se a necessidade de um maior espaço entre este encontro e o próximo no intuito de trazermos para a discussão, as respostas das entrevistas realizadas em outras instituições.

## Sétimo Encontro

O encontro sete trouxe a surpresa de uma deliciosa sobremesa que A3 trouxe. Relatou aos demais que esta foi feita por sua mãe, a partir de um pedido seu: *É uma forma de contribuir e deixar o momento mais gostoso ainda*. A3 recebeu aplausos de todos. Findo este momento de descontração, enquanto cada um se servia de mais sobremesa, refrigerantes, todos se acomodaram nas cadeiras da plateia, cada um em um local diferente, o que deu ao grupo, uma conformação diferente dos demais encontros realizados até aqui. Uma característica ficou marcante, os alunos estavam sentados em lugares diferentes, misturando-se no grupo e não segregados pelo curso técnico que cursam, como é de costume acontecer em outros momentos de reunião na instituição. Como o espaço é aberto, a acústica não impediu cada um de falar e de ser ouvido.

Assim, realizamos a socialização das percepções das visitas em outras instituições, com a intenção de se posicionarem no grupo sobre os sentimentos que surgiram, a fim de entender como os outros alunos, escolas, professores veem o uso do celular em sala de aula, comparando assim as falas dos alunos de outras instituições com os debates realizados nos encontros. Neste momento A2 colocou suas experiências: *Na escola em que eu e A12 visitamos, foi interessante. A diretora informou quando foi feita a pergunta 10 (você acha que a escola está sabendo lidar com a questão do celular em sala de aula?) que a escola não sabe lidar com o uso do celular em sala de aula, entretanto, tem promovido debates entre os alunos e busca sempre nas reuniões pedagógicas levar outros convidados para falar com os professores sobre o assunto que ao seu ver é muito importante. Achei legal a fala dela, pois demonstra que a escola está preocupada com o assunto e não quer ficar apenas na proibição*.

Assim, foram levadas para debate as questões mais pertinentes no sentido de consolidar os questionamentos iniciais do grupo, que passou a perceber suas falas, nas falas de outros alunos, os sentimentos da sala de aula presentes em outras salas de aula que não as do IFTM: *Na minha entrevista, o que mais pude perceber em nossos dados, é que apesar das dificuldades enfrentadas pelos alunos, professores, diretores ser a mesma, o modo como estas dificuldades são encaradas são diferentes*, se posiciona A9. A8 complementa: *Sim, também percebi isso, e é importante percebermos que apesar de tudo, somos muito privilegiados. Podemos trazer nosso celular para a sala de aula, e apesar de confessar que muitas vezes não respeitei o professor, hoje me coloco de outra forma, quero respeitar o professor, mas também quero ser mais ouvido, queria que o professor usasse mais recursos do celular para me ajudar a aprender*.

O que mais se apontou de importante neste processo foi a percepção de que o uso no celular em sala de aula é tratado pela escola como um tema comum em todos os espaços, seja no IFTM ou em outras escolas.

A7, A1e A6 comentam sobre sua visita: *Na entrevista com os professores, percebemos que a escola já permite o uso do celular em sala de aula, mas ainda assim o professor tem dificuldades de proibir ou permitir o uso na sala, pois quando permite, geralmente o aluno sempre quer dar aquela olhada na rede social.* A14 e A15 concordaram: *sentimos que não basta permitir, tem de saber o que fazer, e percebemos que o professor não tem segurança sobre o que faz.*

Finda esta etapa de socialização, a pesquisadora questionou A13, A16 e A17 se não queriam socializar com o grupo o trabalho de cada um. Os três informaram que não se sentiam a vontade e que iriam enviar a todos as suas percepções por escrito através do e-mail.

Neste instante, A8 retoma a questão debatida no encontro anterior: *Ainda não definimos direito. Temos muitos anseios, o que vamos fazer com o que descobrimos? Manter apenas aqui? Não seria mais interessante compartilhar?’,* indaga A8. A pesquisadora concordou: *No encontro anterior começamos a questionar e ficou combinado que todos pensariam a este respeito.* Combinamos pensar a este respeito, para um debate no próximo encontro. A5 propõe: *Podemos construir um blog, um espaço de discussão virtual, podemos marcar encontros e fóruns presenciais.* Neste momento A7 levanta e propõe: *Que tal além do blog, construirmos um vídeo com o que descobrimos?’* Aplausos e gritos gerais encerraram este encontro. Todos saíram esperançosos e cheios de ideias, com o último encontro já agendado.

## **O Oitavo Encontro – Conduzindo por novos planos**

O oitavo e último encontro ocorreu no anfiteatro. Para este a pesquisadora preparou um almoço especial. Ao chegar com as guloseimas, todos aplaudiram a escolha do cardápio, que contou com delicioso sanduíche de vários sabores. Todos se serviram, comeram em um clima agradável e com um diálogo que marcou não só este último momento, como a contagem regressiva para o recesso escolar tão aguardado pelos alunos: *Estamos muito cansados, nossos cursos com muitas disciplinas, precisamos de uma pausa,* concordaram A6 e A2. A12 se posiciona: *Apesar da vontade de entrar em férias, o ruim é a falta destes momentos que temos juntos.* A8 coloca: *Verdade, sentiremos muita falta.*

Em seguida, o grupo logo sentiu necessidade de conversar mais sobre as intenções sobre os dados socializados, retomando para o objetivo de terem ido em outras instituições para

realizarem o levantamento. Questionados a este respeito pela pesquisadora, A1 se posicionou: *Queríamos ver se nossas opiniões, nossas vivências são iguais ou diferentes de outras escolas, não é isso?* A11 complementa: *Verdade, para percebermos como se posicionam alunos, professores e direção que representa a escola, para vermos as igualdades e diferenças.* Nos encontros anteriores, cada membro ou grupos que visitaram as instituições de ensino tiveram breves momentos para relato geral das experiências vivenciadas e socialização dos dados mais importantes.

Não se pode falar na utilização de uma metodologia própria para esta intervenção que decorreu da vontade de realizar um estudo simples provocado por um sentimento sobre o que o grupo capturou para dar novos delineamentos sobre as discussões a respeito do uso do celular em sala de aula. Partindo de dúvidas comuns, o trabalho não teve intenção de uma pesquisa, foi apenas um levantamento do que pensam alunos, diretores e professores de outras escolas sobre o uso do celular. Houve um movimento para buscar outras paisagens, linhas de fuga nas multiplicidades da cartografia. Logo, os encontros foram realizados para troca de experiências, para auxiliar na busca das pistas que embasaram o processo.

Desta forma, o trabalho desenvolvido nas outras escolas pelos integrantes do grupo “C.A.” Contribuiu significativamente com o processo de conhecer como pensam alunos, professores e diretores a respeito do uso do celular em sala de aula. Os alunos puderam adotar um olhar mais crítico para a realidade que os cercavam, compreendendo que os elementos pesquisados resultaram outras relações envolvendo outros ambientes, sejam eles educativos, sociais, políticos e econômicos, sendo eles próprios coparticipantes desta dinâmica, é o que podemos perceber na fala de A 13: *Como foi importante perceber outras óticas que não a nossa, de que somos sempre prejudicados em algum momento. Na verdade, não é assim que acontece. Percebi que morro de raiva quando converso com um colega e ele não presta atenção no que digo por que está mexendo no celular.* A8 concordou: *Isso acontece até em casa!*

Ponderamos, durante as discussões, a importância das diferenças apresentadas em cada local visitado e que demonstraram a necessidade de mais reuniões e mais debates sobre a prática individual e coletiva. Isso mostra que o trabalho não finda com a escrita da dissertação, este é apenas um ponto de parada para refletir.

Das conclusões do grupo, algumas falas apontam as percepções que marcaram os estudantes do grupo “C.A.”: *Interessante perceber que a percepção é semelhante, seja qual for a instituição. Pelo que se vê, escola em geral passa por um problema que, como mencionado*

*anteriormente está em um patamar muito maior, pois se trata de um problema social, relatou A7.*

*Nos deparamos com ambientes escolares diferentes, professores e diretores diferentes, alunos diferentes e foi possível verificar, que o problema é igual, assim como as respostas, colocou A4.*

*Ninguém possui respostas, mas estão todos querendo conversar, debater, achar caminhos, complementou A5.*

*A2 também colocou que Apesar de tudo, podemos perceber que nossa instituição está um passo à frente no diálogo, não só deste assunto, mas de tudo o que nos rodeia. Não nos escuta como queremos, mas de certa forma, não estamos ocultando os problemas, jogando a sujeira para debaixo do tapete, estamos sim buscando caminhos para o debate. E nós enquanto alunos queremos o debate.*

*Sobre o uso do celular, o aluno A3 relata: O uso do celular na sala de aula não é um problema novo, mas é um problema enfrentado nas escolas, e o pensamento sobre o assunto é muito semelhante ao que já discutimos neste grupo. E o incômodo maior parte da falta de percepção deste como um problema comum a toda a sociedade.*

*O grupo percebeu a importância das observações que embasaram as suas opiniões já expressas em outros momentos. A realidade escolar dos jovens está em consonância com a realidade de outros espaços educacionais, apesar das diferenças existentes entre elas.*

*Este último encontro estabeleceu a necessidade de apresentar, de alguma forma, as conclusões mais relevantes e, por isso surgiram comentários sobre a experiência vivenciada e o que esta propiciou para cada um na vida pessoal e acadêmica, quais impressões gerais sobre os encontros, enfim um momento de ouvir de cada um quais saberes foram proporcionados com a experiência e quais suas contribuições*

*Enfim, postas estas considerações, os integrantes questionaram e decidiram como socializar os resultados obtidos nas entrevistas. Não podemos desanimar, vamos cumprir os prazos para que possamos criar o blog e o vídeo, comentou A5.*

*A pesquisadora se posicionou: Me encarrego de socializar o vídeo, e através do e-mail convidar a todos do campus a conhecerem o blog. Mas acho que vocês agora têm uma outra visão sobre este e outros problemas da escola. Vocês podem e devem discutir, convidar os professores para o debate, trazer outros convidados para falar sobre estes assuntos, buscar uma representatividade cada vez maior dos alunos nos problemas da escola, pois estes são problemas de todos. A4 fala: Verdade, não podemos parar, devemos insistir neste e em outros*

*assuntos que nos incomodam. Esta deve ser nossa contribuição. A9 se posiciona: O blog pode mesmo funcionar, e a partir dele, podemos colocar outros assuntos para a discussão.*

A partir das percepções dos alunos, especialmente no sexto e sétimo encontro, foram discutidas as propostas já levantadas anteriormente, com objetivo de dar continuidade às discussões realizadas neste grupo. As experiências podem também alçar voos e, por isso, viabilizou-se possibilidades de realizar amplos debates com outras temáticas pertinentes para toda a comunidade. Entretanto, o grupo sentiu necessidade de mostrar a toda a comunidade, o que acontecera neste período, marcado por encontros e trocas de ideias. Por este motivo, a sugestão da criação de um vídeo, como forma de convidar a comunidade acadêmica para visitar um blog foi bem aceita por todos: *Será uma forma de apresentarmos nossas discussões e a partir daí, estimularmos os demais a pensarem sobre este e outros assuntos que por vezes nos incomodam, colocou A1.*

A3 e A4 logo se disponibilizaram a criar o vídeo: *Além de ter experiência, é algo que gostamos de fazer. A pesquisadora entrevistou: Mas primeiramente teremos de escolher o que colocaremos no vídeo. A5 comentou: Se vamos mostrar o que aconteceu nos encontros, devemos criar o vídeo através das fotos destes encontros, mostrando que o debate pode e deve ser divertido. E aí sim, pensamos no blog como um espaço de discussão, criando enquetes, fóruns, um canal de comunicação via e-mail. O objetivo é fazer com que as pessoas sintam necessidade de conversar sobre os mais variados assuntos, como aconteceu conosco.*

A criação do blog e do vídeo apresentou novo desafio, na escolha dos temas, principalmente em se refletir sobre as mensagens que o grupo pretendia afetar através destas duas ações. Suas percepções, o entusiasmo presente na oportunidade de exteriorizar sentimentos trouxe nova sensação ao grupo. Tomado pelo receio do como fazer, não houveram obstáculos à prática pretendida, demonstrada pelo comprometimento de cada um em pensar e estruturar os caminhos necessários para a concretização destes dois recursos. Quanto ao vídeo, importante ressaltar que o grupo definiu que as falas do vídeo não seriam de nenhum dos integrantes do grupo, mas seriam falas de alunos, professores e diretores das instituições visitadas. *Assim, tiramos a autoria de nossas palavras, dando lugar à palavra do outro,* comentou A9 que foi aplaudido por todos. Como ocorreram 9 visitas, seriam escolhidas 18 frases (2 por visita). A partir da montagem do vídeo, A3 e A1 ficaram responsáveis em filtrar as mensagens e passar a todos por e-mail as frases, para verificar a concordância de todos. A pesquisadora sugeriu também que esta discussão fosse realizada pelo WhatsApp para filtrar as mensagens. A3 e A4 também ficaram de compartilhar a construção do vídeo: *Assim, todos*

*poderemos dar opinião, dando ideias e novos palpites.* Houve a anuência de todos. Assim que terminassem o vídeo, passaríamos então para a criação do blog. O prazo para término do vídeo seria no início do semestre letivo: *Teremos quinze dias, é suficiente para criar o vídeo,* colocou A3. A5 concluiu: *Quanto ao blog, podemos colocar o vídeo no início do mesmo, o que acham?* A8 concordou: *Já temos a introdução do blog. O restante podemos ir definindo a partir de Agosto tendo um prazo maior para terminar este, pois o blog dá trabalho.* A9 se disponibilizou para separar as imagens e fotos para o blog. A11 se disponibilizou a pensar nos espaços de discussão. Todos concordaram em passar as informações primeiramente por e-mail e reforçando pelo WhatsApp.

Foram definidos prazos, tarefas para cada integrante do grupo para a criação do blog e do vídeo. Muitos se voluntariaram e vários alunos se dedicaram como responsáveis por cada etapa do processo com datas finais para a divulgação destes resultados. O prazo máximo ficou definido para setembro de 2016, com data a ser marcada previamente. A divulgação do site, com o vídeo seria então, realizada pela pesquisadora através do e-mail institucional, e entre os alunos, os membros do grupo ficaram responsáveis por divulgar pelos e-mails de cada turma de alunos da instituição. O trabalho teria início durante as férias dos alunos, no período de julho, tendo sua continuidade em agosto. As discussões que surgirem a partir desta data seriam socializadas por e-mail e pelo aplicativo WhatsApp.

Em princípio, houve receio da falta de condução e delineamento da pesquisa, mas entende-se não haver problemas que não foram contornados pelos participantes através da iniciativa dos comentários. Há entre os participantes os que exercem papéis específicos de administradores, ouvintes, dentre outros. Mas todos possuíam permissões plenas, administrando o processo a partir de sua própria visão. O debate que os encontros geraram trouxe de ímpeto a necessidade de diálogos sobre o uso do celular na sala de aula, demonstrando que este não é o único tema que deve ser levado ao debate na escola. O grupo percebeu a necessidade de encontros, de discussões, de se colocar os prós e contras de determinadas situações, para, através do coletivo, buscar pistas (não respostas) que possam nos mover, fazer vibrar os sentimentos únicos que surgem pelos afetos, que nos conduzem a novos direcionamentos. A8 então coloca: *Temos de passar o sentido de conversar, independente de termos respostas ou não. O importante é criar novos caminhos para romper as dificuldades.*

Assim, o apontamento de A8 e que foi respaldado por todos é apresentado para percebermos o quanto o grupo CA estava conectado: *O WhatsApp, que no começo não era tão importante, passou ser essencial em nossa comunicação, pois ganhou novo sentido,* relatou .

A3 complementa: *sim, tanto é verdade que passamos a postar fotos dos encontros, e que podemos utilizar também no vídeo, mostrando o afeto de nossos encontros.* Estes afetos foram necessários para a socialização dos momentos de convivência, sendo que evidenciou a produção de sentimentos únicos, necessários para a construção do conhecimento, partindo da confiança gerada pelo dispositivo, sendo que foram necessários o respeito do tempo de interatividade do grupo.

Ao fim do encontro, entre abraços e breves despedidas, já em um clima de saudade dos encontros, o grupo se mostrou unido, não segregado pelos cursos, como usualmente ocorre na instituição: *Não somos mais alunos do curso X, Y, Z, somos o grupo “C.A.”*, complementou A6.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.  
(Clarice Lispector, 1998, p. 13).*

Propusemos, ao início desta pesquisa assumir uma postura de nos movimentarmos na busca de novos caminhos, direções e sentidos frente aos desafios que se colocam na abordagem do uso do celular em sala de aula e como esta utilização repercute nas reflexões dos estudantes frente às ambiguidades do debate. Sair do conformismo cotidiano, de nossas tarefas habituais não é tarefa fácil. Construir novas interpretações possíveis a respeito do objeto de estudo é instigante e traz a tona nosso instinto investigativo, tão presente na educação.

Longe de apresentar visões definitivas sobre as questões apresentadas, buscamos contribuir para estabelecer aspectos de discussão em torno das temáticas apresentadas, a fim de descobrirmos coerências e incoerências, pontos de encontro e de desencontro, pontos de afetividade e de desafetos, não enquanto polos opostos, mas como equidistantes e que se unem nos aspectos comuns, evidenciados pelo debate.

Os desafios educacionais em relação ao uso do celular em sala de aula se destacam pela fala dos sujeitos da pesquisa e da pesquisadora, relacionando-se aos conhecimentos e vivência do cotidiano, numa perspectiva hegemônica que permeia acirradamente os debates nos meios educacionais de nossa época, versando sobre a necessidade de buscar novos entendimentos sobre conhecimentos já existentes, mas que se reflete em nosso dia a dia. Os desafios da pesquisa podem assim ser identificados na própria reformulação da sociedade em que vivemos, processo este que está longe de uma definição e certeza.

Este trabalho não se esgota pelo que foi escrito até aqui, pois busca compreender e problematizar as questões pertinentes em debates que repercutiram na vivência pessoal da pesquisadora. E acreditamos ser este o caminho que, apesar de suas complexidades, requer determinação ao acreditar que as mudanças são bem vindas, quando se constituem em um contexto vivenciado pela sociedade atual.

O contato com a pesquisa bibliográfica, com outras dissertações, discussões no grupo de estudos (Estúdio MMuCCE)<sup>17</sup> e a orientação aproximaram de outras possibilidades

---

<sup>17</sup> “O Estúdio de Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação (MMuCCE), presente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), campus Umuarama, foi inaugurado em 2013 e desde então provoca aqueles que o habitam. Seja pelas reuniões, seja pela diversidade de autores que não seriam vistos no currículo da graduação ou mesmo pelo desassossego consequente ao estar em constante movimento. É a chance de experimentar cheiros e sabores

metodológicas até então não pensadas, marcadas pela possibilidade de construção de uma nova postura de pesquisadora, num exercício contínuo de cartografar uma trajetória em formação.

O resultado do processo culmina numa mudança de postura, mudança de conhecimentos, de aprendizagem, de mudança de vida, que se expressa nos comportamentos de existência da pesquisa em si, transformando as ações da pesquisadora e que tentamos expressar a seguir.

### **As Percepções Da Pesquisadora Sobre a Cartografia**

Sentido o processo que se descortinou, em suas observações finais, pôde a pesquisadora perceber a incerteza do processo. As preocupações que surgem na execução da pesquisa são recorrentes em quaisquer áreas do saber, visto ser este um aspecto determinante para a produção do conhecimento.

A experiência cartográfica vivenciada apresentou as conexões efetuadas em grupo coletivo, analisando as possibilidades cooperativas que surgem na produção do trabalho e de si, em uma concepção do contexto do trabalho imaterial, realizando as relações da produção de subjetividade impactantes não apenas no momento vivido, mas na vida de forma integral. O desenvolvimento da pesquisa apresenta como propósito final a expectativa de trazer método e objeto de certa forma inovadores para o campo de pesquisa em educação, propiciando leituras diferenciadas sobre perspectivas metodológicas, possibilitando diferentes perspectivas de compreensão da relação subjetiva dos cenários apresentados.

Esta possibilidade de novos conhecimentos promove a ampliação dos conceitos de mundo, onde se incluem o plano movente das coisas, isto é, seus processos de produção e uma dinâmica que o permeia. Na cartografia, teoria e prática, sujeito e objeto, pesquisa e intervenção, produção da realidade e produção de conhecimento são aspectos indissociáveis e o conhecimento “pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com sua produção” (ALVAREZ e PASSOS, 2009, p. 131).

A cartografia possibilitou no processo uma ampla reflexão da pesquisadora sobre o fazer pesquisa, colocando em questão os fundamentos da pesquisa tradicional, que visa a constatação dos fatos e a sustentação da verdade, rompendo com a lógica cartesiano-positivista e reaproximando o pesquisador de seu objeto, sem pretensa neutralidade ou imparcialidade,

---

novos. Oportunidade de ir para terras outras antes, talvez, muito desconhecidas pelo sujeito graduando que não se aventura para fora das disciplinas. Eis que uma estrada é formada. Em constante construção.” (OLIVEIRA et.al., 2016, p. 6248).

assumindo, ao contrário, a necessidade de implicação e a inevitável intervenção, demandando da pesquisadora trilhar o seu caminho sem falsas certezas, abrindo-se plenamente ao território estudando. Entretanto, cabe ressaltar que o processo requer flexibilidade e disposição para encontrar o inusitado, pois sua riqueza situa-se no que está “por vir”, na indeterminação daquilo que se pretende conhecer. Trata-se aqui de sua riqueza e de seu maior desafio. Sua cientificidade não centra nos mesmos parâmetros da ciência moderna, do modelo positivista. Sua avaliação não pode ser realizada seguindo os parâmetros usuais, o que não significa falta de rigor, pois se atrela a uma qualificada fundamentação teórica que exige atenção às pistas apresentadas, que podem garantir confiabilidade e credibilidade ao estudo. Na cartografia, entrar, habitar e conhecer o território, assim como analisar, sentir, relatar se desenvolve concomitantemente, daí o processo de produção de dados, pois estes são colhidos ao mesmo tempo em que se produz, da mesma forma que o semeador colhe o que planta, produzindo mais do que informações sobre outros sujeitos, pois com eles nos produzimos subjetivamente.

### **As Percepções Da Pesquisadora Sobre O Uso do Celular em Sala de Aula e Os Movimentos da Pesquisa**

Percebemos o quanto é essencial o fazer pedagógico vivenciado no espaço escolar, consonante com a realidade que nos cerca, em especial ao que retrata a vivência do uso do celular, que pode influenciar nos conceitos do saber fazer e aprender.

A escola enquanto local de saberes deve ser um espaço singular de troca de ideias, formação de valores e de conhecimentos. Aqui, buscamos pensarmos sobre o que sabemos ou o que podemos pensar de outros modos. Ver com outro olhar, enxergar como pesquisadora vestir-se de um olhar da cartografia, ou pelo menos tentar, observando os movimentos e sentimentos que surgem das linhas de fuga, de cada elemento que delineia a pesquisa.

Retomando as argumentações que surgiram nos encontros, foi importante perceber que as tecnologias móveis presentes no celular, quando tomada de significados, incluindo o pedagógico, poderão promover ações diferenciadas, potencializando a experimentação coletiva de troca e aquisição de conhecimentos.

Seguindo as percepções presentes no diário da cartógrafa (APÊNDICE III), buscamos aqui versar sobre temáticas que foram surgindo na construção deste e da sua relação com o uso do celular. As discussões se conectam aos encontros, com a intenção de apontar os aspectos que foram mais importantes para o grupo.

Assim várias questões pertinentes sobre o uso do celular no meio social permearam a fala dos alunos, levando a pesquisadora a refletir em sua prática pedagógica. Entretanto, os alunos reagem naturalmente ao meio social. Por sua percepção, é normal a utilização deste aparelho no cotidiano e pensam que em nada afeta os que estão ao seu redor. Entretanto, pela fala destes, percebe-se uma individualização e isolamento do sujeito frente ao seu coletivo.

Este novo meio de comunicação e informação – o celular – passa a ditar alguns aspectos da cultura contemporânea, pois as extensões do sistema humano geram transformações no próprio sistema, pois a dimensão simbólica e artificial ganha outros movimentos na afirmação cultural, promovendo assim novos hábitos, posturas e comportamentos que transformam tanto a sociedade na qual se insere, quanto no próprio sistema, e, assim sucessivamente.

As percepções suscitadas à pesquisadora trouxeram à tona uma série de incertezas que permeiam nossa vida cotidiana. Estamos vivenciando esta sociedade da informação em um processo por vezes conturbado de buscas, construções e reconstruções. Com base nestas perspectivas, é importante refletirmos a utilização do celular e das novas tecnologias no fazer educativo, apontando desafios para elaboração de práticas condizentes com o novo fazer pedagógico, inclusive nas nossas vivências cotidianas. A vida em sociedade já não é tão simples. A sociedade está em constante mudança. Percebe-se isso quando verificamos que o aparelho celular nos modelos atuais é um recurso tecnológico recente, visto que o smartphone surgiu no mercado em meados de 2007. Mas já tomam conta de nosso cotidiano, transformando a informação que passa a caracterizar esta sociedade.

Em princípio, o homem possui a capacidade de desenvolver novas tecnologias para resolver os problemas que assolam a humanidade, tais como alimentação, saúde, violência. A capacidade tecnológica surge e nos questiona: Por que não o fazemos? A resposta evidencia na organização deste fazer, pois o cidadão precisa se organizar em nome de seus direitos, construindo uma sociedade democraticamente. Urge, portanto acelerar o processo de articulação efetiva para esta sociedade da informação, com elementos essenciais para a condução de uma sociedade que contribui para alavancar o desenvolvimento competitivo no cenário global.

A sociedade da informação é um fenômeno global com dimensões políticas, econômicas e sociais. As novas tecnologias da informação e comunicação representam uma mudança na organização da sociedade, trazendo desafios quanto à geração, aplicação e uso desses recursos informacionais. A sua universalização e democratização possibilita a articulação da educação para a cidadania, no sentido de debater os problemas advindos do novo paradigma. Essas

propostas muitas vezes encontram-se distantes da realidade de cada país, sendo necessária sua adequação regional.

A adaptação de planejamentos para a utilização destas novas ferramentas é essencial para que estas sejam vistas como aliadas e não como concorrentes pela atenção do aluno. Neste sentido há necessidade de uma articulação do sujeito com o conhecimento, levando em consideração suas vivências, informações recebidas, orientações, mediações e as possibilidades de aplicação. O professor da atualidade convive com alunos nascidos em uma era digital, que acessam com facilidade informações das mais variadas fontes, além das vivências de seu cotidiano. As palavras chaves para a construção eficaz do conhecimento interagem com iniciativa, inovação e criatividade, de modo que o ensino de qualidade se define pela formação e capacitação dos profissionais da educação modernos, críticos, atuantes, que possuam ensejo de aprender e utilizar os recursos tecnológicos para uma melhor formação no âmbito pessoal e profissional.

[...] não basta introduzir as mídias na educação apenas para acompanhar o desenvolvimento tecnológico ou usá-las como forma de passar o tempo, mas é preciso que haja uma preparação para que os professores tenham segurança, não só em manuseá-las, mas principalmente em saber utilizá-las de modo seguro e satisfatório, transformando-as em aliadas para a aprendizagem de seus alunos. (ARAÚJO, 2004, p. 66)

Percebe-se a necessidade de formação continuada deste novo professor que vai atuar neste ambiente, onde a tecnologia surge como um recurso mediado por ele para ampliar também as possibilidades de aprendizagem no espaço escolar. Certo também que a escola não pode ficar de fora, uma vez que forma os indivíduos para atuarem de forma pessoal ou profissional na sociedade a qual se insere.

Moran (2013), neste sentido enfatiza que a inserção do celular na sala de aula vai além do acompanhamento do desenvolvimento tecnológico ou como forma de se passar o tempo, haja vista a necessidade de preparação dos professores para que possam utiliza-las de forma segura e satisfatória, transformando-as assim em aliadas para a aprendizagem de seus alunos.

As relações humanas, apesar de sua complexidade, são essenciais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Na educação a análise dos relacionamentos entre professor e aluno envolve interesses e intencionalidades, expoentes das consequências, visto que a educação é uma das formas mais importantes do desenvolvimento de comportamentos e agregação de valores no ser humano. A interação que se estabelece é caracterizada pela seleção de conteúdos, organização e sistematização que facilitam o aprendizado dos alunos e a exposição dos conteúdos pelo professor. Entretanto, este paradigma

deve ser revisto, pois que é preciso não limitar o comportamento do professor a partir dos resultados do aluno, introduzindo processos construtivos enquanto mediadores que superam as limitações do paradigma processo-produto.

A utilização dos recursos tecnológicos, com planejamento e objetivos claros, possibilita a construção de habilidades únicas, pois surge como tarefa da educação transformar estas informações em conhecimento. Entretanto, falta galgarmos outros caminhos para que consigamos realizar uma prática pedagógica inovadora com a inserção das tecnologias midiáticas no espaço escolar, pois esta depende de uma série de fatores que precisam se interligar, tais como uma proposta pedagógica coerente, a presença de recursos tecnológicos e espaço físico adequado, a formação continuada do professor para a utilização das mesmas enquanto recursos de inovação, integrando o uso do celular ao processo de construção do saber. Muitos educadores já pensam nestas possibilidades e começam a mostrar resultados através de projetos que integram as mídias nas escolas, contagiando os demais a partir de seus resultados.

Partindo da fala dos participantes, percebemos que a maioria das pessoas já utiliza este dispositivo móvel, que acaba por fazer parte de seu cotidiano, independente de faixa etária ou classe social. Seu formato portátil, contendo inúmeros recursos, e a viabilidade para carregá-lo a toda parte, faz com que participe integralmente da vida dos indivíduos, inclusive no meio escolar. Desta forma, é comum a utilização também pelos alunos durante as aulas em momentos apropriados ou ainda nos instantes inadequados e que fazem com que este se torne um elemento indesejável, visto como distração e que não contribui para a aprendizagem, ao contrário, desviando o foco da aula, acirrando conflitos neste ambiente. Este aspecto geral polêmicas nos meios educacionais que apesar dos discursos acalorados a favor ou contra, demonstram que não há consenso entre educadores e especialistas na educação.

O aparelho celular passou a atuar como participante assíduo em meio à realidade pedagógica das escolas de vários níveis, representando uma ferramenta intimamente socializada às práticas sociais, onde seus usuários demonstram foco nas possibilidades de impacto de seu uso no processo de ensino e aprendizagem, incorporando esta tecnologia como ferramenta para ensinar e aprender. Entretanto, muito ainda cabe na ampliação do olhar que explora suas potencialidades neste aspecto do processo educacional. O uso destas mídias ainda deve ser desmistificado e acompanhado com apoio técnico, pois vale ressaltar que a expansão e interação de tecnologias exigem um acompanhamento detalhado e orientado, diante da quantidade e da qualidade das informações presentes na vida cotidiana, condicionando o pensar, agir e sentir de forma consciente.

O diálogo neste processo, em especial de jovens e professores é geralmente divergente, estando cada um com suas pretensões. Deste modo a cultura escolar segue em ritmo um ritmo próprio, mas que se difere do ritmo dos alunos sempre ligados, conectados com outra cultura que acompanha passos longos e rápidos. Assim, a sociedade exige que as instituições públicas atuantes no campo da educação funcionem para que os sujeitos também acompanhem as inovações sociais, as evoluções tecnológicas e conhecimentos apresentados em tempo real e instantâneo. Entretanto, as mídias precisam ser entendidas como elemento de apoio, e não como seu fundamento. A equipe educacional precisa se capacitar e atualizar-se de acordo com o desenvolvimento tecnológico da sociedade, conhecendo assim o tempo necessário para que estes conhecimentos se apresentem em tempo real e instantâneo.

A inclusão do Celular no espaço escolar e social origina nesta última década a necessidade da reestruturação das atividades de ensino aprendizagem. O telefone celular vem atuando como participante ativo na realidade pedagógica das escolas da rede pública, particular e universitária, representando uma ferramenta que figura intimamente socializada às diferentes práticas sociais, onde seus usuários se mostram adeptos a consumirem seus avanços e convergências midiáticas. O foco no celular está centrado nas possibilidades educacionais e impacto de seus usos na incorporação dessa tecnologia como ferramenta para ensinar e aprender. Entretanto, ainda cabe ao educador ampliar seu olhar na exploração de suas potencialidades. E qual poderia ser o alcance do uso do celular no ensino? Acredita que disponibilizam a interação dos alunos na construção e análise do conhecimento, permitindo compreender melhor os conteúdos escolares.

No entanto sua utilização na educação deve ainda ser desmistificada e acompanhada com apoio técnico, pois cabe ressaltar que no processo educacional o que mais interessa é a expansão e a interação das tecnologias de forma simbólica no âmbito de acesso e avanço social das relações entre os envolvidos no processo.

Os encontros trouxeram à pesquisadora o sentimento presente da necessidade de diálogo constante para que se fortaleçam as relações existentes no espaço escolar. E este foi um fator a qual foi dada significativa relevância pelo grupo. Mas o diálogo deve ser entrelaçado a outros aspectos, como respeito, cordialidade, pensar no outro para pensar em si.

Desta forma, as conclusões e ações definidas pelos encontros em grupo, os resultados da pesquisa propiciaram pensar uma forma de iniciar um diálogo permanente com outros alunos, com professores, com a escola, para enfim ouvir a opinião de cada um. Para tanto, a

criação de um espaço virtual através de um blog<sup>18</sup> foi importante para iniciar o processo de pensar e mobilizar a comunidade acadêmica, conforme proposta do grupo.

A pesquisa realizada com os caminhos delineados pelo grupo primou por processos participativos. Pelos problemas e dúvidas engendrados na pesquisa, foi possível “inventar” processos com a finalidade de suprir os anseios de forma a nos conduzir a caminhos que puderam ou não produzir resultados, não com um objetivo final e acabado, mas ampliaram as múltiplas possibilidades de solução. A preocupação do grupo foi compreender a ação coletiva vivenciada até esta etapa, demonstrando o processo constante do aprendizado de (con) viver junto, tendo ciência de que nossa própria existência se entrelaça pelo outro, constituindo o processo de compreensão do mundo a partir de outros olhares, de apreciações diferenciadas pela experiência do contato e da solidariedade construídas ao longo do processo.

Da realização dos encontros, das percepções coletivas da nova etapa, estes novos pesquisadores, sujeitos diferentes daqueles que iniciaram o processo, verificaram a necessidade de transcrever para o papel as informações<sup>19</sup> que acharam mais relevantes. Aqui mais uma vez percebe-se a iniciativa de cada um, sem sugerir, em qualquer etapa, a realização de processos que se assemelhassem a trabalhos realizados em sala de aula. Sem combinações posteriores, as percepções foram entregues à pesquisadora, que compilou os dados para esta discussão final. De comum acordo, estes relatos foram socializados com todos por e-mail para reflexão geral. Destas percepções, enfatizou-se a importância da pesquisa, seja qual for a modalidade metodológica, para se entender alguns questionamentos sobre determinado assunto. Entretanto, foi opinião comum a necessidade de socializar estes dados na forma de artigos científicos. E esta foi uma meta estabelecida por todos para se realizar com o apoio dos docentes da disciplina metodologia e da pesquisadora, para uma etapa a ser definida posteriormente.

Acreditamos ser este um dos desafios da educação frente ao novo século: motivar o aluno para o processo de aprendizagem, buscando estratégias que auxiliem no cotidiano escolar, de forma a propiciar a formação de indivíduos conscientes, autônomos, dotados de referenciais para a realização de opções e que se tornam capazes de construir conhecimentos, julgando e realizando opções, sentindo-se motivado.

O processo para se alcançar estas ideias não surge em uma percepção neutra, pois que fala de uma sincronia do tema proposto com as ideias produzidas a partir dos conhecimentos

---

<sup>18</sup> O blog pode ser acessado através do endereço eletrônico: [www.nisiasalles.com.br](http://www.nisiasalles.com.br)

<sup>19</sup> À título de exemplificar, uma destas percepções encontra-se no ANEXO II.

que queremos estudar, e com os dados que são construídos e entrelaçados com outros elementos aparentemente destoantes com a temática dos encontros, mas que tendem a operar alterações nos resultados das reflexões e pontos comuns, temporariamente encontrados e interpretados diferentemente por cada um. Estudando ou cartografando estes novos territórios existenciais, a pesquisadora passa a sentir a possibilidade de ampliação de afetos, de sensibilidades de afetarmos com e no conhecimento de novos territórios nas quais nos situamos e estamos estudando.

A escrita destes relatos de pesquisa teve por intencionalidade levar à reflexão do leitor em suas percepções sentimentais dos objetos e dos sujeitos envolvidos, sugando afectos dos afetos que passam de um estado para outro, elevando-se presumidamente suas percepções para atender às necessidades do pensamento da pesquisadora, a partir de seus devires afetivos que emanam nas sensações que transformam o desconhecimento dos compostos que transformam os debates, entrelaçando o conhecimento através dos movimentos da pesquisa.

Pensar o celular e a história de seu desenvolvimento até o processamento dos atuais smartphones foi um passo importante para a compreensão sobre qual território estamos habitando, para entendermos as modificações que se apresentaram na sociedade, em tão pouco tempo. Dentre as percepções, a pesquisa nos remete à argúcia de que, embora seja uma tecnologia desenvolvida há cerca de uma década, ainda é fonte de considerações, pois que se incorpora à sociedade de forma instantânea, modificando o modo de se ver e pensar a informação e a comunicação. Perceber que esta tecnologia, que parece se integrar às nossas vidas há tanto tempo, mas que está há tão pouco tempo em nosso cotidiano, foi uma surpresa vivenciada por todos nos momentos de discussão possibilitaram ao grupo a vontade de buscar ainda mais informações teóricas, para nortear os caminhos a serem percorridos, não como verdade absoluta, mas apontamentos que possibilitassem novos questionamentos.

Deixamos aqui estas reflexões. Que estas sirvam como norte para tantos outros debates.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Alvarez, J.; Passos, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia M. Galli. Da intuição ao método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.61, n.1, 2009. Disponível em: < [http:// www. psicologia.ufrj.br/abp/](http://www.psicologia.ufrj.br/abp/)>. Acesso em: 01 Ag. 2016.

ARAÚJO, M. I. de M. Uma abordagem sobre as tecnologias da informação e da comunicação na formação do professor. In: MERCADO, L; KULLOK, M. Formação de professores: política e profissionalização. Maceió: EDUFAL, 2004.

Assmann, H. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

Barros, B. M. E; Silva, F. H. O trabalho do Cartógrafo do Ponto de Vista da Atividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum. Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0722-3  
PMCID:PMC5302731

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; BARROS, Leticia Maria Renault. O Problema da Análise em Pesquisa Cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum. Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0722-3

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BORN, Lilian Ivana. O telefone celular e algumas repercussões nos modos de vida da infância e na vida escolar. Dissertação (Mestrado em Educação). Canoas:ULBRA, PPGEDU, 2006.

BRASIL. PL 2246/2007. Projeto de Lei que veda a utilização de Celular em escolas públicas de todo o país. Brasília. Câmara dos Deputados. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=372564>. Acesso em 28 de Agosto de 2014.

BRASIL. Lei 11.892 de 29 de Dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília, Ministério da Educação 2008. disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007.../11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007.../11892.htm)>. Acesso em 17 Jul. 2016.

BRASIL. MEC/Setec. Concepção e diretrizes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília: MEC/Setec, 2008a.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996 – 5ª Edição Atualizada. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Edições Câmara, Centro de Documentação e Informação. 2010. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/19339>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: A Sociedade em rede.V. 1. São Paulo : Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. et al. Mobile Communication and Society: A Global Perspective. Cambridge: MIT Press, 2009.

CORALINA, Cora. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1987.

COTA, Maria Célia. De Professores e carpinteiros: encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. Educação e Filosofia, v. 14, nº 27/28, p. 203-222. Ano 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). A educação na cultura da mídia e do consumo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. ISBN: 978-85-98271-72-9

CRAWFORD, S. The origin and development of a concept: the information society. Bull. Med. Lib. Assoc. 71(4) October, pp. 380-385, 1983. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC227258/pdf/mlab00068-0030.pdf>>. Acesso em: 10 Set. 2015.

DELEUZE, Gilles. Os intercessores. Conversações: São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suelly Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, ago. 2000. Disponível em: <[revista.ibict.br/ciinf/article/view/885/920](http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885/920)>. Acesso em: 17 Out. 2017.

DEMO, Pedro. Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antônio (org.). Profissão professor. Porto: Porto, 1991. cap. 4, p. 94-124.

FERREIRA A. B. de H. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FONSECA, T; COSTA, L. As durações do devir: Como construir objetos-problema com a cartografia. Fractal: Revista de Psicologia. 25 Ago. 2013. Disponível em: <[HTTP://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1120](http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1120)>. Acesso em 15 Jul 2017.

FOUCAULT, Michel. O uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. In: \_\_\_\_\_. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

Foucault, M. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

GARRETT, Paul. Social work's 'electronic turn'. Critical Social Policy, v. 25, n. 4, p. 529-553, 2005.

IFTM. Resolução nº 72/2014 de 01 de dezembro de 2014. Dispõe sobre a aprovação da Resolução Ad Refrendum nº 63/2014, que versa sobre o regulamento da organização didático-pedagógica dos cursos técnicos de nível médio e de graduação do Instituto Federal de Educação do Triângulo mineiro, 2014. Disponível em: <[http://www.iftm.edu.br/visao/loader\\_decretos\\_anexo.php?src=decretos\\_resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%2072-2014%20-%20reg\\_367757.pdf](http://www.iftm.edu.br/visao/loader_decretos_anexo.php?src=decretos_resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%2072-2014%20-%20reg_367757.pdf)>. Acesso em 28 Jul. 2016.

Kastrup, V. O Método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. R de; BESSET, V. L (Orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465 – 489. 2014. ISBN: 978-85-205-0530-4.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana Da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana Da (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0530-4.

Kastrup, V. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana Da (Org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0530-4.

Kastrup, V; Barros, L. P. Cartografar é Acompanhar Processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana Da (Org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0530-4.

Kelpanidis, M. Sociology of education, theories and reality. Athens: Hellinika Grammata, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. Educação e Sociedade, Out 2008, vol.29, no.104, p.647-665. ISSN 0101-7330

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho educação e o papel social da escola. In FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.) Educação e a Crise do Trabalho: Perspectiva de final de Século. Petrópolis: Vozes, 1998. (Coleção estudos culturais).

LÉVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, Adeus professora? Novas tecnologias educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez. Coleção Questão da Nossa Época; v.2. 2011.

Ling, R. The mobile connection: The cell phone's impact on society. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2004.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Educação e divisão social do trabalho: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiros. São Paulo: Cortez, 1982.

MANEY, Kevin; HAMM, Steve; O'BRIEN, Jeffrey M. Tornando o Mundo Melhor – As Ideias que Moldaram Um Século e Uma Empresa. Upper Saddle River, New Jersey: OBM Press, 2011.

MANTOAN, Maria Tereza Eglêr. Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 21ª Ed. Ver. E Atual – Campinas, SP: Papirus, 2013.

Neves, L. M. W. A sociedade civil como espaço estratégico de difusão da nova pedagogia da hegemonia. In: NEVES, L. M. W. (Org). A Nova Pedagogia da Hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo, S.P: Xamã, 2005.

OLIVEIRA, V. A.; CARVALHO, D. F. O Homem de Lata, O Espantalho, O Leão e o Compromisso Freiriano. In: III ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA. Regional 4, 2015, Juiz de Fora. Ser professor de Ciências e Biologia: entre políticas, inquietações, saberes e sensibilidades. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/blog/anais-do-encontro-regional-de-ensino-de-biologia-regional-4/>> Acesso em: 10 jun. 2017.

ORLANDI, L. B.L. Um gosto pelos encontros. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) São Paulo – Brasil - março de 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/>. Acesso em 15 mai 2017

PACHECO, Eliezer Moreira (Org.). Institutos Federais. Uma Revolução Na Educação Profissional e Tecnológica. São Paulo: Moderna, 2011. ISBN: 978-85-16-07375-6.

PALFREY, John. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011. ISBN: 978-85-363-2483-8

Passos, E.; Kastrup, V. O Problema da Análise em Pesquisa Cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sívila (Org.). Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0722-3.

Passos, E; Benevides De Barros, R.D. Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade. In: FONSECA, T.M.G, KIRST, P. (Orgs.). Cartografias e Devires: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES DE BARROS, Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana Da (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0530-4.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana Da (Org.). Sobre a Formação do Cartógrafo e o Problema das Políticas Cognitivas. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana Da (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-

intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. ISBN: 978-85-205-0530-4.

Postman, N. Tecnopolia - Quando a Cultura se rende à Tecnologia. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.

Pranzetti, D. Posse Digital e Inserção Social. In: Ciência e inclusão social, São Paulo: Terceira Margem, 2002.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001). Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em: 29 Jul. 2016.

PRETTO, Nelson de Luca. Políticas Públicas Educacionais: dos materiais didáticos aos multimídias. Trabalho apresentado na Reunião Anual da ANPED, 22ª. Caxambu, Minas Gerais, 1999. Anais. São Paulo/SP: ANPED, 1999.

RHEINGOLD, Howard. 2003. Smart Mobs: The Next Revolution. Disponível em: <[http://www.smartmobs.com/book/book\\_summ.html](http://www.smartmobs.com/book/book_summ.html)>. Acesso em: 21 Jul. 2016.

Rheingold, H. Net smart: how to thrive online. Cambridge: MIT Press, 2012.

RODRIGUES, Carla. Por uma pop' escrita acadêmica educacional. Tese (Doutorado). Programa de Pós- Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Saco, D. Cybering democracy: public space and internet. London: Electronic Mediations, 2002.

SANTOS, Boaventura dos. Um discurso sobre as ciências. Porto: Afrontamento, 2002.

Shirky, C. A cultura da participação. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Pesquisar o acontecimento. Estudo em XII exemplos. In:\_\_\_\_\_; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola. Linhas de Escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUSA, M. G. S. A formação continuada e suas contribuições para a profissionalização de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de Teresina-PI: revelações a partir de histórias de vida. 2008, 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPI.

TAKAHASHI, Tadao (Org.) . Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. 2000. Disponível em: <[http://www.institinformatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL\\_livroverdeSI.pdf](http://www.institinformatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL_livroverdeSI.pdf)>. Acesso em 23: Set. 2016.

Tassoni, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno em Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000.

TOFFLER, Alvin. A terceira onda. São Paulo: Record, 2002.

VIVIAN, Caroline Deprá. PAULY, Evaldo Luis. O uso do celular como recurso pedagógico na construção de um documentário intitulado: fala sério! In.: Colabor@ - Revista Digital da CVA – Ricesu. Volume 7, Número 27, Fevereiro de 2012.

## APÊNDICE I

**Figura 1** – Cartazes utilizados para convite de participação dos encontros em grupo



## O CELULAR NA SALA DE AULA...



COMO VOCÊ  
VÊ O USO DO  
CELULAR EM  
SALA DE AULA?



facebook



há 15 Minutos atrás

VENHA FAZER PARTE DO GRUPO DE DISCUSSÕES:  
"O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA"



INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: NÍSIA SALLES (NAP)

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 Nisia Maria Teresa Salles e outras 125.358 pessoas curtiram isto

🔗 922 compartilhamentos



Essa discussão vai ser top! #euvou #imperdível



Ver mais comentários

1 de 299

## APÊNDICE II

Roteiro dos encontros submetido junto ao projeto de pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa

– CEP da Universidade Federal de Uberlândia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



### ROTEIRO PARA ENCONTROS EM GRUPO

**Grupo:** Alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) - Câmpus Uberlândia.

**Registro:** Filmagem e gravação em áudio.

**Duração:** 2 h

#### OBJETIVO

Utilizando-se de conceitos dos estudos culturais proporcionam, objetiva-se entender como acontece o uso do celular em sala de aula enquanto dispositivo para ampliar o Universo Cultural dos estudantes do ensino médio. Com isso será possível um novo olhar para esse suporte de comunicação, possibilitando compreender os vários suportes educacionais e o acesso às atuais fontes de informação no cotidiano escolar.

#### ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE

##### → PARTE I

- Agradecimento ao grupo pela disponibilidade em participar da atividade;
- Apresentação e localização da pesquisa e dos participantes;
- Criação de um grupo pelo dispositivo de celular WhatsApp.

##### → PARTE II

- Apresentação da temática e de um vídeo sobre o assunto do encontro.
- Discussão dos projetos: mapear as reações dos alunos diante das atividades, ocorrência ou não de interesse pela atividade e quais discursos (conexões com os projetos e se conheciam antes do encontro em grupo os projetos apresentados, pontos positivos e negativos dos projetos para a instituição, qual a contribuição da empresa para o ambiente escolar, qual a contribuição que os projetos oferecem para a formação dos docentes e outros) são apresentados;
- Finalização da atividade com considerações finais e agradecimentos.

### **APÊNDICE III**

Reprodução do Diário Cartográfico criado pela pesquisadora para anotação e análise dos dados coletados.

DIÁRIO DE UMA CARTÓGRAFA

**SENTIMENTOS, PERCEPÇÕES, MOMENTOS**

**VIVENCIADOS**



Março a Julho/2016

Uberlândia - MG

## **18/04/2016 – PRÓLOGO INTRODUÇÃO**

Depois do encontro com a Lúcia, tomei uma resolução como forma de registro de todo o processo.... Escrever um diário, não um diário de bordo simplesmente, mas um diário que fosse mais, que buscasse descrever meus sentimentos, impressões, dúvidas, anseios, vontades, descobertas.... Pensei em um “Diário Cartográfico” (nome e denominação criada por mim), afinal estamos estudando o método cartográfico.

Enfim, um diário daqueles que se escreve quando adolescente.... Achei que seria simples, fácil, mas não confesso meu primeiro sentimento, não foi tão simples, ao contrário, foi e está sendo difícil. Porque depois de um tempo você se esquece como é ter um diário e assim, este diário se torna algo desafiador pois sua intimidade transcende os sentimentos que passamos ao exterior, buscam os sentimentos internos, aqueles que a princípio, não confidenciamos a ninguém.... Não diria difícil, desafiador.... Escrever no papel o que se pensa, o que realmente se sente, voltar para dentro de si mesmo, e ter uma conversa com o seu “eu verdadeiro”, é algo muito complexo à medida em que nos tornamos adultos, pois a vida nos ensina que este não é um caminho melhor, e então, nos tornamos adultos e passamos a dizer que isso é uma “bobagem de adolescência”, não é mesmo?

Já tive um diário antes... Tinha 14 anos e ganhei de presente da minha mãe.... Realmente foi um presente para uma adolescente...Era para escrever meus sentimentos mais íntimos e secretos...Tenho ele até hoje guardado e de vez em quando leio suas páginas com saudade e um tom saudosista.... Pois me leva a pensar em uma época em que ele foi tão importante em minha vida se tornando mais do que um amigo, um confidente.

E porque não confidenciar meus sentimentos e sensações experimentadas com o melhor dos confidentes, o papel, agora em registro digital, mas ainda assim, um registro.... E aqui não quero convencer a ninguém, exceto a mim mesma....

Então vamos lá.... Aproveitar esta nova experiência, colocar no papel os sentimentos, as sensações, as novas experiências que o grupo “C.A.” (Celulares Anônimos) me traz!!!!

E para início, vou colocar aqui um trecho Bíblico, que em uma palestra muito me interessou.... Independente de crença e religião, achei interessante: “Há tempo para tudo nesta vida”. Então busquei o trecho na bíblia, li, pensei logo na minha dissertação final.... Não quero me apressar, mas como falamos de sentimentos, este trecho de Eclesiastes, me fez refletir, agiu como ponto de partida, pois muito do que fala são as verdades da vida, de nossa vida e de como o tempo é importante neste processo:

### Eclesiastes 3 – Sobre o Tempo:

EM UM DOS LIVROS BÍBLICOS – O ECLESIASTES – HÁ UM TEXTO DE GRANDE BELEZA. É O CAPÍTULO III. ESSE TEXTO, QUE É ATRIBUÍDO AO SÁBIO REI SALOMÃO, VERSA SOBRE TEMPO E É UMA PRECIOSA LIÇÃO.

- 1 TUDO TEM O SEU TEMPO DETERMINADO, E HÁ TEMPO PARA TODO PROPÓSITO DEBAIXO DO CÉU:  
2 HÁ TEMPO DE NASCER E TEMPO DE MORRER; TEMPO DE PLANTAR E TEMPO DE ARRANCAR O QUE SE PLANTOU;  
3 TEMPO DE MATAR E TEMPO DE CURAR; TEMPO DE DERRUBAR E TEMPO DE EDIFICAR;  
4 TEMPO DE CHORAR E TEMPO DE RIR; TEMPO DE PRANTEAR E TEMPO DE SALTAR DE ALEGRIA;  
5 TEMPO DE ESPALHAR PEDRAS E TEMPO DE AJUNTAR PEDRAS; TEMPO DE ABRAÇAR E TEMPO DE AFASTAR-SE DE ABRAÇAR;  
6 TEMPO DE BUSCAR E TEMPO DE PERDER; TEMPO DE GUARDAR E TEMPO DE DEITAR FORA;  
7 TEMPO DE RASGAR E TEMPO DE COSER; TEMPO DE ESTAR CALADO E TEMPO DE FALAR;  
8 TEMPO DE AMAR E TEMPO DE ABORRECER; TEMPO DE GUERRA E TEMPO DE PAZ.  
9 QUE PROVEITO TEM O TRABALHADOR NAQUILO COM QUE SE AFADIGA?  
10 VÍ O TRABALHO QUE DEUS IMPÔS AOS FILHOS DOS HOMENS, PARA COM ELE OS AFLIGIR.  
11 TUDO FEZ DEUS FORMOSO NO SEU DEVIDO TEMPO; TAMBÉM PÔS A ETERNIDADE NO CORAÇÃO DO HOMEM, SEM QUE ESTE POSSA DESCOBRIR AS OBRAS QUE DEUS FEZ DESDE O PRINCÍPIO ATÉ AO FIM.  
12 SEI QUE NADA HÁ MELHOR PARA O HOMEM DO QUE REGOZIJAR-SE E LEVAR VIDA REGALADA;  
13 E TAMBÉM QUE É DOM DE DEUS QUE POSSA O HOMEM COMER, BEBER E DESFRUTAR O BEM DE TODO O SEU TRABALHO.  
14 SEI QUE TUDO QUANTO DEUS FAZ DURARÁ ETERNAMENTE; NADA SE LHE PODE ACRESCENTAR E NADA LHE TIRAR; E ISTO FAZ DEUS PARA QUE OS HOMENS TEMAM DIANTE DELE.  
15 O QUE É JÁ FOI, E O QUE HÁ DE SER TAMBÉM JÁ FOI; DEUS FARÁ RENOVAR-SE O QUE SE PASSOU.  
16 VÍ AINDA DEBAIXO DO SOL QUE NO LUGAR DO JUÍZO REINAVA A MALDADE E NO LUGAR DA JUSTIÇA, MALDADE AINDA.  
17 ENTÃO, DISSE COMIGO: DEUS JULGARÁ O JUSTO E O PERVERSO; POIS HÁ TEMPO PARA TODO PROPÓSITO E PARA TODA OBRA.  
18 DISSE AINDA COMIGO: É POR CAUSA DOS FILHOS DOS HOMENS, PARA QUE DEUS OS PROVE, E ELES VEJAM QUE SÃO EM SI MESMOS COMO OS ANIMAIS.  
19 PORQUE O QUE SUCEDE AOS FILHOS DOS HOMENS SUCEDE AOS ANIMAIS; O MESMO LHES SUCEDE: COMO MORRE UM, ASSIM MORRE O OUTRO, TODOS TÊM O MESMO FÔLEGO DE VIDA, E NENHUMA VANTAGEM TEM O HOMEM SOBRE OS ANIMAIS; PORQUE TUDO É VAIDADE.  
20 TODOS VÃO PARA O MESMO LUGAR; TODOS PROCEDEM DO PÓ E AO PÓ TORNARÃO.  
21 QUEM SABE SE O FÔLEGO DE VIDA DOS FILHOS DOS HOMENS SE DIRIGE PARA CIMA E O DOS ANIMAIS PARA BAIXO, PARA A TERRA?  
22 PELO QUE VÍ NÃO HAVER COISA MELHOR DO QUE ALEGRAR-SE O HOMEM NAS SUAS OBRAS, PORQUE ESSA É A SUA RECOMPENSA; QUEM O FARÁ VOLTAR PARA VER O QUE SERÁ DEPOIS DELE?

#### ECLESIASTES 3:1-22

*A vida requer olhos atentos. Não apenas os olhos físicos, mas as janelas da alma que são capazes de identificar necessidades e potenciais alheios. As almas sensíveis reconhecem a hora certa de agir. Assim é que viver contente com todos os aprendizados que a vida traz é uma arte pouco praticada e quase desconhecida. Saber alegrar-se com as pequeninas coisas de todo dia. Descobrir poesia em pétalas de flor, lures e poentes.*

## **DEFINIÇÃO DO ROTEIRO GERAL**

### **RELEMBRANDO OS OBJETIVOS:**

#### **Objetivo Primário**

Utilizando-se de conceitos dos estudos culturais proporcionam, esta proposta objetiva entender como acontece o uso do celular em sala de aula enquanto dispositivo para ampliar o Universo Cultural dos estudantes do ensino médio. Com isso será possível um novo olhar para esse suporte de comunicação, possibilitando compreender os vários suportes educacionais e o acesso às atuais fontes de informação no cotidiano escolar.

#### **Objetivo Secundário**

Como objetivos específicos destacam-se:

- ✓ Analisar como os discentes percebem a utilização do celular na sala de aula;
- ✓ Verificar como os discentes utilizam esta mídia no processo de aprendizagem;
- ✓ Quais são os saberes necessários à inclusão de novas mídias na educação;
- ✓ Averiguar como os sujeitos envolvidos utilizam os benefícios oferecidos pelos celulares.
- ✓ Compreender como os alunos gostariam que o professor abordasse o uso do celular em sala de aula.

### **METODOLOGIA GERAL:**

Com datas quinzenais, previamente agendadas de acordo com o cronograma apresentado, ocorrerão os encontros, registrados por meios eletrônicos (filmagens e gravações de voz), além de contar com o registro de informações por parte do pesquisador, a serem realizadas após o momento de identificação, com o objetivo de acompanhar o processo de informações colhidas nas etapas anteriores. A forma de gravação (digital) será também especificada aos participantes. Cada encontro contará com uma temática, baseada na problematização da pesquisa, e o estímulo para participação será realizado através de um vídeo no primeiro encontro e de diversas abordagens culturais que serão apresentadas em cada momento (vídeos, música, outros textos previamente selecionados), partindo das experiências vivenciadas desde a primeira instância. A quantidade de encontros previstos, bem como o tempo de duração dos mesmos, pode ser alterada de acordo com os sentimentos dos envolvidos, bem como das necessidades apontadas durante os encontros coletivos. Os alunos selecionados obedeceram ao critério de ordem de

inscrição definidos a partir do projeto. Em outros momentos contaremos também com os trabalhos e discussões pelo WhattsApp.

#### **ROTEIRO GERAL:**

✓ Locais para realização dos encontros: Cada encontro será realizado em um local específico: Anfiteatro, sala de aula, Sala de reuniões de professores, praça em frente ao prédio principal. Pensar em um encontro em outro local para o encerramento (sugestão a ser pensada: Pic nic na cachoeira, local por vezes proibido para os alunos, quando estes se deslocam sozinhos)

✓ Datas e horário dos encontros: quinzenal. Ao fim de um encontro já marcamos o próximo.

✓ Prováveis dias da semana para realização dos mesmos: Sugestões a serem verificadas:

1) 4ª Feira – Horário comum – grêmio – 12:00 às 13:00 h

2) 6ª Feira – Horário comum – 11:40 às 12:40 / período da tarde (verificar melhor horário, visto que as turmas não têm aula neste período)

3) 5ª feira – 10:55 às 11:55h

✓ Em um primeiro momento, ouvir a sugestão dos alunos, para então já agendar o primeiro encontro.

✓ Busca de textos, vídeos, imagens, músicas, jogos, enfim, tudo que possa relacionar o tema, buscando recursos nos estudos culturais.

✓ Dos encontros, propor atividades e discussões pelo Grupo Whatts App.

✓ Alunos que irão participar do encontro;

➤ Previsão de 5 encontros, trabalhando em cada um, os objetivos secundários.

➤ Podem ocorrer além destes mais 2 ou três encontros para que possamos realizar o fechamento e conclusão das atividades

OBS: Este roteiro geral servirá para dar um norte aos encontros, podendo ou não ser utilizado ou modificado a partir do desenvolvimento dos encontros.

Este foi analisado a partir do roteiro utilizado junto à plataforma Brasil – CEP como requisito a comissão.

## 19/04/2016 – PRIMEIRO ENCONTRO – A PREPARAÇÃO

### Encontro 1

- ✓ Apresentação dos membros do grupo. Falar um pouco sobre o motivo de nos reunirmos
- ✓ Para pensar um pouco: Texto ou Vídeo no WhatssApp 1.
- ✓ OBJETIVO: Como os discentes percebem a utilização do celular na sala de aula.
  - Local – Sala de aula (motivo aqui, pois o tema se refere à sala de aula) Sala 09 do prédio principal do IFTM – Campus Uberlândia
  - Dinâmica 1– Sala arrumada, com carteiras afastadas nos cantos da sala. No centro da sala de aula, os cartazes que foram utilizados como convite para os encontros em grupo dispostos estrategicamente (pensar nesta disposição). Música ambiente (pensar na música a ser colocada). Assim que a música começa eles naturalmente se movem pela sala, explorando os espaços. Em seguida, buscam os cartazes, com uma leitura atenta a cada um deles. Algumas questões importantes que podem ser colocadas e que eles podem ir pensando neste momento.
- ✓ CARTAZES:
  - VOCÊ JÁ PENSOU SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA?
  - ALGUM PROFESSOR PERMITE QUE VOCÊ USE O CELULAR EM SALA DE AULA?
  - ALGUM PROFESSOR JÁ PROIBIU VOCÊ DE USAR O CELULAR EM SALA DE AULA?
  - VOCÊ JÁ TENTOU FICAR UMA AULA INTEIRA SEM USAR O CELULAR?
  - VOCÊ JÁ DISCUTIU COM OS COLEGAS SOBRE O USO DE CELULAR EM SALA DE AULA?
  - O CELULAR EM SALA DE AULA AJUDA OU ATRAPALHA?
  - COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA?
- ✓ PROVOCAÇÕES PELO WHATTSAPP:
  - O QUE ME ATRAIU PARA ESTE GRUPO?
  - O QUE É A SUA VIDA COM O CELULAR?
  - O QUE SERIA SUA VIDA SEM O CELULAR?
  - PORQUE É RUIM UTILIZAR O CELULAR?
  - O QUE EU QUERO APRENDER OU DISCUTIR NESTE GRUPO?
- Segundo momento: Sentarmos em roda, onde cada um vai buscando se expressar livremente, seja por meio de uma palavra, ou de uma ideia. Desse momento podem fazer colocações, fazer perguntas entre eles, complementar a ideia do outro, enfim, contar experiências, deixar que as ideias tomem contorno próprio.
- A partir daqui, fazer um fechamento, uma avaliação deste primeiro encontro e ver sugestões dos participantes.
- Para registro: uma filmadora e o notebook, celular gravando a voz colocados em dois pontos da sala, celular sempre à mão, junto do grupo.
- Para o momento: brigadeiro, coca cola e suco bem gelados, mesa posta para que eles possam se servir à vontade.

## 20/04/2016 – LEITURAS E ESTUDOS

Aproveito este momento para reler alguns textos do estudo de cartografia. Minha preocupação neste momento se volta à análise de dados e o encontro em si.

Para buscar respostas, recorri à livro *Pistas do Método da Cartografia – Vol. 2 – A experiência da pesquisa e o plano comum* (Kastrup, Passos, Tedesco, 2014)

Coloco abaixo alguns pontos que achei muito importantes nestas leituras.

### **PISTA DA ENTREVISTA – A ENTREVISTA NA PESQUISA CARTOGRÁFICA: A EXPERIÊNCIA DO DIZER (Tedesco, Caliman)**

Quando pensamos na pesquisa são duas as questões que surgem de imediato: O que buscamos com a pesquisa? Como alcançar o que buscamos?

Para encontrarmos respostas, temos como ponto de partida três pontos principais:

- ✓ Cartografar é acompanhar processo (Pozzana; Kastrup, 2009);
- ✓ A cartografia enquanto método de pesquisa-intervenção (Passos; Benevides de Barros, 2009);
- ✓ O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica (Escóssia; Tedesco, 2009).

Articular estes aspectos nos faz refletir sobre a entrevista, seu alvo e como atingir o que se pretende, tendo como base o objetivo da cartografia enquanto pesquisa da experiência, onde os processos a serem investigados são realizados efetivamente.

Devemos neste ponto de partida refletir sobre o fato de que a realidade que se investiga é composta de objetos, processos atemporais e precisos. Neste caso, a performance da entrevista serve de provocação que aciona processos cujas transformações surgem das forças do plano coletivo e cuja experiência se torna o principal objetivo da entrevista enquanto ferramenta de construção e no acesso do espaço compartilhado de experiências. Não se tem um modelo de entrevista na cartografia, pois a prática de toda a pesquisa nos leva a manejos neste processo e não em uma proposta pronta e acabada.

Apesar das diretrizes que traçam o percurso do processo, a cartografia parte de processos e devires componentes do campo social, ou a realidade em contínuo arranjo e desarranjo, pois que 'a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra', afirma Virgínia Kastrup (BARROS; KASTRUP, 2009, p.73).

Assim sendo, o trabalho do cartógrafo não pode se definir apenas do exercício da livre aventura, sem nenhuma direção e orientação, visto que trata neste aspecto no desafio da inversão das metodologias tradicionais, sem deixar de lado uma concepção de trajetória de pesquisa pois contempla o caminhar redefinido na radicalidade do percurso de metas que se alteram a partir da produção de dados da pesquisa (PASSOS; BARROS, 2009).

As experiências de vida surgem da reflexão do sujeito em suas ideias, onde se incluem as históricas de vida, as emoções e motivações, bem como tudo que o sujeito represente como conteúdo vivido. Já a experiência pré refletida toma por referência o processo que leva ao coletivo de forças onde todos os conteúdos se representem.

O diálogo do processo é importante para que se entenda como se acompanha a experiência, levando em conta estas duas dimensões. Neste sentido a linguagem auxilia na interpretação e entendimento das dimensões expostas. No sentido representacional, o plano de expressão corresponde aos aspectos que envolvem os signos linguísticos e a sintaxe relacionada enquanto o plano do conteúdo apresenta os elementos externos à linguagem. Os signos funcionam como classes gerais que operam recortes e fornecem fronteiras entre os fatos indissociáveis e a sintaxe organiza o processo representacional de forma ordenada. São assim dois planos que funcionam separadamente e que podem se encontrar na determinação de organização que só ocorre ao se eliminar a sensibilidade do plano de expressão frente as ocorrências do mundo eliminando neste ponto suas irregularidades através da eliminação das modulações das falas desconsideradas pelo comprometimento da correspondência fiel da linguagem na ordenação do mundo. Aqui se inserem os modelos de entrevistas inquisidoras que comprovam determinado fato.

Na cartografia, a entrevista visa o acesso à experiência em todas suas dimensões e não apenas como

representação, pois em seu trânsito consideramos a dimensão de forças da linguagem como forma estendida que estabelece as relações de reciprocidade.

Dessa forma a reciprocidade contínua e ativa provoca operações que nos levam a alcançar o alvo da pesquisa de forma individual ou em grupo. Por isso, a entrevista visa a experiência na fala, intervindo na abertura de experiências no processo do dizer, buscando também a pluralidade de vozes.

A experiência que se produz na própria fala manifesta componentes como variações de entonação, ritmo e velocidade que se somam a componentes de expressões faciais e corporais. A escuta deve acolher vários fatores no sentido de compreender os dizeres em curso e que garantem o acesso à experiência efetiva.

Alguns aspectos mostram a presença desta experiência e que indicam a mudança de direção da atenção do mundo exterior rumo ao processo da experiência. O ritmo das palavras as pausas e silêncios demonstram a construção de experiência em curso transformando-se em linguagem viva.

Neste sentido, o método cartográfico nos faz mergulhar nas malhas agenciadoras que surgem entre sujeito e objeto de pesquisa, onde o cartógrafo passa a perceber os mundos, suas configurações existenciais, efemeridades e transitoriedades, pois este deve acompanhar extremamente dinâmico e que consiste na expansão às ilimitadas possibilidades da existência humana.

Na cartografia a escuta acompanha o processo de relato, onde surgem linhas, fragmentos, intensidades, sensações que se constituem em novas formações subjetivas e assim as perguntas deve agir mais como um convite para o entrevistado falar com suas palavras, dando tempo para que ele reflita e assim a entrevista se aproxima de uma conversa que não especifica suas condições, fazendo nos encontros de forma natural, embarcado no assunto, deixando ser afetado e afetar todo o fluxo dos acontecimentos, percorrendo diversas linhas que são traçadas, no sentido de gerar novas perspectivas, que também acionam parcerias, intercessões naturais e guiam todo o movimento do encontro, agindo assim na enunciação coletiva, onde a composição dos discursos expõe o lado mais intenso dos planos e das experiências indicadas em seus contornos, acessando assim o momento entre as falas, garantindo um sentido até então inexistente e novo para todos que participam do grupo, interferindo constantemente num sentido único, que como Deleuze e Guattari (1995) propõem, se transformam em linhas de devir a serem acompanhadas.

Assim é que o acompanhamento de toda a experiência leva em conta os planos do conteúdo e da expressão, desafiando o manejo cartográfico no processo como experiência compartilhada do dizer e que cria um novo plano, um novo mundo. Assumir o caráter performático das falas torna-se fundamental para pensar nos próximos direcionamentos, como forma de criar e potencializar nas pesquisa, e como fazer, intervindo na abertura da experiência do dizer em curso, e resistindo aos discursos unificadores e totalizantes e através das indeterminações, chegar a experiência compartilhada do dizer, e que irão demonstrar os desdobramentos do trabalho experimental que faz com que continuemos atentos, experimentando e criando novas possibilidades de acesso e acompanhamento do que visamos, no coletivo de forças como plano da experiência cartográfica.

## **20/04/2016 – PRIMEIRO ENCONTRO – O MOMENTO**

### **Primeiro Encontro – Onde tudo deu errado! Ou será que deu tudo certo?**

20/04/2016 – Dia do primeiro Encontro. Às 11h me dirigi à sala 09 do prédio principal. Porque uma sala de aula. Porque estamos falando da sala de aula certo. Mas porque a escolha da sala nove? Estudei os horários e salas utilizadas. Nesta sala, da turma 1º C (Manutenção e Suporte em Informática), as aulas terminavam às 10:52 e só retornariam às 13:08, tendo então tempo hábil para preparar o ambiente para o encontro. Preparei um cartaz para colocar na porta da sala durante o encontro, para que, outros pudessem respeitar o momento e não entrassem na sala, interrompendo assim o momento.

Primeiro problema. O colega que tinha se prontificado a me ajudar, e o qual adicionaria ao grupo whatsapp App para enviar os questionamentos no momento do encontro faltou. Não poderia contar com ele.... Mas consegui arrumar outra pessoa que o faria de fora do instituto.

Fui à sala, comecei a organizar, filmadora, notebook, celular para gravação de voz, mesa com brigadeiro, coca cola e suco bem geladinhos.....

Aparelho de som com músicas diversas, mas diversas mesmo, desde sertanejo até eruditos..... Tudo misturado.....

Neste momento, um aluno da sala 09 entrou expliquei para ele o motivo de estar ali e ele achou muito legal. Pediu para me ajudar com a filmadora e os equipamentos pois gosta muito de eletrônicos. Prontamente aceitei a ajuda pois apesar de gostar muito o tempo para organização se estendeu às minhas atividades profissionais.

Tudo pronto, organizado.

Enquanto organizava, duas alunas me enviaram mensagem informando que não estavam na escola hoje pois estavam de cama.... Bom, dos 9 alunos, iria contar com duas a menos. Sete....Faltando dez minutos para as 12 horas, sai da sala para buscar meu celular.... Precisava adicionar a pessoa que iria me auxiliar externamente... Nesse momento, o sistema do meu celular pediu para aguardar pois iria atualizar o sistema, e de forma bem lenta vi a atualização surgir.... 1%, 2%. Percebi que não poderia contar com ele neste início de trabalhos.

O celular só voltou no final do encontro. Percebi que apesar de ter adicionado a outra pessoa ela não teve como enviar as perguntas.

Além disso, diversos obstáculos pois estava em horário de trabalho surgiram, tentando impedir o encontro. Dei mil voltas e consegui sair para o momento tão esperado.....

De início,achei que tudo dava errado, estava tudo saindo do controle, e confesso que não sabia se ia conseguir levar até o final e conquista-los pelo afeto.... Neste momento tive dúvidas.

Ao voltar para a sala 9, percebi que muitos alunos da turma estavam ali. Educadamente contei o que iria ocorrer, mas que caso algum deles quisesse participar, seriam muito bem vindos. Me perguntaram o que iria acontecer ali, contei da proposta, lembrei dos cartazes fixados pelo IFTM.

Bom, outra surpresa..... Um grupo de sete outros alunos da turma do 1º C me pediram para participar (Nota: Não foi o Brigadeiro e nem o refrigerante gelado, pois estes estavam bem guardados em um armário, ninguém até então tinha percebido as guloseimas. Porque foi um dos questionamentos que me veio à mente depois. Entretanto a sensação do grupo foi muito boa, foi de envolvimento, se respeito, muito bate papo, e querendo conversar sobre o assunto.

Enquanto eles se movimentavam pela sala e buscavam um cartaz é que coloquei a sobremesa na mesa e deixei a vontade para que cada um se servisse durante o encontro. Naturalmente eles andaram, em silencio (não pedi em momento algum o silêncio) e naturalmente também foram se sentando em roda, sem que eu solicitasse e o mais interessante é que eu tinha de certa forma pensado, neste momento todos sentados no chão em roda.

Daí começamos o assunto, um dos alunos mais sério, já entrou direto na questão do celular em sala de aula. Daí provoqueei, e disse que antes de pensarmos neste assunto, queria ouvir um pouquinho do papel do celular na vida de cada um. Foi incrível as colocações. Daí tudo se desenrolou, perguntaram muito sobre mim, sobre o que eu gosto e o papo rolou, música, cinema, informática, gosto de leitura, ou seja de tudo um pouco....Eles se envolveram e o tempo foi pouco, mas suficiente pois deixou o gosto de quero mais!!!! Agendamos então o próximo encontro para 04 de maio, quarta-feira. Para fechar o

encontro perguntei se algum deles tinha mexido no celular nestes momentos. Eles responderam que “não, porque apesar de ser sobre o celular, o papo aberto, ouvindo as opiniões deles foi mais importante do que ver o que rolava na rede...” – Achei interessante essa colocação, e o sentimento verdadeiro com que concordaram com a colocação.

Perguntei ao final o que acharam, pois no início quando viram que eu não conduzia como uma aula, frisei novamente, “gente eu não sou professora de vocês, isso não é uma aula, é um encontro!!!!” . Eles sorriram e disseram “Graças a Deus!!!” – Riso geral!!!!

Por fim, apesar da vontade de comer mais brigadeiro (acabou tudo!), eles vieram, me abraçaram, conversaram em roda com os colegas de outras turmas. E em virtude do tempo agendado, terminamos o encontro, definindo que nosso próximo encontro será na praça em frente ao prédio principal, e teremos bolo de chocolate e violão.

### ***Percepções importantes:***

Pude compreender que, só através da percepção da linguagem pude trabalhar os sentimentos, e não difícil manter o tema e objetivo do trabalho (me preocupava com isso quando da preparação, apesar de me preparar para que isso ocorresse).

Os alunos quiseram falar do assunto, perguntei porque, e eles disseram unânimes que até então ninguém quisera saber a opinião deles sobre o assunto. A escola não pergunta, os professores não perguntam, e fica por isso mesmo.

O celular não é um problema só da escola, é um problema social..... Porque todo mundo usa o celular. E ninguém ou quase ninguém sabe usar o celular, então, como usar? Este foi um posicionamento importante, pois eles foram discutindo que também se sentem incomodados com o uso do celular no cinema, na igreja, em casa, quando estão com os amigos, enfim, em todos os lugares.

O grupo também relatou que o celular não é a única ferramenta, assim como ele, o notebook, o tablet também são importantes e eles usam o tempo todo mas ninguém reclama (ou quase ninguém), por que será?

Um aluno abordou com uma questão importante: “Como podemos fazer para sermos ouvidos pelos professores? Que estratégias devemos usar?”

Várias sugestões apareceram: Fazer uma roda de conversa com os professores, preparar alguma estratégia para que eles apresentem aos professores na reunião pedagógica no segundo semestre (Julho, no retorno às aulas). Não foram tomadas decisões e não intervim nas idéias deles.....

Depois disso, eles falaram da importância do celular, como forma de comunicação. Eles relataram um aspecto importante. Muitas pessoas com pouca instrução têm muita dificuldade em aprender a utilizar os recursos do computador. Entretanto, muitas conseguem utilizar os recursos gerais, principalmente a internet através do celular. E com isso, pessoas com mais dificuldade, em especial os mais idosos conseguem acompanhar as notícias, fazer busca de informações utilizando a internet do celular. Um dos alunos (e não é da informática, é aluno do meio ambiente) deu o exemplo de sua avó, que hoje em dia se envolve mais com a internet através do celular, e ele incentivou a avó, e percebeu sua felicidade, como se estivesse mais inteirada do mundo, conectada com tudo e com todos, e isso estreitou sua relação com ela. A observação foi unânime e os demais também deram exemplos, como trabalhadores da zona rural que até pouco tempo não tinham contato com as tecnologias e tinham dificuldade até mesmo de se comunicar....

Mas eles sentiram falta de conversar sobre isso com a escola, não só com o professor, mas com a escola. Falaram que ninguém nunca perguntou a opinião deles sobre este assunto, chegam apenas permitindo ou proibindo.

E por isso eles sentiram a importância do assunto, pediram que querem conversar, querem conversar mais e mais, pois sabem que ninguém tem respostas, e isso os incomoda, assim como incomoda o mundo todo, pois além do consumismo de ter que ficar na “moda” com o aparelho mais moderno, ainda tem de entender o que se passa ao redor, principalmente na escola.

Foi um bate-papo sério, mas muito gostoso, eles se espantaram pois contei que adoro celular, mostrei o meu e ficaram malucos pois estou com um aparelho bem moderno, falei que adoro vídeo games, me deram muitas dicas. Cinema então, enlouqueceram quando contei que vou em todas as estreias possíveis, e já estava com o ingresso da estréia do “Capitão América”.

Alguns falaram que o celular em sala de aula nem sempre ajuda.... Muitas vezes realmente atrapalha, mas fica assim, o professor vê o problema mas não sente o problema, falta diálogo.

E por isso eles sentiram a importância do assunto, pediram que querem conversar, querem conversar mais e mais, pois sabem que ninguém tem respostas, e isso os incomoda, assim como incomoda o mundo todo, pois além do consumismo de ter que ficar na “moda” com o aparelho mais moderno, ainda tem de entender o que se passa ao redor, principalmente na escola.

Foi difícil terminar, mas já saíram e eles mesmos marcaram o próximo encontro. Meu sentimento? Realização plena, respostas que eu não esperava ouvir desta galerinha que se mostrou interessada e ávida para ser ouvida, para que se leve sua opinião em consideração.

Acho que aqui consegui passar uma prévia dos ocorridos e também os sentimentos que pude vivenciar neste primeiro encontro.

Analisando o capítulo que fala sobre a entrevista, pude perceber claramente as questões da fala, da expressão dos participantes, não só na transmissão de informação, mas a abertura ao processo da experiência. E o que mais marcou realmente foi a vontade de se fazer ouvido, de participar das decisões, de poder opinar e sugerir mudanças na sala de aula, no uso do celular. Ficou bem claro e explícito quando falaram das suas frustrações quanto ao papel da escola, e principalmente do professor em sala de aula. A performance da linguagem, o clima gostoso, tudo isso caracterizou este momento, transformando-o em dados informacionais que pretendo traduzir posteriormente através das diversas releituras das gravações efetivas deste momento.

Minha primeira impressão!!!! Deu errado, se fôssemos pensar na entrevista, ou até no grupo focal, como conhecemos enquanto metodologia!!! Ao pensar na cartografia, em todas as leituras realizadas até aqui!!! Deu tudo certo!!! Deu certo demais!!! Objetivo atingido!!!! Ponto final!!!!

## 26/04/2016 – LEITURAS E ESTUDOS

### **PISTA DA ATIVIDADE - O TRABALHO DO CARTÓGRAFO DO PONTO DE VISTA DA ATIVIDADE (Barros, Silva)**

O texto estuda as diretrizes para se pensar o trabalho do pesquisador do ponto de vista da atividade a partir de dois aspectos. O primeiro se embasa no método onde a produção de conhecimento surge de um construtivismo radical que desafia o pensamento de modo a superar os modelos representativos. O segundo baseia-se no ponto de vista da atividade e das relações entre o planejamento e a realidade, pois a flexibilidade dos procedimentos e técnicas formuladas anteriormente não deve ser vista como obediência irrestrita.

Quando analisamos o conhecimento no sentido da necessidade de transformação, ação e intervenção se dá pela criatividade de mundos e sujeitos, onde o pesquisador adentra em processos já em curso, conferindo uma personalidade construtivista à atividade cartográfica.

Por outro lado, enquanto atividade humana, a pesquisa expressa uma reformulação e análise constante do campo

Aqui podemos analisar o processo de investigação que trata da tentativa de compreensão dos dados da realidade que circula no ambiente escolar, sua interlocução com os planos do social na composição do sujeitos torna evidente que a pesquisa em educação pode sim optar por esta metodologia de investigação. A pesquisa cartográfica enquanto atividade humana expressa-se constantemente como reformulação e análise de aproximações do campo e dos problemas que se apresentam antes e após a realização da atividade.

Mas como as linhas são traçadas ao longo do processo, o pesquisador passa a aprender as regras que regem certas situações singulares, ao mesmo tempo em que tem de lidar com a criação de normas para situações irregulares, exigindo no decurso da atividade de processos constantes de debates entre os saberes e experiências no processo de transformação do conhecimento no momento de desenvolvimento das atividades, o que transforma o trabalho em um exercício vivo no sentido de imprimir marcas singulares no trabalho de pesquisa, decidindo a priori em um mundo de valores que demandam a invenção de intercessões que possibilitem avançar na construção de estratégias que viabilizem o processo de investigação. Não se trata de desvelar o objeto investigado mas ao contrário, trata de uma experimentação que se baseia na realidade em constante movimento.

Cabe ao cartógrafo um processo de “nova normatização” que se conduz a partir dos desafios que o campo empírico desvela. Em todo processo, por mais esquematizado e preparado que seja, não é possível prever com precisão todo o processo, e por isso cabe a construção de normas que se interpõem entre as prescrições e desafios das variações da realidade. Entretanto, cabe aqui a previsão de direções que auxiliem na construção das vias de investigação.

A direção que se toma na pesquisa cartográfica leva em conta que a pesquisa deve considerar a mobilidade dos mapas reais e por isso, podemos ressaltar que precisão não é exatidão (Barros, Silva, 2014) e que portanto o método acompanha a composição das linhas de força da experimentação, dando a esta o privilégio de visualização do que está em vias de ser (Passos; Benevides, 2009).

A ideia metodológica se define pelo conjunto heterogêneo de abordagens e que enfocam a subjetividade do trabalho, tomando a pesquisa enquanto trabalho de pesquisa, enfrentando os desafios reais através do manejo próprio das atividades de pesquisa, tornando o método em sim enquanto resultado de uma construção conjunta entre os participantes da pesquisa, incluídos em sua totalidade e destacando os processos em curso com prioridades na dimensão temporal.

Para tanto, requer uma reformulação e análise constante que vai viabilizando o desenvolvimento articulado de estratégias e investigações em curso.

Esta articulação que nos permite o método cartográfico nos leva a uma pesquisa que toma como objeto a própria atividade de pesquisa, onde a própria metodologia impõe-se a problematização enquanto atividade, desdobrando-se aí como objeto e como método. Neste sentido surge a dependência entre pesquisador e pesquisado na análise da atividade pois o campo de pesquisa resulta no pensamento dos modos de agir em situação, pois os encontros é que nos forçam pensar convocando a um novo plano de experimentação onde pensar, pesquisar e viver são indissociáveis e constituem o plano coletivo.

Assim, a pesquisa cartográfica comporta diversos princípios e diretrizes que caracterizam o patrimônio coletivo, formando-se por um conjunto de ações mobilizadas por um determinado problema, sedimentando e prolongando este patrimônio coletivo, incluindo o que deixou de ser feito e experimentado, precedendo a atividade de pesquisa em curso. Deste modo, toda atividade se verifica através dos múltiplos atravessamentos agenciados que se interconectam e demandam escolhas e decisões constituídas pelo movimento conexo entre o individual e coletivo.

Neste sentido, o pesquisador conduz uma conformação do campo linguístico que vai além dos procedimentos metodológicos e uma incessante invenção coletiva do plano referencial dispondo os elementos na produção de sentido dos modos de pesquisar, elaborando uma fonte de renovação e movimento, onde o pesquisador se submete à prova do real pois além dos processos metodológicos deve agir através das exigências da ação. O ato de pesquisar no campo não é um processo isolado pois a atividade da pesquisa surge da história singular e coletiva, como fonte permanente de diversos gêneros e variações que permitem a criação do dado, através do diálogo e da constituição de um ethos de pesquisa gerenciado pelo diálogo e pelo modo de pesquisar tendo em conta a experiência das irregularidades e imprevistos.

O exercício cartográfico surge de um exercício local e parcial efetivado pelas práticas em um processo contínuo de investigação, onde a atividade do cartógrafo surge como constituição de um gênero e de sua estilização na atividade da pesquisa, se formando e (re) formando seus sentidos, através de um contínuo de formação do gênero pesquisador.

## **11/05/2016 – SEGUNDO ENCONTRO – TOMANDO GOSTO PELA PESQUISA**

### **Segundo Encontro - Sentindo Parte do Plano Comum!!!! Começo a Entender a Cartografia e os Objetivos do Meu Trabalho!!!**

11/05/4/2016 – Dia do segundo encontro. Como os alunos estavam participando de um evento, após solicitar apoio à comissão organizadora deste evento – III Semana de Filosofia e História do IFTM, combinei com eles o horário de 10:30, pois neste horário, além de um breve intervalo, a palestra a seguir não seria tão importante, e por escolha dos mesmos decidimos pelo horário que não prejudicaria as palestras mais relevantes.... Conversei com o responsável pela Semana, professor Paulo Irineu, expliquei os objetivos deste encontro com o grupo e ponderei sobre os motivos de ausência dos alunos neste momento.

Tudo pronto e preparado, o encontro na praça em frente ao prédio principal, contou inclusive com a presença dos alunos nos preparativos. Ainda assim 4 alunos não compareceram, chegaram mais tarde. Aqui a preparação foi muito mais fácil. Preparei a câmera e os celulares para gravação, toalha posta com as guloseimas e quando eles chegaram, bem a vontade, tudo estava pronto e foram tranquilamente lidando com as situações.

Deixei bolo e pão de queijo à vontade, do mesmo modo como do primeiro encontro. O que percebi de mais interessante é que quando chegaram, se sentiram a vontade, não foi preciso informar para sentar, ou fazer as atividades. Todos foram naturalmente se sentando e servindo.

Primeiro logo questionaram qual seria o tema principal de nossa discussão, e relatei o objetivo proposto a este encontro, o uso do celular no processo de aprendizagem.

Começamos com a dinâmica do fósforo. Foi muito bom, pois além de lidar com o pouco tempo de queima do palito de fósforo aceso, também tínhamos de lidar com outros problemas, como o vento.

Na segunda rodada da dinâmica, a partir das perguntas feitas de um para outro, eles sentiram necessidade de intervir e comentar a resposta dos colegas. Sem impedimentos, tudo transcorreu normalmente.

O mais interessante é perceber a maturidade das conversas e comentários, e também as percepções que eles têm sobre o assunto, que vão de antemão ao que pensamos que eles pensam.

A partir destas percepções apontadas em cada encontro, terei muito o que pesquisar.

O grupo se sente bem à vontade, e ao final já me questionam a data do próximo encontro.

Agendamos para o dia 23/05 – terça-feira. Sugeriram que fizéssemos o encontro no horário do almoço, para termos mais tempo para conversar. Combinamos e trarei uma lasanha, arroz branco e batata palha... Agendamos para 11:40 h no auditório do IFTM. Eles se prontificaram a ajudar e trazer refrigerante.

Ao final das discussões surgiu uma ideia para ser desenvolvida.

A partir da pergunta sobre o que fazer para envolver os docentes e conversar sobre o assunto, para que a escola os escute, surgiu uma proposta a partir do seguinte questionamento levantado por eles: Será que a nossa percepção sobre o assunto é a mesma percepção de outros jovens? Como saber qual a percepção de outros estudantes de outras escolas? Como ocorre em outras escolas? Não podemos falar com os professores e a escola, se não sabemos se nossa opinião é coerente com a de outros jovens.

Então, surgiu a sugestão que façamos uma visita a uma outra escola, de preferência longe e municipal e que façamos uma roda de conversa com alunos mais novos, preferencialmente do 9º ano. Surgiu a ideia de uma escola diferente. Uma aluna sugeriu ser a escola municipal do distrito de Tapuira, onde mora. Estudou lá e se prontificou a verificar esta possibilidade, fazer um contato inicial, explicar a proposta e então passar o contato. Sugerir a escola municipal sobradinho, que fica dentro dos limites do IFTM. Ficamos nestas duas hipóteses e vamos discutir no próximo encontro. A ideia de tapuira é agendar uma data com a instituição, e sairmos do terminal central para o trabalho de campo, passando a manhã nesta instituição e depois retornando ao IFTM.

Independente do local, a ideia foi aprovada. Nesta terça feira do encontro voltamos aos detalhes deste encontro e dividiremos o trabalho do grupo para traçar este encontro.

Em seguida devermos marcar para em conjunto analisar os dados e percepções de cada um e encontrarmos os dados em comum. Como será que outra escola lida com a questão do celular em sala de aula?

Terminamos o encontro com a tarefa de pensar sobre o assunto para que possamos colocar a ideia em

prática e termos resultados através de um roteiro estruturado.

### ***Percepções importantes:***

Esta proposta partiu dos alunos, não houve sequer menção de minha parte. Eles se interessam em saber como outros jovens pensam a respeito, como as outras escolas lidam com o assunto, como outros professores percebem o uso do celular.

Quando a pergunta surgiu sobre a participação do celular no processo de aprendizagem muitos disseram que não, pois nenhum professor até aqui se interessou e sugerir a instalação de um aplicativo para algum conteúdo específico. Alguns pedem que se faça pesquisa online de datas, nomes, etc, outros permitem o uso para consulta de power point ou outros nas avaliações como forma de consulta mas nada além disso... ME perguntaram se eu conhecia aplicativos com este fim. Informei que sim, dei alguns exemplos que conhecia e eles então comentaram que o que parece em uma primeira análise é que o professor não tem interesse em utilizar esta ferramenta de aprendizagem.

Outro comentário que surgiu é que o uso do celular para redes sociais e outros fins ocorre quando a aula está chata, ou ainda quando percebem o despreparo ou desinteresse do professor em sala de aula. Em algumas aulas, o conteúdo e o modo como o professor trabalha é tão bom e interessante que ninguém na sala tem interesse em usar o celular, e quando isso ocorre, os próprios colegas chamam a atenção.

Mais uma vez frisaram o despreparo do professor não só para lidar com o celular mas com outras tecnologias como data show, dentre outros. Um exemplo citado: o professor usa a mesma aula em power point por vários anos. Todos da sala já tem a aula dos anos seguintes, pois uma turma passa para outra. O professor não muda nem as listas de exercícios. Parece existir um desinteresse por parte do professor em preparar uma boa aula e os alunos percebem claramente esta questão. Quando este desinteresse se torna evidente, o aluno se sente desmotivado, e busca outras atividades em sala de aula, uma delas o celular para jogos, redes sociais, etc.

Os alunos afirmaram que a escola os escuta mas não os ouve, não demonstra oportunidade de diálogo aberto, com tons de mudança.

## **14/05/2016 – LEITURAS E ESTUDOS**

### **Sete motivos para ligar o celular na sala de aula**

Susana Pérez de Pablos

Do El País, em Madri (Espanha)

24/02/2015 06h00

"Liguem os telefones celulares." Quando esta for a primeira frase que o professor disser a seus alunos ao entrar na classe, em vez de mandar que os desliguem, a mudança será real. No mundo atual, plenamente digitalizado, a entrada da tecnologia na educação não tem retorno. Muitos lembraram que o mesmo aconteceu há décadas com as calculadoras. Antes proibidas em classe, passaram a ser usadas para aprender. Depois que a criança já sabe somar, sua utilidade para resolver problemas mais complexos é evidente.

O mesmo acontece com a tecnologia existente hoje. Todos os suportes (celulares, tablets, notebooks...) são úteis para aprender, e não só na classe. O aprendizado tornou-se onipresente, e a classe perdeu seu protagonismo. Esta é uma das teses de especialistas internacionais que estarão sobre a mesa durante a 29ª Semana Monográfica da Educação da Fundação Santillana, que começa nesta terça-feira (24) em Madri, com o título "Melhorar a educação: como a tecnologia pode contribuir?". Para esquentar os motores, expomos aqui as principais razões que estão levando todo o mundo a usar todo tipo de suporte em aula:

#### **O celular é o prolongamento do braço**

O aluno leva toda a informação consigo, a movimenta, intercambia, compartilha em rede, fora e dentro da classe. Desta forma, aprende de maneira intuitiva, mesmo sem estar consciente disso. O celular é a chave para os estudantes. "Chegará um dia em que o professor dirá aos alunos no início da aula: 'Liguem os celulares', em vez de mandar desligá-los", explica o diretor de educação da Fundação Santillana, Mariano Jabonero. Há tempo já se dizia que o mouse do computador tinha se transformado no prolongamento do braço das novas gerações de crianças e jovens. Mas hoje seu celular o é ainda mais.

#### **Aplicativos contribuem na educação**

A classe não é mais o único lugar onde se aprende. O uso de aplicativos educacionais como complemento das disciplinas começa a ser uma realidade. E as iniciativas de empreendedores para criá-los são cada vez mais numerosas. O setor calcula que atualmente existam mais de 80 mil apps educativos. São gratuitos e ajudam a aumentar a motivação do aluno. Muitos professores e especialistas insistem em sua utilidade durante a aula. Os conteúdos vêm de fora da classe, na qual entram pela tecnologia através dos celulares e outros suportes.

#### **Professores também estão familiarizados**

O professor sabe usar a tecnologia como o aluno. "O tópico de que os alunos usam mais a tecnologia e estão mais familiarizados com ela do que os professores se rompeu", lembra Jabonero. Essa premissa, que era repetida incansavelmente há anos, não é mais verdadeira. Todo mundo usa a tecnologia em sua vida cotidiana e profissional, seja para enviar mensagens, navegar, jogar, ouvir música ou alguns, inclusive, para ensinar. Sem mencionar que muitos professores que hoje atuam na educação não universitária já pertencem a gerações que nasceram na era tecnológica.

#### **Recursos digitais já estão disponíveis**

A transformação da educação pela tecnologia tem três pés: os recursos digitais com os quais se dotam a classe e os alunos (desde as lousas digitais aos computadores), o acompanhamento do professorado e

um currículo digitalizado. E os recursos já não são a matéria pendente, ressaltam os especialistas. De fato, 85% dos centros secundários nos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômicos) já em 2012 estavam dotados de computadores de mesa; 41% de portáteis e 11% de tablets, segundo dados da organização. Os passos seguintes são ampliar o currículo digital, assim como o acompanhamento e o apoio do professorado no ensino com esses materiais.

### **Professores aprendem diretamente com especialistas**

Os professores não vão mais a cursinhos para aprender a usar a tecnologia. Não é esta a solução, está mais que comprovado. Hoje em dia o acompanhamento do docente é feito por especialistas em tecnologia nas próprias escolas, explica Jabonero. Eles recebem apoio em campo no uso de todas as ferramentas que integram o currículo digitalizado (que tem diversos recursos, como ilustrações animadas, vídeos, visitas virtuais, fóruns...). Muitos especialistas citam o caso do Uruguai como exemplo da importância desse apoio. O país informatizou todas as escolas, mas não dotou os professores de ferramentas para usar esses novos recursos. A conclusão foi que diminuíram os resultados dos alunos, segundo se viu nas notas que obtiveram na avaliação internacional do programa Pisa, da OCDE.

### **"Coordenador tec" supervisiona os sistemas nas escolas**

Nos últimos anos foi criada a figura do "coordenador tec" nos colégios, exatamente pela razão anterior: para facilitar sua boa utilização com o fim de que se traduza em um sistema melhor e mais eficaz de aprendizado para os alunos. Diversos colégios espanhóis já contam com eles. O coordenador tec é o responsável e supervisor do uso da tecnologia nas aulas. Faz o acompanhamento do professorado e de sua adaptação ao currículo do colégio.

### **Investimento geral em tecnologia é cada vez maior**

O gasto público em tecnologia cresce nos países mais avançados, apesar de diminuir o gasto em educação. Países como EUA ou Inglaterra seguiram essa linha em plena crise. Mas nem sempre o investimento em tecnologia para a educação se traduziu em uma melhora dos resultados dos alunos. De fato, alguns países que menos investem nela (como Finlândia, Japão ou Coreia do Sul) saem nos primeiros lugares das provas Pisa, assim como outros que, pelo contrário, investem muito nela (como Cingapura, Países Baixos ou Estônia).

Tradutor: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

Disponível em: < <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/32855/sete-motivos-para-ligar-o-celular-na-sala-de-aula/>>. Acesso em 14/06/2016

## **24/05/2016 – TERCEIRO ENCONTRO – SE DESCOBRINDO COMO PESQUISADORA CARTÓGRAFA**

### **Terceiro Encontro - Sentido a Seriedade do Trabalho. Um Ponto Difícil e Delicado de Ser Discutido.**

24/05/4/2016 – Terça-feira - Dia do Terceiro encontro. Este foi bem diferente, foi no horário do almoço. O cardápio? Lasanha, Arroz e Batata Palha, regado a suco e refrigerante.

Horário? 11:40 no auditório do IFTM.

Pouco antes do horário marcado, ao me deslocar ao auditório, os componentes do grupo “C.A.” se ofereceram para ajudar a arrumar o local. Com o almoço pronto e quentinho, logo colocamos a mesa, acertamos a câmera filmadora e começamos a almoçar. Foi delicioso, como sempre preparado com imenso carinho. E sei que o sentimento foi recíproco, primeiro porque não sobrou nada, nada mesmo.... E segundo, fora os elogios, pude perceber no rosto de cada um a satisfação do encontro. Muitos falaram como os encontros têm despertado o interesse pelo diálogo. Esta semana, percebi que alguns alunos que participam deste grupo estão tendo grandes problemas disciplinares, em especial os alunos do primeiro ano do curso Integrado em Manutenção e Suporte à Informática. Mas para minha surpresa, o coordenador do curso, junto com a pedagoga que acompanha este curso, elogiaram o comprometimento destes alunos neste grupo e entendem que esta é uma oportunidade de acolher estes alunos de forma calorosa, e ressaltaram isso com os próprios alunos, da oportunidade que estão tendo e como este grupo pode auxiliá-los nos problemas disciplinares. E percebi na forma como conversaram durante o almoço o quanto realmente o grupo tem sido um diferencial em suas vidas.

Enquanto o almoço acontecia, fomos conversando sobre a ideia de irmos a uma instituição de ensino fora do instituto e a ideia foi tomando corpo.

Eles pensaram em desenvolver o trabalho em roda de conversa, com no máximo 10 alunos de uma turma ou mais, mas entende que deveríamos identificar mais de uma instituição. Ficou assim definido: Colégio GABARITO (instituição particular), ESEBA (outra instituição pública) e uma escola municipal (Tapuirama ou sobradinho ou escola do bairro Pacaembu).

Primeiro passo: Trabalho dividido em 3 etapas: criar uma entrevista para o diretor. Ficaram responsáveis 4 alunos do grupo. Esta entrevista vai ser realizada por um aluno, aquele que levou o nome da escola para escolha, pois é a escola onde ele estudou. Nesta entrevista, definiremos quantos alunos e se a escola é o local apropriado para a pesquisa.

Segundo passo: Entrevista com o professor da turma ou das turmas dos alunos escolhidos. Nesta etapa o professor irá definir quem serão os alunos que participarão da roda de conversa. Ficaram 5 alunos responsáveis por definir o questionário

Terceiro passo: Roda de conversa com os alunos. Grupo responsável – demais alunos do grupo. Pensar na estrutura e roteiro, bem como em uma dinâmica a ser aplicada ao grupo.

As propostas serão discutidas no próximo encontro que ficou marcado para o dia 08/06/2016 – Quarta-feira às 11:40 – Gostamos das possibilidades de conversa que o horário de almoço trouxe.

Depois do almoço, sentamos em roda, e trouxe chocolate bis. Enquanto comiam, passei a ensinar a brincadeira “escravos de Jó”. Muitos haviam ouvido falar mas nenhum deles tinha “brincado”. Adoraram!!! Treinamos umas 3 vezes e a partir daí passou a valer.

Cada vez que um aluno “errava”, tirava um papel da sacolinha surpresa. Podia ler o que estava escrito, comentar, fazer uma pergunta, passar para outro colega comentar.

O interessante é que eles não passavam para frente, liam e comentavam.

Daqui surgiram importantes contribuições para o tema de nosso encontro: Quais são os saberes necessários aos professores para a inclusão de novas mídias na educação.

Por fim, entreguei a todos uma cópia do artigo e do texto “10 dicas e 13 motivos para usar o celular na aula” que fora sugerido por um dos integrantes durante a semana, e repassado a todos pelo WhatsApp.

***Percepções importantes:***

- ✓ Como se dá a formação dos professores para a condução destes saberes? Existe uma formação inicial ou continuada para os professores?
- ✓ Como a instituição pode ‘cobrar’ saberes dos professores, se a escolha dos professores é feita por um processo seletivo de profissionais das mais diversas áreas mas de profissionais que se tornam professores sem saber o que é ser professor?
- ✓ Os nativos digitais existem e a sociedade não está sabendo lidar com eles.
- ✓ Fica evidente que existe um imenso abismo entre a maioria dos professores e os alunos. Abismo de geração, abismo cultural e educacional. Como resolver esta questão?
- ✓ Alguns professores mais novos (em idade) buscam, mas muitas vezes acabam se acomodando ou ficando na parte que lhe é mais fácil. Não se esforça para atingir o “algo mais”.
- ✓ Como podemos cobrar que este professor saiba como lidar com o uso do celular na sala de aula?
- ✓ As aulas são enfadonhas, iguais, o professor não tenta melhorar, modificar a sua aula, e o aluno cada vez mais quer aulas criativas.... Como resolver este problema?
- ✓ Muitos professores são professores por causa do salário federal. E aí, como fica a profissão de ensinar ao outro?
- ✓ A tecnologia já se mostrou incapaz de substituir o homem, mas em algumas aulas dá vontade que isso ocorra.
- ✓ Daí, como incluir a tecnologia em sala de aula? Pergunta importante e que todos concordaram ser muito relevante.
- ✓ A tecnologia faz parte de nossas vidas e não há retorno para isso.
- ✓ As mídias devem ser vistas como aliadas e não como rival da sala de aula e do professor.
- ✓ Existe uma diferença entre informação e conhecimento.

09/06/2016 – LEITURAS E ESTUDOS

## Celular em sala de aula: proibir ou não?

07/04/2015 às 16:29 | [Celular](#), [Tablet](#)

*Projeto de lei prevê proibição em escolas de todo país. Veja referências para refletir sobre o assunto*



Uma proposta de lei em análise na Câmara dos Deputados reacendeu a discussão sobre o uso de celular em sala de aula. O **PL 104/15** proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis, como celulares e tablets, nas salas de aula da Educação Básica e Superior de todo o país.

A justificativa do projeto diz que “para preservar a essência do ambiente pedagógico” cabe a proibição de todos os equipamentos que “desviam a atenção do aluno do trabalho didático desenvolvido pelo professor”. (Para ler [a íntegra do projeto de lei, clique aqui](#).)

A lei também estabelece que aparelhos só serão permitidos em sala de aula se fizerem parte das atividades didático-pedagógicas e forem autorizados pelos professores. De qualquer maneira, professores discutem se a proibição é a melhor maneira de tratar do assunto em sala de aula e se a lei não vai na contramão das discussões sobre uso da tecnologia para aprendizagem e sobre a necessidade de formação dos professores nesta área.

**Veja alguns materiais interessantes para refletir sobre a questão:**

**1) Coluna: “É preciso ensinar os alunos a usar a tecnologia com consciência”**

“A escola que se empenha em inquietar o jovem, confrontando-o com questionamentos e conteúdos que o ajudam a entender o mundo em que vive, não deve temer a tecnologia, mas problematizá-la.”

A especialista em Psicologia da Educação Catarina Iavelberg faz uma reflexão sobre como a escola deve lidar com o uso da tecnologia. Leia a coluna Nosso Aluno, da revista **GESTÃO ESCOLAR**.

**Acesse:** <http://gestaoescolar.abril.com.br/formacao/preciso-ensinar-alunos-usar-tecnologia-consciencia-615029.shtml>

## **2) Publicação: “Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel”**

“Pela primeira vez na história, o número de aparelhos móveis com internet – sendo a grande maioria telefones celulares – irá superar a população mundial. Entretanto, apesar da sua onipresença e dos tipos especiais de aprendizagem que elas podem apoiar, com frequência essas tecnologias são proibidas ou ignoradas nos sistemas formais de educação. Isso representa uma oportunidade perdida.”

Neste documento, a UNESCO elenca os benefícios da aprendizagem móvel, como assegurar o uso produtivo do tempo em sala de aula, criar novas comunidades de estudantes e auxiliar estudantes com necessidades educacionais especiais, entre outros. A organização também descreve diretrizes para criação de políticas para o tema, que envolvem principalmente o apoio e a formação de professores, além da melhoria da infraestrutura para conectividade.

### **Acesse o documento na**

**íntegra:** <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>

## **3) Matéria: “Sete motivos para ligar o celular na sala de aula”**

“”Liguem os telefones celulares.” Quando esta for a primeira frase que o professor disser a seus alunos ao entrar na classe, em vez de mandar que os desliguem, a mudança será real. No mundo atual, plenamente digitalizado, a entrada da tecnologia na educação não tem retorno.” A jornalista espanhola especializada em Educação Susana Pérez de Pablos listou em matéria do El País as razões para explorar o celular em sala de aula.

**Leia a tradução disponível no site UOL:** <http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/02/24/sete-motivos-para-ligar-o-celular-na-sala-de-aula.htm>

## **4) Plano de aula: “Combinado para o uso do celular durante a aula”**

Com esta sequência didática, você levará os alunos a discutirem sobre o uso do celular em sala de aula, elaborarem uma assembleia para criar regras coletivamente e ainda refletirem sobre normas e procedimentos.

**Acesse:** <http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/combinado-para-o-uso-do-celular-durante-aula>

**Você concorda com o projeto de lei? Como a sua escola lida com o uso de celulares? E na sua aula, como é? Deixe seu comentário abaixo!**

**TAGS:** [lei](#), [proibição](#), [referências](#)

Disponível em: < <http://acervo.novaescola.org.br/blogs/tecnologia-educacao/2015/04/07/celular-em-sala-de-aula/>>. Acesso em 09/06/2016.

## **15/06/2016 – QUARTO ENCONTRO – O GRUPO SE ENCONTRANDO NA PESQUISA**

### **Quarto Encontro - Um pouco de ansiedade que é equilibrada pela alegria de mais um momento!**

15/06/2016 – Quarta-feira – E o quarto encontro aconteceu. Posso perceber a cada instante que o grupo amadurece, cresce com as ideias que vão surgindo. O mais importante é que o grupo se reúne mesmo entre os desencontros. E de forma espontânea, sem razões prévias agendadas. As ideias surgem, e com estas, surge a vontade de conversar, de encontrar!!!!

Horário: 11:40 no auditório do IFTM regado a muito cachorro quente com tudo que tem direito, suco, refrigerante, e bis para acompanhar.

Como sempre, o grupo muito solidário foi surgindo, e todos se reuniram naturalmente, ajeitando o almoço. Neste ínterim, surgiu o assunto levantado no dia anterior por todos. Como fazer para contemplar atividades e realizar nossa vontade de ter outras opiniões sobre o assunto.

No dia anterior, fui procurada pelos alunos com este anseio, como realizar a pesquisa com outros públicos, em outras escolas com o pouco tempo que temos? Eles me levaram um questionário, e depois algumas discussões, fechamos as questões de acordo com o que queriam fazer, pois a ideia é que os grupos possam ir nas escolas onde cada um estudou, e lá conversar com o diretor da escola, um professor e pelo menos um aluno. O questionário será o mesmo para todos de forma a podermos pensar as respostas dadas e podermos ter um denominador comum. Com isso, eles propuseram realizar as entrevistas até o dia 27/06. A partir desta data, iremos sentar nos intervalos de cada um e fazer a transcrição das entrevistas que serão gravadas. Nossa pretensão é no encontro do dia 29/06 já levar alguns dados e em 06/07 fecharmos os dados para que, nas férias, pelo whatsapp e e-mail possamos montar uma apresentação em Power point para a reunião de professores que irá acontecer em 26/07 quando do retorno às aulas. Mesmo com o tempo apertado, o grupo sente que não pode deixar para uma próxima oportunidade. O assunto está em debate nas aulas, nas reuniões, e ninguém está sabendo lidar com a questão. Eles sentem que à medida em que o tempo for passando, menos poderão contribuir para encontrarmos juntos melhores caminhos.

Assim, neste encontro, acertamos estes dados, e caso vejam a necessidade podemos marcar um encontro durante as férias para terminarmos os detalhes de como iremos fazer.

Isso tudo foi conversado enquanto almoço era servido por cada um.

A afetividade e os sentimentos bons que permeiam o almoço são tão calorosos. E o mais interessante que eles falam isso, não só pela comida muito gostosa, e que é preparada por mim com todo carinho, mas pela presença de todos, os alunos ficam tristes quando têm de faltar ao encontro, e também pelo carinho, enfim, todo o comprometimento.

Após o almoço, nos sentamos ao redor da mesa para comer Bis de sobremesa. Enfim, foi percepção de todos o quanto foi importante o texto que foi discutido no WhatsApp na última semana. Todos leram e comentaram sobre o posicionamento da Unesco sobre o assunto do celular (10 dicas e 13 motivos para usar o celular na aula).

O comentário geral é que o Brasil ainda está muito defasado com relação ao uso do celular.

Um dos alunos apontou que, aqui é o país em que mais se produz celular, e que nos outros países, o consumidor ganha o aparelho celular, na medida em que assina planos mais sofisticados. E que os celulares são trocados anualmente. Aqui no Brasil, como os aparelhos são vendidos e por preços muito altos, o nosso país se tornou o maior fabricante de celulares de grandes marcas. Só perde em produção para a China.

Então passamos a leitura do outro texto sugerido também durante a semana: Sete motivos para ligar o celular na sala de aula.

Neste texto, o que muito comentaram foi o fato de que assim como o celular, conforme aponta o autor, o uso da calculadora em sala de aula também gerou polêmica. Aqui apresentei a eles outros exemplos que eu vivenciei, como por exemplo, na década de 80, quando surgiu o vídeo cassete, muito se falava do fim do cinema, com o surgimento do cinema em casa. Eles também relataram das polêmicas acerca da internet, que entre idas e vindas ainda rondam o nosso cotidiano. Relembrei com eles a época em que o acesso era discado, e contei casos de quando surgiu a internet, além do preço alto nas contas telefônicas, a dificuldade de se navegar em uma página. Eu mesma já passei noites em claro tentando acessar uma página comum.

Após a leitura do texto ficou combinado que teremos mais 3 encontros: 22/06 , 29/06 e 06/07 todos na quarta-feira em horário de almoço, para que possamos nestes encontros direcionar. Eles pediram que eu passe antecipadamente o texto para eles por e-mail, e que nossos encontros sejam mais direcionados sobre o avanço dos trabalhos, as dúvidas quanto às entrevistas e comentários sobre os textos. Ficou acertado que a partir desta terça-feira 21/06 já iniciaremos as entrevistas nas escolas. Os agendamentos serão feitos de acordo com a disponibilidade deles e da escola, e eu irei adaptar meus horários a esta disponibilidade.

Depois deste debate fizemos um treinamento para condução das entrevistas, passei para eles alguns aspectos importantes sobre como realizar uma entrevista. Aproveitamos também para ouvir a opinião dos colegas sobre o assunto. Fizemos 3 oficinas, onde um aluno agiu como se fosse o diretor, outro o professor e outro o aluno.

O próximo encontro será na quarta, 22/06.

#### ***Percepções importantes:***

- As percepções foram bem colocadas acima e merecem pesquisa, sobre a produção de celulares no Brasil, e como este se encontra neste Ranking.
- Quando pensamos no objetivo do encontro: Como utilizar os benefícios oferecidos pelos celulares para o processo de aprendizagem, pensamos, será que o Brasil está preparado para isso?
- Nossa escola ainda não vê o celular desta forma, vê apenas como uma ferramenta pedagógica similar ao data show e outros. Mas será que ele pode fazer diferença no processo?
- Não estamos utilizando os benefícios que esta ferramenta pode trazer para o processo de aprendizagem.
- Porque o professor já não pensou no IFTM em utilizar as ferramentas que existem e plataformas para celular? Será que o fato de que cada um possui um aparelho diferente interfere? Como se processaria esta metodologia? Será que funcionaria em duplas, por exemplo?

## 24/06/2016 – LEITURAS E ESTUDOS

*Fonte: <http://porvir.org/10-dicas-13-motivos-para-usar-celular-na-aula/>*

*Acesso em 07/05/2016 – 11:50h.*

### **10 dicas e 13 motivos para usar celular na aula**

#### **Unesco lança guia com recomendações políticas a governos interessados em incluir tecnologias móveis na escola**

*Por Patrícia Gomes  25 de fevereiro de 2013*

Apesar de ainda haver alguma resistência aqui ou ali, os governos de todo o mundo estão cada vez mais atentos sobre a necessidade de se colocar as tecnologias móveis, como celulares e tablets, a serviço da educação. Mas como só vontade não garante bons resultados, a Unesco publicou um [guia](#) com 10 recomendações políticas em que tenta ajudar governos a implantarem esses recursos nas salas de aula. E aos que ainda não estão 100% convencidos dos benefícios de um uso integrado da tecnologia com os objetivos pedagógicos, o guia, apresentado em Paris na semana passada durante a Mobile Learning Week, traz ainda 13 bons motivos para ter esse aliado na educação.

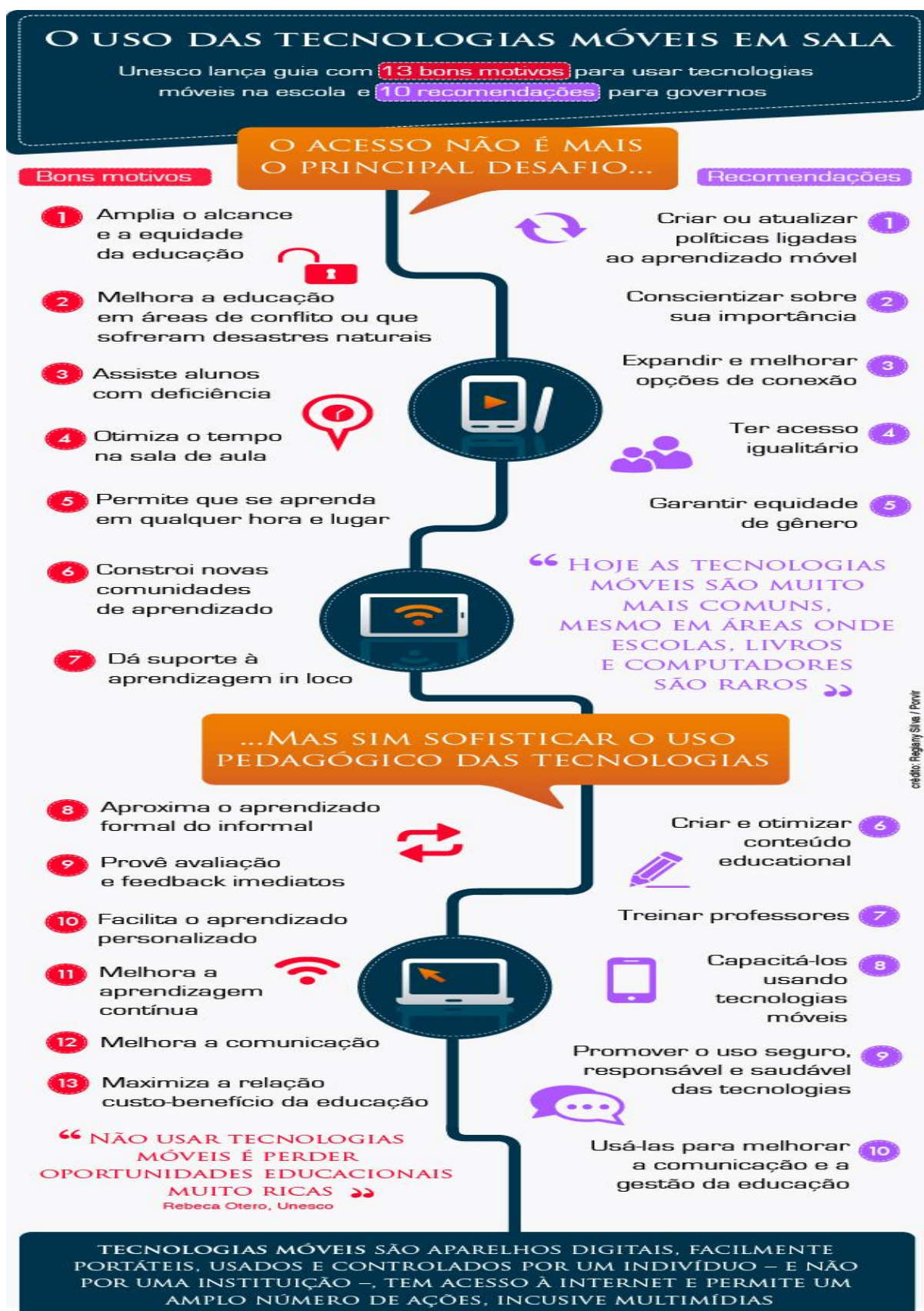
“Cada país está em um nível diferente no uso das tecnologias móveis em sala de aula. Por isso, é importante que cada um use o guia adaptado às suas necessidades locais”, diz Steve Vosloo, coordenador do projeto. O especialista conta que a ideia de lançar essas recomendações surgiu a partir da constatação de que, mesmo considerando o uso das tecnologias em sala de aula algo pedagogicamente importante, muitos governos não sabiam por onde começar. A questão do acesso já havia sido mais ou menos resolvida; o problema agora era dar significado a esse uso. Especialistas da Unesco espalhados pelo mundo começaram a elaborar um guia com orientações que servissem a qualquer governo, independentemente do grau de maturidade que o país estivesse nesse debate.

Até por isso, o documento começa com uma orientação que parece simples: ter políticas que incentivem o uso das tecnologias móveis em sala de aula. Isso pode querer dizer tanto criar políticas da estaca zero ou ainda atualizar políticas que foram criadas no momento em que as tecnologias móveis ainda não eram tão acessíveis. “As diretrizes políticas relacionadas ao aprendizado móvel que forem criadas devem estar em harmonia com as que já existirem no campo das TIC”, afirma a Unesco no documento.

Na sequência, o guia traz à luz a necessidade de se treinar professores e de fazer isso com o uso de tecnologias móveis, para que eles também se apropriem dessas ferramentas na vida deles. “No Brasil, os professores têm certa resistência em incorporar novas tecnologias. A sala de aula ainda é o lugar de desligar o celular”, afirma Rebeca Otero, coordenadora de Educação da Unesco no Brasil, que avalia que parte disso se deve ao fato de o professor ainda não estar completamente familiarizado com essas ferramentas. “Isso faz com que muitas oportunidades educacionais se percam, especialmente no ensino médio, época em que o aluno já está ligado e nas redes”, completa ela.

Outras recomendações presentes no documento dizem respeito à criação de conteúdo adequado e à promoção do uso seguro e saudável das tecnologias. Com essas orientações, acredita a Unesco, os governos estarão mais próximos de usufruir dos benefícios do aprendizado móvel, dentre eles ampliar o alcance e a equidade da educação e facilitar o aprendizado personalizado.

Confira, a seguir, um infográfico com as 10 recomendações e os 13 bons motivos para se usar tecnologias móveis em sala de aula.



## **22/06/16 - QUINTO ENCONTRO - FINALIZANDO OS ESTUDOS SOBRE O ASSUNTO**

22/06/2016 – Quarta-feira – Chegamos ao quinto encontro. Quinto objetivo a ser pensado, discutido, questionado.

Acho interessante pois os alunos compraram a ideia, abraçaram o propósito do grupo. E levam com interesse e seriedade os encontros, apesar das gostosuras do momento.

Como definido por eles mesmos, no final do quarto encontro, nosso encontro foi mais objetivo. Enviei por e-mail dois textos: Nativos Digitais e Recurso ou Distração. E em seguida, foram várias as sugestões de textos enviados por email por todos.

Pude perceber que eles leram ou pelo menos se interessaram sobre o assunto, e com isso foram pontuando alguns aspectos que já foram percebidos durante as entrevistas com pessoas de outras instituições.

Neste encontro, marcamos o último encontro no dia 06 ou 07 de julho para finalizarmos os trabalhos.

Não tem como não apontar a responsabilidade de ter despertado nestes alunos o gosto pela discussão, mas de uma outra perspectiva, da percepção deles próprios sobre o assunto. Tudo sendo resolvido naturalmente, sem pressões mas com uma maturidade que não se percebe no cotidiano. Fico me perguntando o porque, já que o processo educacional ocorre ali também, com algumas percepções que eles mesmos não param para pensar. Talvez esse seja um tópico para um próximo estudo.....

Horário: 11:40 no auditório do IFTM cardápio galinhada, suco, refrigerante, e bis para acompanhar.

Como sempre, o grupo muito solidário foi surgindo, e todos se reuniram naturalmente, ajeitando o almoço.

Durante o almoço foram apontando algumas considerações que acharam importante durante as entrevistas, a primeira delas foi a receptividade do nome IFTM em outras instituições, sejam públicas ou particulares.

Definimos que em virtude do acompanhamento para as entrevistas e a falta de tempo hábil, cada grupo irá me procurar separadamente durante a semana para definirmos a forma de transcrição das entrevistas.

Assim, no próximo encontro, cada grupo ou cada aluno irá levar o que tirou de principal durante as entrevistas, seja por escrito ou relato mesmo.

Assim iremos definir neste encontro uma pessoa responsável por compilar os dados e gerar o Power point e o que colocaremos nesta apresentação.

Além disso, através de conversa, definimos que o ponto de partida do grupo será a criação de um blog. Ficou sob minha responsabilidade filtrar o que será colocado no blog e o lançamento deste será no dia da reunião pedagógica e portanto o endereço do blog deve constar da apresentação.

Apesar de todas estas definições o uso do celular surgiu como assunto importante. Falaram que gostaram muito dos textos, em especial o que fala do celular como recurso. Aqui mais uma vez foi colocado que até mesmo o professor se confunde em quando o celular é utilizado como recurso ou como distração na sala de aula, e o posicionamento da escola é fundamental para este processo.

Um dos aspectos apontados é que uma das escolas visitadas adota a seguinte postura. O aluno quando entra na escola, deixa o celular em uma caixa, com o seu nome em um compartimento e o aluno só retira o aparelho quando deixa a escola. Então pergunta-se para que levar o celular?

Qual o propósito se não pode utilizar o celular nem nos intervalos e ainda correr riscos de ter seu celular perdido? Será que esta postura da escola atende os alunos ou é só para atender à legislação estadual vigente, como informou o próprio diretor da instituição.

## **29/06/2016 – SEXTO ENCONTRO – CAMINHANDO PARA OS ULTIMOS MOMENTOS**

✓ **Objetivo:** Trabalhando com os dados coletados.

- Local – Anfiteatro - almoço: sanduíche e bolo de chocolate.
- Data: 07/07 – Quinta - feira –11:30 - Almoço
- Primeiro momento: Cada grupo, dupla ou indivíduo terá dez minutos para fazer o relato de suas experiências e dúvidas nas entrevistas, colocando um ponto principal que acha mais relevante das mesmas.
- A partir daí o grupo discute os aspectos mais relevantes que são anotados para que pensemos nas intervenções a serem apresentadas.
- Próximo encontro: 08/07

## **08/07/2016 – SETIMO ENCONTRO – ENTRE ENCONTROS E DESPEDIDAS**

✓ **Objetivo:** Trabalhando com os dados coletados.

- Local – Anfiteatro - almoço: sanduíche e bolo de chocolate.
- Data: 08/07 – Sexta - feira –11:30 - Almoço
- Primeiro momento: Cada grupo, dupla ou indivíduo terá dez minutos para fazer o relato de suas experiências e dúvidas nas entrevistas, colocando um ponto principal que acha mais relevante das mesmas.
- A partir daí o grupo discute os aspectos mais relevantes que são anotados para que pensemos nas intervenções a serem apresentadas.
- Próximo e último encontro: 11/07

## **11/07/2016 – OITAVO ENCONTRO – O QUE QUEREMOS? O QUE DESCOBRIMOS?**

✓ **Objetivo:** Finalizando os trabalhos desta etapa.

- Local – Anfiteatro - almoço: sanduíche e bolo de chocolate.
- Data: 07/07 – Quinta - feira –11:30 - Almoço
- Primeiro momento: Cada grupo, dupla ou indivíduo terá dez minutos para fazer o relato de suas experiências nas entrevistas, colocando um ponto principal que acha mais relevante das mesmas.
- Segundo momento: montar um calendário com metas a serem cumpridas.
- 1) data limite para envio de percepções: 15/07/2016
- 2) definir o responsável pela compilação dos dados e montagem da apresentação (alguém que goste de trabalhar com Power point.

- 3) definir objetivos do power point e seu conteúdo (isso tem de ser definido para nortear o trabalho do responsável).
- 4) data para envio do Power point para todos: 20/07/2016.
- 5) data limite para sugestões: 23/07/2016.
- 6) data para envio completo: 25/07/2016.
- 7) definir quem poderá estar presente na reunião para apresentar a proposta.
- Sugestões: - Quem Somos?
- O que discutimos?
- O que descobrimos com nossos encontros?
- O que queremos com o que descobrimos? (continuar discutindo e aqui apresentar o endereço do blog e a ideia de um encontro presencial a ser definido pelos participantes – mensal ou bimestral).

## **12/07/2016 – LEITURAS E RELEITURAS**

### **EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO**

Para compreendermos o conceito de sociedade faz-se necessário que percebamos o homem como um ser extremamente social, político e racional. Observamos, ao longo dos anos e através de vários estudos, que o ser humano sempre foi acompanhado pelo conhecimento ou pela busca do mesmo, seja este abstrato ou concreto, e, é por meio deste conhecimento que chegamos à nossa racionalidade. Mas o que vem a ser o conhecimento? De acordo com Aranha (1998, p. 40):

O conhecimento pode designar o ato de conhecer, enquanto relação que se estabelece entre a consciência que conhece e o mundo conhecido. Mas, o conhecimento também se refere ao produto, ao resultado do conteúdo desse ato, ou seja, o saber adquirido e acumulado pelo homem. Na verdade, ninguém inicia o ato de conhecer de uma forma virgem, pois esse ato é simultâneo à transmissão pela educação dos conhecimentos acumulados em uma determinada cultura.

Percebe-se com isto, que para conhecer é necessário que tenhamos uma base inicial, esta pode ser adquirida por meio do mito do senso comum e chegar à condição de conhecimento científico através das reflexões e pensamentos. O conhecimento parte da intuição, das experiências vividas. Sócrates no século IV representava o conhecimento através da maiêutica socrática, que consistia na busca da verdade no interior do indivíduo e o levava a partir daí a ter uma nova opinião sobre o assunto levantado.

Neste sentido, o conhecimento ocorre de forma concreta ou abstrata. É concreto quando se estabelece uma relação individual e é abstrato quando se estabelece uma relação ampla. Desta forma, se o conhecimento abstrato nos ajuda a organizar e compreender inúmeros tipos de acontecimentos, ele nos afasta da realidade concreta. E é por isso que o conhecimento se forma nas idas e vindas estabelecendo uma relação de sentido entre si.

Vivemos a era da automação dos processos de informação, a tecnologia deixou de ser vista como um diferencial no processo de obtenção do conhecimento e passou a fazer parte desta transformação. Mas será que essa aquisição está sendo utilizada de modo a estimular o saber crítico, o saber concreto? Ou estamos condicionando toda uma geração a serem meros repetidores de informações vagas, saberes abstratos, sem que a levemos a construir reflexões acerca da "enxurrada" a que somos expostos diariamente?

Estamos diante de uma nova sociedade. A sociedade do egocentrismo, onde o "eu" tem mais valia que o "nós", que o "outro". Precisamos, assim, difundir essa consciência de que existe uma real necessidade de exercitarmos a maiêutica socrática, da necessidade de nos aperfeiçoarmos mediante essa realidade e construirmos de forma significativa saberes críticos, fundamentados em um conhecimento concreto desse novo modelo social.

A era da globalização nos deixa diante dessa realidade conflitante, o modelo econômico existente – neoliberalismo – defende a absoluta liberdade de mercado e restrições às intervenções estatais sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e, ainda assim, num grau mínimo. Sob este prisma, o Estado é o mediador e o mercado o regulador da dinâmica social. De acordo com Azevedo (1997, p.12):

[...] defensores do Estado Mínimo, os neoliberais creditam ao mercado a capacidade de regulação do capital e do trabalho e consideram as políticas públicas as principais responsáveis pela crise que perpassa as sociedades [...] Os programas e as várias formas de proteção destinados aos trabalhadores, aos excluídos do mercado e aos pobres são vistos pelos neoliberais como fatores que tendem a tolher a livre iniciativa e a individualidade, acabando por desestimular a competitividade e infringir a própria ética do trabalho.

Assim, é possível perceber como o mercado capitalista/neoliberalista gera cada vez mais uma sociedade de excluídos, uma sociedade onde quem tem vez é aquele que tem condições de estar sempre se reciclando e acompanhando as novas tendências econômicas e as inovações das tecnologias advindas das necessidades impostas pela globalização.

Com relação à exclusão social no plano sócio-econômico, o ajustamento de nossas sociedades à globalização significa a exclusão de dois terços da humanidade dos direitos básicos de sobrevivência, emprego, saúde, educação. No plano cultural e ético-político, a ideologia neoliberal prega o individualismo e a naturalização da exclusão social, considerando-se esta como sacrifício inevitável no processo de modernização e globalização da sociedade. No plano educacional, a educação deixa de ser um direito e transforma-se serviço, em mercadoria, ao mesmo tempo em que se acentua o dualismo educacional: diferentes qualidades de educação para ricos e pobres (Libâneo *apud* FRIGOTTO, 2004, p. 39):

É importante destacar que na era da globalização um dos grandes desafios da sociedade atual é ter um sistema educacional que promova e viabilize a formação de indivíduos preparados para essa realidade, com níveis de aprendizado compatíveis com a necessidade social existente.

Vemos por exemplo, que a educação profissionalizante, aquela que prepara o indivíduo para o mercado de trabalho, está cada vez mais presente no cotidiano atual. Isto ocorre devido à necessidade frenética desta sociedade que exige profissionais qualificados para compor este mercado.

Por esta razão, a educação passa a ser vista como o maior recurso de que dispomos para enfrentar o contexto social no qual os indivíduos se encontram e do qual depende todo o processo econômico e social existente. Isto não acontecerá por outras vias que não seja a educação, pois, conforme afirma Gadotti e Romão (1992, p. 43) "[...] o nosso *apartheid* social não será superado apenas com uma melhor distribuição de renda e com a solidariedade das classes médias. Será preciso preparar os jovens para o trabalho." No entanto, mesmo cientes desta necessidade, devido à falta de políticas públicas eficazes, estamos diante de um quadro educacional bastante caótico, com níveis de repetência e evasão escolar altíssimos. Na realidade, o que encontramos é um mercado que precisa de material humano especializado e, no entanto, não dispõe de mão de obra qualificada para atendê-lo. Pois, os profissionais que hoje conseguimos formar deixam o país para ir em busca de melhores oportunidades, condições de formação educacional, pessoal e profissional fora do seu país de origem. Muitos são convidados a trabalhar em multinacionais que lhes oferece suporte profissional, educacional e financeiro para manter tanto os profissionais quanto a estrutura familiar e pessoal, afastando-os cada vez mais do mercado nacional.

Mas, para que tais situações possam ser sanadas faz-se necessária a elaboração de políticas públicas eficientes para manter esses jovens no mercado de trabalho brasileiro. O Estado precisa buscar mecanismos de qualificação junto às grandes empresas para prover os profissionais em

formação e lhes dar condições de atuar como pesquisadores. Afinal, estamos na era da informação e as novas tecnologias batem à nossa porta, seja através de um panfleto, um anúncio, uma propaganda, seja através da televisão, rádio, celular ou internet. Mas que tipo de informação chega até nós? Como selecionar criteriosamente o que devemos trabalhar com a criança, diante dessa avalanche de informações?

De acordo com os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais (1984, p. 137):

[...] multiplicaram-se os instrumentos de comunicação e é enorme a quantidade de informação disponível, mas a capacidade de assimilação humana continua a mesma, tanto do ponto de vista físico como psicológico. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que informação em quantidade não quer dizer informação de qualidade. Em torno das sofisticadas tecnologias circula todo tipo de informação, atendendo a finalidades, interesses, funções bastante diferenciadas.

Ou seja, estamos criando uma sociedade condicionada a aceitar fórmulas prontas sem questioná-las. De certa forma, isto ocorre porque o ser humano não tem o hábito de ler. Neste sentido, faz-se necessário que o professor seja o mediador da construção desse conhecimento, levando os alunos a olhar a vida de maneira criteriosa, valorizando cada uma de suas conquistas.

Os PCN's (1984, p. 137) ainda afirmam que [...] O domínio da tecnologia só faz sentido quando se torna parte do contexto das relações entre homem e sociedade. Assim, ela representa formas de manutenção e de transformação das relações sociais, políticas e econômicas, acentuando a barreira entre os que podem e os que não podem ter acesso a ela.

Há algumas décadas, teríamos que aguardar dias e/ou até mesmo semanas para receber notícias que atualmente são enviadas apenas com o teclar de um botão. O mundo globalizado nos apresenta diariamente fatos importantes que se tornam banais devido à velocidade com que as mudanças e as informações ocorrem. A Internet, grande rede de computadores, nos mantém conectados com uma diversidade de informações que seriam inimagináveis.

Mas, o que deveria ser uma forma de aprendizagem real tornou-se, como vemos, a banalização da informação, onde fatos que deveriam ser trabalhados e discutidos tornam-se cotidianos e aparentemente normais. Isto nos permite perceber que é neste ponto que os profissionais da educação devem atuar com mais afinco levando essa geração a pensar, refletir sobre os fatos e extrair deles o que há de verdadeiro nessa relação de conhecimento de mundo e partilhado.

Não obstante, faz-se necessário ressaltar que os pontos de suma importância da educação objetivam, segundo Oliveira (2004, p. 214), "[...] a transmissão da cultura, a adaptação dos indivíduos à sociedade, o desenvolvimento de suas potencialidades e, como consequência, o desenvolvimento da personalidade e da própria sociedade."

Desta forma, é possível perceber o sentido amplo no qual a educação está inserida e quais são as responsabilidades e o compromisso que todos os educadores – sejam eles pais ou professores – devem assumir, pois eles possuem em suas mãos o futuro de uma sociedade que pode se tornar mais humana. A chave para a mudança da atual realidade sócio-cultural está na educação e, somente por meio dela, podemos construir uma sociedade com indivíduos conscientes de seus deveres e direitos de cidadania plena.

Para que se possa obter êxito é imprescindível que a escola leve alunos e professores a uma integração com o universo científico e tecnológico tanto na sala de aula como fora dela, isto porque as informações advindas das tecnologias são tão variadas como: religião, sexo, drogas, violência, cultura, política, economia, fatos nacionais e internacionais. Por esta razão, é de suma importância que esses assuntos sejam abordados com mais seriedade no contexto escolar. Afinal, tais informações saem do contexto abstrato para o concreto e passam a fazer parte da realidade existente e não apenas de mais uma informação sem caráter criterioso. Entretanto, para que isto se concretize é necessário que os educadores apresentem – de forma espontânea – como os educandos podem usar e julgar as informações, de que forma podem pesquisá-las, como selecioná-las, a melhor forma de compreendê-las no contexto social e como entender a utilidade dessas informações. Neste sentido, o papel da escola e dos educadores é de fundamental importância para levar os alunos a construir sua criticidade e aprender a se relacionar de forma seletiva para organizar as informações no âmbito do seu cotidiano.

Conforme Corrêa (2001, p. 21):

Devemos construir uma nova articulação entre tecnologia e educação, aquilo que chamaríamos de uma visão crítica, apesar do desgaste da palavra "crítica". Ou seja, compreender a tecnologia para além do mero artefato, recuperando sua dimensão humana e social. Lembrando que as tecnologias que favorecem o acesso à informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmas, educativas, pois, para isso, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa.

Uma maneira de termos as novas tecnologias associadas à educação é no contexto de que elas não impõem limites ou fronteiras para que o indivíduo possa obter conhecimentos. As novas tecnologias permitem que as pessoas obtenham as mais variadas informações em fração de minutos, independente do lugar em que estejam. Isto pode acontecer, inclusive, a caminho da escola, através de anúncios em cartazes, de um livro digitalizado na tela de um computador ou notebook, de programas sócio-educacionais em canais de TV aberta ou fechada. A esse movimento podemos dar o nome de democratização do saber.

Destaque-se que esses meios tecnológicos levam à melhoria da aprendizagem, ao interesse pela leitura, basta que alunos e professores se dediquem a ampliar seus conhecimentos no uso dessas tecnologias. No entanto, não se pode generalizar, pois, sendo o Brasil um país de grande extensão territorial e diversidade cultural, a dificuldade de manter os níveis de acesso a essas tecnologias se torna até certo ponto utópica, porém nota-se que não demorará muito para que todos estejam inseridos nesta realidade.

O uso das novas tecnologias tornou-se precedente, visto que estas oportunizam uma melhor assimilação dos conteúdos educacionais. A sociedade contemporânea não consegue mais pensar em educação dissociada da tecnologia. Há algumas décadas o quadro de giz, o caderno e até mesmo a caneta esferográfica eram vistos como o "novo" para a formulação e assimilação do processo ensino-aprendizagem, depois, vimos a chegada do retroprojeto, o rádio, a TV, o vídeo cassete. O que vemos hoje é a utilização massificada destes aparelhos, que muitas vezes são subutilizados ou utilizados apenas para "dar folga" ao professor que, em dados momentos, vê nestes instrumentos uma forma de não pensar o plano didático ou os tem como a opção mais viável para abordar diferenciadamente o conteúdo metodológico.

Sendo assim, um dos principais meios de comunicação da sociedade contemporânea, a internet, vem contribuindo de forma primordial para que seus usuários produzam textos. Esse instrumento pode ser utilizado pelo professor para trabalhar a interação entre a tecnologia e o uso da língua. Conforme Valente (1993, p. 8): "(...) o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo, e, portanto, o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador."

Vale salientar que é preciso ter um cuidado especial para não camuflar o ensino tradicional aplicando a ele uma "roupagem" moderna com o uso de computadores e data shows, por exemplo. Primeiro, identifica-se quais tipos de ensino se quer oferecer, depois, pensa-se em como adequá-lo ao uso desses instrumentos. Assmann (1995) faz um alerta incisivo: "se todas as demais condições necessárias melhorarem, mas os alunos não aprenderem mais e melhor, não há melhoria na qualidade da educação."

A televisão, por exemplo, é um dos meios de comunicação mais utilizados. Como se utiliza basicamente de imagens e sons não impossibilita que os indivíduos não letrados tenham acesso ao aprendizado por meio dela. A TV (como popularmente é conhecida) tem o poder de influenciar os costumes, inserir novas linguagens, lançar modismos de forma que não existem fronteiras. Todos se utilizam deste meio de comunicação independentemente da classe social em que se esteja inserido.

Sendo assim, os educadores podem se utilizar deste aparelho para tornar as aulas mais atrativas a seus alunos, fazendo com que eles compreendam melhor o conteúdo que está sendo trabalhado seja através da análise de uma propaganda comercial, seja através de um filme direcionado para o objetivo que se quer atingir. A TV pode ser utilizada desde a Educação Infantil, por meio de filmes educativos, próprios para a idade, ou mesmo a formação de graduandos ou pós-graduandos.

Outro meio de comunicação também bastante difundido é o rádio. Este, bem mais popular que a TV, tem um alcance ainda maior, pois consegue atingir desde a classe mais carente da sociedade até os altos executivos. Todos ouvem rádio e sentem necessidade de se manter informados, então, por que não utilizar este meio de comunicação em favor da educação? Por que não incentivar os alunos a pesquisar e preparar um projeto voltado para a elaboração de textos, músicas, propagandas e estes serem apresentados em uma rádio comunitária ou até mesmo a criação de uma rádio escolar?

A verdade é que são várias as propostas que escola e educadores podem utilizar, sendo necessário apenas o incentivo da comunidade escolar e o comprometimento com a proposta de ensino-aprendizagem. A sociedade atual tem sido exigente com relação às novas práticas educativas para a formação dos indivíduos. Existe o instrumento, que é a educação, o que precisamos para compor esse quadro é o comprometimento dos atores envolvidos neste panorama social – a comunidade escolar.

Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/novas-tecnologias-na-educacao-um-desafio-a-sociedade-globalizada/23078/#ixzz4QGrRtXER>. Acesso em 04 Jul. 2016

## **12/07/2016 – FINALIZANDO O DIÁRIO**

Os registros finais deste diário se resumem a uma folha em branco, com uma data no cabeçalho da folha. Este espaço, se encontra em estado de espera, como algo que estava por acontecer mas que deixou em aberto um campo de possibilidades para serem imaginadas ou ainda (re)criadas a partir dos encontros. Tratamos aqui também da última sequência dos registros. Com certeza não será a última da sequência de encontros, que espero que ainda serão muitos, mas será a última deste espaço/tempo e das palavras apreendidas. Apreendidas apenas em algumas poucas de suas qualidades mas que, através da grandeza dos acontecimentos vivenciados, trouxe a necessidade de marcar nestas linhas a vontade maior de dar visibilidade ao campo de forças que se colocou em movimento durante os encontros, trazendo como força geradora a necessidade de composição.

Encerrar esta parte do trabalho dos registros com uma folha em branco traz muitos significados, indo de encontro ao que se almejava desde o início de nossa prática, possibilitando abrir caminhos, espaços por onde inventar, pequenas brechas para visualizar e sentir, estar junto e inventar ou reinventar.... Abrir espaços, abrir passagens!

Apesar deste diário não ter sido proposital, esta página em branco vem reforçar o convite e a vontade da necessidade de oportunizar novos parceiros que queiram também escrever ou ainda traduzir esta página, atualizando-se o lugar de partida e também a vontade de fazer, independente de se saber como, quando ou por que. Esta página traz uma possibilidade de começo, pois todo começo possível parte de uma página em branco.

Fica aqui o convite a todos que quiserem fazer parte, andar, dançar, curtir, ir e vir...

## **ANEXO I**

Roteiro das entrevistas realizadas pelos alunos

### **ENTREVISTA COM O DIRETOR:**

**OLÁ, MEU NOME É \_\_\_\_\_ SOU ALUNO DO CURSO  
TÉCNICO \_\_\_\_\_ INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO  
MINEIRO – CAMPUS UBERLÂNDIA, E GOSTARIA DE REALIZAR UMA ENTREVISTA  
SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA.**

- 1 – POR FAVOR, FALE O SEU NOME.
- 2- HÁ QUANTO TEMPO ATUA NA ÁREA DOCENTE?
- 3- E COMO DIRETOR, HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESTA FUNÇÃO?
- 4- QUANTAS TURMAS A ESCOLA POSSUI DE 8º E 9º ANO, E QUAL A QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURMA?
- 5 - VOCÊ TEM CELULAR?
- 6 – O QUE VOCÊ ACHA DO USO DO CELULAR NO SEU COTIDIANO?
- 7 – E NA ESCOLA, COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR POR TODOS (ALUNOS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS)?
- 8 - NA SALA DE AULA, COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR POR PARTE DOS ALUNOS? COMO É ESSA RELAÇÃO: CELULAR X PROFESSOR X ALUNO?
- 9 - A ESCOLA PERMITE OU PROÍBE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA? CASO HAJA PROIBIÇÃO, COMO É FEITO ESTE CONTROLE?
- 10 - VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA ESTÁ SABENDO LIDAR COM A QUESTÃO DO CELULAR EM SALA DE AULA?
- 11 – DEIXE AQUI A SUA OPINIÃO GERAL SOBRE O ASSUNTO.
- 12– PALAVRA FINAL SOBRE O ASSUNTO.

**AGRADECEMOS MUITO O SEU APOIO. NOSSO INTUITO É ENTENDER UM POUCO MAIS  
SOBRE O ASSUNTO E CONTRIBUIR COM OS PROCESSOS EDUCACIONAIS.**

**ENTREVISTA COM O PROFESSOR:**

**OLÁ, MEU NOME É \_\_\_\_\_ SOU ALUNO DO CURSO  
TÉCNICO \_\_\_\_\_ INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO  
DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERLÂNDIA, E GOSTARIA DE REALIZAR  
UMA ENTREVISTA SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA.**

- 1 – POR FAVOR, FALE O SEU NOME.
- 2- HÁ QUANTO TEMPO ATUA NA ÁREA DOCENTE?
- 3- E COMO PROFESSOR, HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESTA FUNÇÃO?
- 4 – EM QUANTAS TURMAS VOCÊ MINISTRA AULA? EM QUAIS PERÍODOS?
- 5- VOCÊ TEM CELULAR?
- 6 – O QUE VOCÊ ACHA DO USO DO CELULAR NO SEU COTIDIANO?
- 7 – E NA ESCOLA, COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR POR TODOS (ALUNOS, COLEGAS PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS)?
- 8- NA SALA DE AULA, COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR POR PARTE DOS ALUNOS? COMO É ESSA RELAÇÃO: CELULAR X PROFESSOR X ALUNO?
- 9 - A ESCOLA PERMITE OU PROÍBE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA? CASO HAJA PROIBIÇÃO, COMO É FEITO ESTE CONTROLE?
- 10 - VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA ESTÁ SABENDO LIDAR COM A QUESTÃO DO CELULAR EM SALA DE AULA?
- 11 – DEIXE AQUI A SUA OPINIÃO GERAL SOBRE O ASSUNTO.
- 12 – PALAVRA FINAL SOBRE O ASSUNTO.

**AGRADECEMOS MUITO O SEU APOIO. NOSSO INTUITO É ENTENDER UM  
POUCO MAIS SOBRE O ASSUNTO E CONTRIBUIR COM OS PROCESSOS  
EDUCACIONAIS.**

**ENTREVISTA COM O (S) ALUNO (S):**

**OLÁ, MEU NOME É \_\_\_\_\_ SOU ALUNO DO CURSO  
TÉCNICO \_\_\_\_\_ INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO  
DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERLÂNDIA, E GOSTARIA DE REALIZAR  
UMA ENTREVISTA SOBRE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA.**

- 1 – POR FAVOR, FALE O SEU NOME, IDADE, SUA SÉRIE E TURMA
- 2- HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTUDA NESTA ESCOLA?
- 3- VOCÊ TEM CELULAR?
- 4 – APROXIMADAMENTE, QUANTAS HORAS VOCÊ UTILIZA O CELULAR NO DIA?  
FREQUENTEMENTE, VOCÊ UTILIZA O CELULAR PARA QUAIS FINALIDADES  
(REDE SOCIAL, ESTUDO, TRABALHOS, JOGOS, ETC)
- 5 – O QUE VOCÊ ACHA DO USO DO CELULAR NO SEU COTIDIANO? E NA ESCOLA?
- 6 – E NA ESCOLA, COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR POR TODOS (ALUNOS,  
COLEGAS PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS)?
- 7- NA SALA DE AULA, COMO VOCÊ VÊ O USO DO CELULAR POR PARTE DOS  
ALUNOS? COMO É ESSA RELAÇÃO: CELULAR X PROFESSOR X ALUNO?
- 8 - A ESCOLA PERMITE OU PROÍBE O USO DO CELULAR EM SALA DE AULA? CASO  
HAJA PROIBIÇÃO, COMO É FEITO ESTE CONTROLE?
- 9 - VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA ESTÁ SABENDO LIDAR COM A QUESTÃO DO  
CELULAR EM SALA DE AULA?
- 10 – DEIXE AQUI A SUA OPINIÃO GERAL SOBRE O ASSUNTO.
- 11 –VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA SABE LIDAR COM O USO DO CELULAR EM SALA  
DE AULA? FALE UM POUCO MAIS SOBRE ISSO.
- 12 – PALAVRA FINAL SOBRE O ASSUNTO.

**AGRADECEMOS MUITO O SEU APOIO. NOSSO INTUITO É ENTENDER UM  
POUCO MAIS SOBRE O ASSUNTO E CONTRIBUIR COM OS PROCESSOS  
EDUCACIONAIS.**

## **ANEXO II**

Exemplo das percepções entregues à pesquisadora pelos alunos

INSTITUTO FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

**O USO DO CELULAR E A TECNOLOGIA INSERIDA NAS SALAS DE AULA**

UBERLÂNDIA  
2016

INSTITUTO FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

## **O USO DO CELULAR E A TECNOLOGIA INSERIDA NAS SALAS DE AULA**

Trabalho realizado para auxiliar a Pesquisadra Nísia Maria Teresa Salles com a sua pesquisa para tese de mestrado direcionada ao uso de aparelhos eletrônicos dentro da sala de aula com base na opinião do autor sobre o uso do mesmo no cotidiano e também dentro do espaço pedagógico.

UBERLÂNDIA  
2016

## **1 A TECNOLOGIA ATUAL, CELULARES, NOTEBOOKS, PALMTOPS**

Já é normal atualmente encontrarmos pessoas portando vários tipos de aparelhos eletrônicos, como celulares, tablets, notebooks, palmtops, entre outros.

E também não é para menos, com as tecnologias disponíveis para esses aparelhos, é possível realizar diversas tarefas de forma rápida e simples, por exemplo realizar a compra de uma geladeira, é possível navegar por inúmeros sites, verificar qual possui o melhor preço e adquirir o produto, ou então sanar uma dívida, é possível fazer isso do conforto de sua própria casa ou escritório.

Mas também não é dito só como um meio de agilização de processos serviçais, como também é perceptível o crescimento do uso desses aparelhos por pessoas interessadas, digamos, em ter uma vida virtual ativa, sendo assim, o uso desses aparelhos para acessos a redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram, o antigo e bom Orkut e MSN, triplicaram nos últimos 10 anos. Também não podem ficar de fora os joguinhos, e vídeos também, que fazem parte da lista de coisas que não só a população mundial, mas também a brasileira gosta de usar e trabalhar na internet.

É indiscutível como a tecnologia atual permite ao ser humano agilizar atividades cotidianas, com os vários recursos presentes atualmente, como por exemplo a representação holográfica, que permite a uma pessoa estar presente em um local de forma “virtual”. A tecnologia não está presente para atrapalhar o ser humano, mas sim para ajudá-lo, desenvolvendo cada vez mais opções para deixar rápido e eficaz qualquer coisa que se queira fazer.

O ser humano, é claro, não é bobo. Existem pesquisas que provam que a maioria da população já possui acesso a esses serviços, excluindo somente uma.

## **2 O CELULAR NAS SALAS DE AULA**

Hoje o desafio enfrentado é a utilização da tecnologia a favor do processo pedagógico, contribuindo assim para a formação de cidadãos que sabem que podem contar com mais de um meio para consulta de informações. Porém, existem vários fatores que influenciam para que a questão do uso da tecnologia a favor da educação não dê certo, podemos perceber que ainda existem muitas escolas que proíbem de forma integral o uso do celular, o que atualmente não é mais eficaz, já que o celular pode ser usado para praticamente tudo, desde a própria consulta de informações já citada, até mesmo usá-lo como caderno para armazenamento de informações da aula.

Eu mesmo tive uma professora de português que usava a tecnologia como sua aliada, procurando o conteúdo programático na internet e até mesmo exercícios, que algumas vezes eram até melhores do que os do livro utilizado na escola. Me lembro que uma vez ela esqueceu o livro em casa e procurou o mesmo em formato digital na internet e acabou dando a aula com ele.

Mas o problema é que não são todos os professores que pensam dessa forma, que a tecnologia é sua aliada, acham que qualquer uso do celular na aula já está diretamente ligado com acesso a rede social, jogando ou vendo vídeos, o que seria um pré conceito por parte deles, assim eles continuam fazendo o uso de métodos que já forma muito funcionais antigamente, quando não existia computadores, celulares ou coisa do gênero, mas que acaba deixando a aula monótona e sem graça.

Mas não é impossível mostrar a eles que a tecnologia pode ser sua aliada, não só sua inimiga como eles pensam. Muitos já percebem que os métodos antigos não são tão funcionais atualmente e pedem sugestões e formas de fazer essa inserção e promover uma educação mental nos alunos para que eles façam o uso correto do aparelho.

O celular como já foi dito algumas vezes pode e deve servir como um auxílio positivo dentro de sala, tanto para o professor quanto ao aluno. Ele também pode colaborar muito não só com as pessoas, mas também com o meio ambiente, pois cada aluno com um celular dentro de sala e o professor também, poderia ser adotado os materiais digitais, o que não quer dizer que eliminaria os antigos materiais, como caderno, borracha, lápis, mas que diminuiria o consumo, medida que influenciaria diretamente no cuidado com o meio ambiente, e a extração de materiais que futuramente poderiam fazer falta ao ser humano, como as árvores que devem ser derrubadas para a fabricação de lápis e papel, e extração do látex para fazer a borracha.

Tudo está a nossa disposição, o que falta é ser com a velha expressão popular diz “*mente aberta*”, e ver as oportunidades disponíveis, não adianta proibir, mas se pode usá-lo como aliado.